



UNESPAR
Universidade Estadual do Paraná



OPERAÇÃO
RONDON
PARANÁ

2024

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS
RONDONISTAS DA UNESPAR**

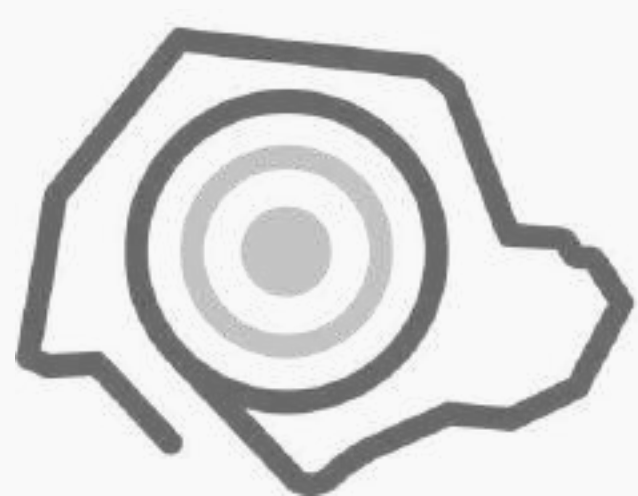
ORGANIZADORES:

SEBASTIÃO CAVALCANTI NETO

CAMILA MATOS

VALDERICE HERTH JUNKES

JOÃO MIQUILINI



OPERAÇÃO
RONDON
PARANÁ

2024

**RELATOS DE EXPERIÊNCIAS DOS
RONDONISTAS DA UNESPAR**

ORGANIZADORES:

SEBASTIÃO CAVALCANTI NETO

CAMILA MATOS

VALDERICE HERTH JUNKES

JOÃO MIQUILINI

2024 © Permitida a reprodução para fins educacionais desde que citando a fonte e o devido nome dos autores.

Relatos de experiência dos rondonistas da Unespar. (1ª Edição)

Sebastião Cavalcanti Neto, Camila Matos, Valderice Herth Junkes, João Antonio Chaves Miquilini, Marcia Cristiane Morais Bortoleto

Diagramação: Alanna Louise Wolf Wudarski

Design de Capa e Projeto Gráfico: Alanna Louise Wolf Wudarski

Revisão de língua portuguesa: Hevelin de Souza Farias

R382
Organização

Relatos de experiência dos rondonistas da Unespar/

Sebastião Cavalcanti Neto; Camila Matos; Valderice Herth Junkes; João Antonio Chaves Miquelini; Marcia Cristiane Morais Bortoleto - Paranaguá: Unespar, 2024. 120p.

ISBN: 978-65-86807-62-2

1. Universidade Estadual do Paraná - Aspectos Sociais. 2. Extensão universitária. 3. Projeto Rondon. I. Cavalcanti Neto, Sebastião (Org.), II. Matos, Camila (Org.). III. Junkes, Valderice Herth. IV. Miquelini, João Antonio Chaves (Org.).

CDD 378.1554981
23. ed.

Ficha catalográfica elaborada por Leociléa Aparecida Vieira - CRB 9/1174



RELATOS OPERAÇÃO RONDON

Neste e-book, você, leitor, terá acesso a um conjunto de depoimentos encantadores feitos por rondonistas da Universidade Estadual da Paraná, UNESPAR, relatando suas experiências e vivências em uma edição da Operação Rondon Paraná, realizada na região Centro-sul do estado.

O Projeto Rondon foi criado em 11 de junho de 1967 e tinha como lema “integrar para não entregar”. Desde o início, o objetivo foi o de contribuir para a formação cidadã dos estudantes universitários, levando-os a desenvolver ações nas regiões mais remotas do país, com grandes desafios humanitários, voltadas à execução de atividades que pudessem promover inclusão e redução das desigualdades regionais.

Em 1989, esse programa nacional foi extinto, sendo retomado em 2005 pelo governo federal, atendendo à proposta encaminhada pela União Nacional dos Estudantes, UNE, agora sob o slogan “lição de vida e cidadania”.

O Estado do Paraná, de forma pioneira no país, desde 2015, realiza operações estaduais denominadas de Operação Rondon Paraná. Trata-se de um projeto executado por professores, funcionários e estudantes das sete universidades estaduais do Paraná, em parceria com outras instituições de ensino superior convidadas, seguindo as diretrizes principais do Projeto Rondon nacional, coordenado pelo Ministério da Defesa, cujo objetivo é levar a comunidade acadêmica a um período de imersão em realidades desafiadoras, com foco principal na atuação com diversos serviços em comunidades carentes, com vistas à formação cidadã.

Essa é uma ação realizada com a articulação e o financiamento da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, em parceria com as Pró-Reitorias de Extensão das Universidades estaduais paranaenses. A cada ano, destina-se a um conjunto de municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) em diferentes regiões do estado.

São muitos os objetivos do projeto, mas quero destacar uma característica da ação rondonista que, do meu ponto de vista, merece ser enfatizada: as operações Rondon promovem relações de troca



entre comunidade acadêmica e a comunidade atendida pelo projeto, que impactam profundamente todos os envolvidos. A ideia de troca é tão intensa que se torna difícil dimensionar, com clareza, quem é mais profundamente impactado: a comunidade que “atende” ou se a comunidade que é “atendida”. Os relatos aqui publicados dão a clara dimensão dessa questão, tornando perceptível o papel transformador que essa experiência exerce na vida de cada rondonista participante.

Ao ver as imagens desta publicação e ler os relatos contidos nela, você acompanhará o “diário de rondonistas”, que destaca as experiências diárias da operação, e encontrará depoimentos emocionados e lugares pouco conhecidos da realidade paranaense. Mergulhará em um mundo vivido por outros, mas que fala diretamente a você e o convida a participar desse universo de trocas, onde quem “assiste” ganha tanto quanto quem é “assistido”, e quem se dedica a impactar positivamente a vida de alguém é tão impactado quanto o efeito que conseguiu causar.

Ser rondonista é exercer uma missão e entregar-se ao serviço; implica sair de si para ir ao encontro das necessidades do outro requer capacidade de se doar e abertura para receber. Conheço rondonistas que, há muitos anos, participam de todas as oportunidades que encontram e nunca deixam de aprender. Parecem viciados na adrenalina de conhecer as pessoas em suas necessidades e tentar ajudá-las a ver um mundo além do imediatamente conhecido, descortinando oportunidades e possibilidades e fecundando mentes que passam a gerar novos mundos.

Quero parabenizar a UNESPAR pela iniciativa de publicizar os relatos de experiência e desejar vida longa à Operação Rondon Paraná.

Desfrute da leitura e se deixe levar.

Prof. Dr. Aldo Nelson Bona

Secretário de Estado da Ciência,
Tecnologia e Ensino Superior do Paraná



OPERAÇÃO RONDON PARANÁ 2024

Salete Paulina Machado Sirino

Os relatos presentes neste livro evidenciam a importância da Operação Rondon Paraná para aqueles e aquelas que dela participam. Ficam marcadas em suas memórias os detalhes que podem passar despercebidos para alguns, mas que se tornaram motivo de transformação para outros. Ao ler os textos escritos pelos acadêmicos e pelas acadêmicas, podemos compreender o verdadeiro significado de participar da Operação Rondon Paraná.

Trata-se de um Programa de Extensão e Pesquisa, nos moldes da Operação Rondon Nacional, apoiado pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) e executado pelas Universidades Estaduais do Paraná, com o apoio das Prefeituras Municipais das regiões que necessitam de ações sociais que estimulem o desenvolvimento humano.

Para atender às demandas apresentadas pelas prefeituras, são formadas equipes constituídas por estudantes da graduação e docentes, que têm a atribuição de atuar nos municípios, realizando ações que trarão resultados duradouros para a população nas mais diversas áreas. Por meio das atividades propostas por cada conjunto de estudantes, as comunidades envolvem-se com a cultura, a comunicação, os direitos humanos, a saúde, a tecnologia, dentre tantos outros temas tratados pelos(as) rondonistas.

Além da importância dessas ações para as comunidades que recebem os(as) rondonistas, destaca-se a formação de estudantes e docentes que se envolvem em um trabalho voluntário, aproximando-se da comunidade para compreenderem os anseios da população. Nesse sentido, a Operação Rondon Paraná proporciona o intercâmbio dos(as) acadêmicos(as) em cenários diversos de sua realidade e, por meio da interação, cumpre a função social da Universidade.

Do envolvimento dos(as) rondonistas com as atividades preparadas, torna-se evidente a formação de profissionais que vão além de simples técnicos(as) mas profissionais cidadãos(ãs), capazes e sentir e perceber o mundo à sua volta sem fechar os olhos para as necessidades de muitas pessoas.

É emocionante ler os relatos de atividades simples que levaram os(as) acadêmicos(a) a perceberem as pessoas de maneira mais profunda, compreendendo que os trabalhos realizados não se limitava a ministrar conteúdos ou transmitir informações, mas que era necessário afeto, empatia, olhar o outro e sentir os seus sentimentos. Essa percepção transformou a recepção do que estava sendo ministrado.

Ao final, apesar do frio e das dificuldades encontradas na execução das atividades, o que permanece são os sentimentos. A certeza de que algo importante foi deixado para aquela comunidade, assim como a convicção de que cada um e cada uma foi transformado(a) pelos olhares, sorrisos e agradecimentos recebidos. A vida se torna mais leve quando é compartilhada.

Por essa razão, agradeço todo o empenho de cada acadêmico, de cada acadêmica, de cada docente e toda a equipe envolvida na realização deste programa, que contribui para a formação dos estudantes e também para a transformação social. Agradeço pela oportunidade de ler os relatos e vivenciar, mesmo à distância, os acontecimentos e as experiências transformadoras que tiveram.

Agradeço ao Professor Sebastião Cavalcanti Neto, Coordenador Institucional na UNESPAR, pelo empenho, compromisso e disposição em levar adiante este projeto. Meus sinceros agradecimentos ao Professor Aldo Nelson Bona, Secretário de Ciência Tecnologia e Ensino Superior, pela sensibilidade em propor a realização da Operação Rondon Paraná, assim como a toda a equipe da SETI que muito contribuiu para o sucesso dessa jornada.

Salete Paulina Machado Sirino

Reitora da UNESPAR



OPERAÇÃO RONDON PARANÁ 2024

Rosimeiri Darc Cardoso

Seguindo os moldes da Operação Rondon Nacional, a Operação Rondon Paraná tem como objetivo contribuir com municípios do estado que apresentam baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), por meio de ações coordenadas pelas equipes de rondonistas, compostas por acadêmicos(as) e docentes. Trata-se de uma ação conjunta coordenada pela Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI) e executada pelas Universidades Estaduais, em parceria com as prefeituras municipais.

Cada universidade conta com um Coordenador Institucional, dois conjuntos de dez acadêmicos, orientados por dois docentes, totalizando vinte acadêmicos(as) e quatro docentes. As ações da Operação Rondon Paraná são realizadas de acordo com as oito áreas de atuação definidas pelo Plano Nacional de Extensão Universitária divididas em dois conjuntos: o conjunto A (Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação e Saúde) e o conjunto B (Comunicação, Trabalho, Meio Ambiente, Tecnologia e Produção).

Além de organizar a partir das áreas da Extensão, a operação segue diretrizes da extensão universitária, considerando as demandas dos municípios. Essas demandas são trazidas aos docentes que coordenam os grupos de rondonistas, permitindo que sejam planejadas atividades que atendam às necessidades da região, por meio de oficinas, rodas de conversa, jogos, brincadeiras, atividades culturais e muitos outros conteúdos.

Outra diretriz da extensão importante é a formação dos(as) acadêmicos(as), que são profundamente impactados(as) pelo contato direto com a comunidade local durante os dias que estão no município. Esse convívio provoca um choque de realidade, levando-os a refletirem sobre sua formação técnico-profissional, mas também de uma formação humana e cidadã.

Os relatos contidos neste livro revelam que essa é, sem dúvida, a maior contribuição da Operação Rondon na formação dos(as) participantes. É impressionante ler como os(as) acadêmicos(as) percebem que a falta de atenção de alguns nas oficinas é resultado da necessidade de afeto, de um sorriso, de um gesto que possa envolver a pessoa na atividade. Seja trabalhando com os adultos, as crianças ou os idosos, todos foram impactados pelo afeto, pela empatia, pela solidariedade, pelo desejo de ir além de simplesmente cumprir uma meta ou realizar um trabalho.

É igualmente gratificante perceber que a comunidade onde os rondonistas atuaram foi tocada por suas palavras, gestos, olhares, atenção e pelo conhecimento compartilhado. Nessa interlocução, não há dúvidas de que todos saíram beneficiados e retornaram para suas vidas cotidianas transformados.

Entre as várias vozes que ecoam dos relatos, fica a reflexão sobre o que queremos ser e o que queremos fazer com o que conhecimento acumulado ao longo dos anos na universidade. Não há dúvidas de que projetos de extensão, como a Operação Rondon Paraná, contribuem para a integração entre Universidade e Sociedade, permitindo que os(as) acadêmicos(as) possam vivenciem experiências que vão além do que as salas de aula podem oferecer. Durante a realização das atividades, outros ensinamentos, tão importantes quanto os técnicos, passam fazer parte da formação cidadã de cada rondonista.

Meus sinceros agradecimentos à Secretaria de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, por oportunizar a realização da Operação Rondon Paraná; à Coordenação Institucional da Operação Rondon na UNESPAR, Professor Sebastião Cavalcanti Neto; aos professores orientadores; aos estudantes que participaram e se dispuseram a escrever seus relatos, permitindo-nos indiretamente de participar da experiência, e, por fim, mas não menos importantes, aos moradores de cada cidade que nos receberam e contribuíram para o sucesso de mais uma Operação Rondon Paraná.

Prof^a. Dr^a. Rosimeiri Darc Cardoso

Pró-Reitora de Extensão e Cultura da UNESPAR



OPERAÇÃO RONDON PARANÁ 2024

Sebastião Cavalcanti Neto

Em 2023, recebemos o chamado da Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior para uma reunião de discussão sobre a realização da Operação Rondon Paraná, em busca de uma atividade similar à realizada pelo Ministério da Defesa em âmbito nacional. Iniciava-se ali um sentimento de que, enquanto professor universitário, eu poderia contribuir muito mais com a formação dos nossos acadêmicos e com o desenvolvimento da sociedade nos municípios com menor Índice de Desenvolvimento Humano.

A primeira edição, realizada no Vale do Ribeira e no Litoral Paranaense, foi um piloto para nós. Convencer docentes voluntários a coordenar as atividades nos municípios, recrutar acadêmicos para compor nossas equipes de rondonistas e dar os primeiros passos nesta que chamamos de missão extensionista.

Agora, em 2024, já mais seguros dos nossos propósitos, conseguimos constituir uma equipe com docentes, agentes universitários e acadêmicos, e partimos para Guarapuava, já com uma preocupação a mais: o clima. As previsões meteorológicas apontavam que as temperaturas poderiam chegar próximas a zero graus Celsius, o que realmente se confirmou, e ainda com chuva, sendo um obstáculo adicional para nossos rondonistas, tudo isso no período de recesso acadêmico.

Durante as atividades, ao ver o comprometimento, a responsabilidade e a alegria dos nossos rondonistas – isso mesmo que via: alegria. chuva, frio, dormir em alojamento, mas sempre com o sentimento de um rondonista, o de levar seu conhecimento para melhor a qualidade de vida das pessoas atendidas.

Cada criança, adolescente, adulto ou pessoa idosa atendida trouxe a certeza do dever cumprido por nossos rondonistas. Toda essa experiência dos nossos rondonistas não poderia ficar guardada apenas na memória ou em seus currículos pessoais. Precisaríamos compartilhá-la com nossa comunidade acadêmica. Surgiu então o desafio: “Se até trinta dias após o encerramento da Operação

Rondon Paraná 2024, vocês me enviarem um relato de experiência nos responsabilizamos em produzir um e-book e irmos todos para Praia de Leste para lançamento durante o SIPEC – Seminário de Integração Pesquisa, Extensão, Cultura, Inovação e Tecnologia da UNESPAR, em novembro”.

Como todo rondonista, os desafios servem de mola propulsora, e aqui está o resultado: nosso primeiro e-book com o relato das experiências vividas pelos acadêmicos da UNESPAR na Operação Rondon Paraná em 2024. Para redigir esta apresentação, foi necessária uma leitura dos relatos apresentados, e, confesso, os olhos ficaram marejados diversas vezes com as histórias, ficando a certeza de que a atividade está contribuindo com a formação de cidadãos comprometidos com a busca de um mundo melhor para todos.

Fica a gratidão a cada rondonista, com o desejo de que essa chama jamais se apague. Que em todas as ações profissionais e pessoais que desenvolverem, levem um pouco deste sentimento e o orgulho de ser RONDONISTA.

Profº. Dr. Sebastião Cavalcanti Neto

Coordenador Institucional da
Operação Rondon na UNESPAR

SUMÁRIO

CONJUNTO “A”	13
RELATO: Coordenadores do Conjunto “A”	14
RELATO: Aline Pereira de Souza	26
RELATO: Ana Carolina Rodrigues Souza	29
RELATO: Emanuelle Chinaider	33
RELATO: João Paulo Dainelli	40
RELATO: Larissa Pereira da Silva	44
RELATO: Marielly Deise Rodrigues Tiago	50
RELATO: Mauri Krekog dos Santos	56
RELATO: Tainá Tavares de Carvalho	61
CONJUNTO “B”	65
RELATO: Coordenadores do Conjunto “B”	66
RELATO: Anna Luiza de Camargo Silva	75
RELATO: Arthur Ribeiro Guirro	80
RELATO: Fabrício Pereira Diniz / João Pedro Naves Benedito	83
RELATO: João Pedro de Souza Olivo Tardivo	87
RELATO: João Pedro Naves Benedito / Fabrício Pereira Diniz	93
RELATO: Luiz Victor de Moraes	96
RELATO: Luka Alves Claro	99
RELATO: Matheus Henrique Stoco de Moraes	105
RELATO: Paloma de Castro Leite	109
RELATO: Theo Okagawa Rodrigues	114
Conclusão	118
REFERÊNCIAS	119



EQUIPE

CONJUNTO “A”

COORDENADORES

Valderice Herth Junkes

João Miquilini

ALUNOS

Aline Pereira de Souza

Ana Carolina Rodrigues Souza

Emanuelle Chinaider

João Paulo Dainelli

Larissa Pereira da Silva

Marielly Deise Rodrigues Tiago

Mauri Krekog dos Santos

Tainá Tavares de Carvalho



RELATO

*VALDERICE HERTH JUNKES
JOÃO MIQUILINI*

Coordenadores do Conjunto “A”
Reserva do Iguaçu

APRESENTAÇÃO

A extensão universitária tem se consolidado como um elemento fundamental na integração entre ensino, pesquisa e ação comunitária, permitindo que o conhecimento acadêmico ultrapasse os muros da universidade e impacte positivamente a sociedade (Labiak, Novais e Silva, 2020). Nesse contexto, a Operação Rondon Paraná surge como uma importante iniciativa, coordenada pela Secretaria de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), que mobiliza estudantes e professores de instituições estaduais de ensino superior, além de instituições de ensino convidadas, para participarem de ações voltadas à promoção da cidadania e do desenvolvimento sustentável em comunidades vulneráveis (SETI, 2024).

Nesse sentido, este relato descreve a experiência extensionista durante a edição de 2024 da Operação Rondon Paraná, realizada entre os dias 5 e 19 de julho, na qual 222 alunos e 50 professores participaram de 878 ações extensionistas em 11 municípios da região Centro-Sul do estado. A operação, que tem como objetivos principais a inclusão social, a redução das desigualdades regionais e a melhoria da qualidade de vida, oferece uma oportunidade única para que os participantes desenvolvam habilidades profissionais e contribuam para o fortalecimento da cidadania nas comunidades atendidas. Assim, este estudo foca nas atividades realizadas pela equipe no município de Reserva do Iguaçu, destacando os desafios enfrentados e os resultados alcançados, com

ênfase no impacto dessas ações tanto para a comunidade quanto para os rondonistas envolvidos.

Por fim, este relato destaca os desafios e conquistas da operação, comprovando a importância da prática extensionista no desenvolvimento de habilidades e na consolidação da cidadania. Também ressalta a contribuição da Operação Rondon para as comunidades atendidas e para o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes envolvidos.

METODOLOGIA

A metodologia adotada aqui para este relato de caso seguiu uma abordagem qualitativa e descritiva, focando nas práticas extensionistas realizadas durante a Operação Rondon Paraná, especificamente no município de Reserva do Iguaçu. As atividades foram desenvolvidas entre os dias 5 e 19 de julho de 2024, em colaboração com estudantes e professores da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Inicialmente, foram realizadas conversas entre os professores coordenadores e o coordenador institucional da UNESPAR, nas quais foram discutidos os objetivos da operação e as áreas prioritárias para a intervenção em Reserva do Iguaçu. Em seguida, os professores fizeram a viagem precursora no município, que consistiu em uma visita preliminar à cidade para identificar as necessidades locais, verificar as condições de alojamento para os rondonistas, e conhecer os restaurantes que forneceriam as refeições durante a operação. Esta visita também incluiu reuniões preliminares com as secretarias municipais para discutir as demandas específicas da comunidade.

Posteriormente, com base nas informações coletadas durante a visita preliminar, foi realizada a seleção dos alunos que iriam compor as equipes. Essa seleção ocorreu por meio de entrevistas, levando em consideração as competências e interesses dos estudantes nas áreas solicitadas pela prefeitura. Desta forma, os alunos selecionados foram divididos em grupos responsáveis por diferentes áreas de intervenção, como Educação, Saúde, Meio Ambiente, Direitos Humanos, e Tecnologia.

Após a formação das equipes, os professores e agentes universitários coordenadores conduziram reuniões regulares com os alunos para orientar a preparação das oficinas e atividades. Essas reuniões incluíram a troca de materiais didáticos, a elaboração de cronogramas detalhados para cada atividade e discussões necessárias sobre a operação. Além disso, os coordenadores também foram responsáveis por garantir discussões com a coordenação do município sobre a disponibilidade de locais adequados para a realização das oficinas, pela aquisição dos materiais necessários e pela divulgação da operação na comunidade.

Em seguida, durante a operação, os rondonistas se deslocaram para o município, conheceram e organizaram o alojamento e iniciaram a preparação

das atividades diariamente no município de Reserva do Iguaçu, em parceria com a equipe da UEPG. As oficinas, palestras e capacitações foram oferecidas a diferentes segmentos da população, incluindo professores, profissionais da educação, lideranças comunitárias, crianças e a comunidade em geral. O público-alvo das atividades foi selecionado com base nas necessidades identificadas durante a visita preliminar e nas diretrizes fornecidas pela prefeitura.

Ao longo das duas semanas de operação, os professores acompanharam de perto a execução das atividades, oferecendo suporte aos alunos e ajustando as ações conforme necessário. Relatórios diários foram produzidos para documentar o progresso das atividades, identificar desafios e propor soluções imediatas. Ao final da operação, uma avaliação conjunta foi realizada entre as equipes da UNESPAR e da UEPG, nas quais foram discutidos os resultados alcançados, as dificuldades enfrentadas e as lições aprendidas.

RESULTADOS

Reserva do Iguaçu é um município localizado no estado do Paraná, cujos habitantes são chamados de reservenses. Com uma área de 834,2 km², a cidade possuía uma população de 8.010 habitantes, de acordo com o último censo, resultando em uma densidade demográfica de 9,6 habitantes por km². Reserva do Iguaçu faz fronteira com os municípios de Foz do Jordão, Pinhão e Mangueirinha, estando situada a 40 km ao sudoeste de Pinhão, a cidade mais próxima (CIDADE-BRASIL, 2021). Em 4 de setembro de 1995, a Lei Estadual nº 11.163 criou o município de Reserva do Iguaçu, por desmembramento do distrito de Reserva e parte do distrito de Pedro Lustoza, município de Pinhão, sendo determinada como zona cívico-administrativa sede o perímetro urbano da localidade de Rondinha.

A cidade é conhecida por abrigar a Usina Hidrelétrica de Segredo, uma das maiores do estado do Paraná, que desempenha um papel importante na geração de energia elétrica para a região. Além disso, Reserva do Iguaçu também é reconhecida por suas paisagens naturais, que incluem áreas de mata atlântica e o Rio Iguaçu, atraindo visitantes interessados em ecoturismo e atividades ao ar livre. A agricultura e a pecuária são outras atividades econômicas relevantes no município, contribuindo para o sustento da população local.

Assim, para a realização da Operação Rondon Paraná no município de Reserva do Iguaçu, foi realizada a visita precursora, na qual foram coletadas informações cruciais sobre o município e suas necessidades. Em relação ao alojamento e alimentação, foram realizadas visitas em escolas e restaurantes, sendo escolhida uma escola que já possuía chuveiros e estava localizada no centro da cidade, próxima aos comércios, o que facilitaria o deslocamento da equipe. O restaurante escolhido estava convenientemente situado nas proximidades da escola. As principais demandas identificadas incluíram ações de fomento à agricultura familiar orgânica, formação e desenvolvimento de

cooperativas, turismo como fonte de renda, além de diversas oficinas como reciclagem, saneamento básico e cuidados com a água, promoção e prevenção de ISTs e gravidez na adolescência, autocuidado feminino e muitos outros temas. Também foram realizadas diversas atividades com as crianças nas escolas, como: brincadeiras tradicionais, reciclagem, jogo da memória, colorindo meio ambiente, cinema, entre outras. Além disso, foram propostas oficinas de formação em oratória: como falar em público, promoção de eventos, fotografia, atendimento ao público e muitas outras atividades.

Durante as reuniões de planejamento, os alunos foram orientados sobre a cidade, os recursos disponíveis e as necessidades de materiais para as oficinas. Nessa etapa ainda surgiram os maiores desafios relacionados à elaboração do cronograma das oficinas, considerando as incertezas quanto à presença do público, o desconhecimento da zona rural e as condições climáticas. Além disso, na montagem do cronograma, foi levado em consideração a alocação das oficinas de modo a garantir a participação da maior parte dos alunos, de maneira que os mesmos pudessem se auxiliar mutuamente no desenvolvimento das atividades. No caso das escolas, o desafio era atender todas as turmas de modo simultâneo, considerando o grande número de alunos.

Ao chegar na cidade, a recepção foi realizada pela equipe do município de maneira calorosa, porém foi observada a falta de conhecimento dos munícipes sobre a Operação Rondon. Nesse sentido, foi reforçada a divulgação na boca a boca. Além disso, no segundo dia, a equipe já estava começando se entrosar, de forma que já não havia equipe de UNESPAR e UEPG, mas sim um único grupo unido pelo objetivo de levar conhecimento e serviços à cidade. O desafio principal foi garantir que os alunos estivessem se sentindo bem, acomodados no alojamento com cobertas, colchões e roupas adequadas devido ao clima frio e às chuvas constantes. Com o apoio do comitê da prefeitura, foi possível atender às necessidades dos rondonistas.

No primeiro dia de operação, após a acolhida do município aproveitamos a oportunidade para ajudar na decoração da festa junina da escola Pedro Siqueira, onde estávamos alojados e iríamos conduzir as primeiras oficinas na segunda-feira. Aproveitamos este dia para conhecer melhor a equipe de rondonistas e também os funcionários da escola. No sábado, buscamos nos conhecer melhor e realizamos uma reunião de apresentação entre a equipe, na qual estabelecemos alguns pontos importantes para a boa convivência. No período da tarde, conhecemos os pontos turísticos da cidade (Figura 1).

Figura 1 - Registros dos pontos turísticos de Reserva do Iguaçu



Fonte: Registradas pelo autor.

Já no domingo, realizamos o ensaio de uma quadrilha personalizada sobre a Operação Rondon para a festa junina da escola, que ocorreu no período da tarde. Na festa junina, ajudamos nas atividades, como a organização do evento, pinturas nos rostos das crianças, fotografias, cuidado com a cama elástica e interação e divulgação da Operação Rondon as pessoas entre os presentes (Figura 2).

Figura 2 - Registros da preparação e de ações da festa junina.



Fonte: Registradas pelo autor.

Na segunda-feira, iniciamos nossas oficinas na primeira escola, onde ocorreram cerca de sete oficinas simultâneas, com aproximadamente 1 hora de duração em cada turma, nos períodos da manhã e tarde. As turmas do mesmo ano e com idades semelhantes foram unidas, atingindo cerca de 400 alunos. Assim, a cada hora, os condutores de oficinas mudavam de sala, permitindo que todas as turmas tivessem acesso a, pelo menos, quatro oficinas diferentes. As oficinas ofertadas foram: colorindo o meio ambiente, origami, jogo da memória, cinema, brincadeiras tradicionais, saneamento básico e cuidado com a água e

reciclagem e separação do lixo. Um grande desafio para os rondonistas e crianças, foi a chuva constante e o frio intenso, que resultaram em uma presença menor de crianças do que o normal.

Na terça-feira, foi realizada uma programação semelhante na Escola Monteiro Lobato com as crianças, além de uma palestra sobre liderança e desenvolvimento para os professores. Já na quarta-feira, as atividades foram semelhantes na escola de Santa Luzia e Pedro Soares, onde, no período da manhã, todos estiveram na primeira escola, e, à tarde, o grupo foi dividido. Na comunidade da escola Santa Luzia, realizamos visitas às casas, convidando as famílias para oficinas no período da tarde. No entanto, devido ao tempo chuvoso, não houve público. No mesmo período foi realizado uma oficina com os professores sobre reciclagem e soluções sustentáveis. Na Figura 3, é possível visualizar alguns registros desses dias.

Figura 3 – Registros realizados nos três dias de oficinas



Fonte: Registradas pelo autor.

Durante estes dias, os rondonistas vivenciaram muitos aprendizados, pois muitos nunca haviam realizado atividades semelhantes nem conhecido realidades de carência emocional, social e financeira. Apesar dessas situações, os rondonistas receberam muito carinho e amor das crianças, sendo possível vir a felicidade tanto da equipe, por realizar o trabalho, quanto das crianças, por

receberem atenção e oportunidade de aprendizado. Ver os alunos conquistando seus objetivos nos deixou muito feliz.

Outro momento marcante desta operação foi a visita à comunidade quilombola, uma experiência profundamente enriquecedora e transformadora para os rondonistas. Desde o momento da chegada, a equipe foi calorosamente acolhida pelos moradores, que compartilharam suas histórias, tradições e modos de vida com uma generosidade impressionante. Os rondonistas realizaram oficinas de artesanato com a confecção de bonecas abayomi e produção de vasos para plantas, bem como oficinas sobre promoção e prevenção de ISTs e uso correto de preservativos, reciclagem, saneamento básico e cuidado com a água. Além disso, houve uma roda de conversa, na qual foi possível aprender sobre a rica herança da comunidade e sua luta pela preservação de sua identidade e direitos. Nessa comunidade, a hospitalidade criou um ambiente de troca mútua, em que os rondonistas não apenas levaram conhecimento e apoio, mas também receberam valiosas lições de resiliência, união e orgulho cultural, fortalecendo os laços de respeito e colaboração entre todos os envolvidos. A Figura 4 apresenta alguns registros desse dia memorável.

Figura 4 - Registros da visita a comunidade Quilombola



Fonte: Registradas pelo autor.

Durante a operação, diversas atividades e desafios marcaram a programação. No dia 11/07, não conseguimos sair do alojamento, devido às fortes chuvas, o que impediu a participação das comunidades rurais. No dia 13/07, todos os eventos também foram cancelados. No entanto, fomos até a vila da Copel, na escola Monteiro Lobato, para ajudar na regularização fundiária das famílias, o que foi um grande marco na história dessa população.

No dia 14/07, devido à intensa chuva, a programação foi novamente cancelada. Nesse dia, recebemos a equipe de comunicação para a gravação de um documentário com dois professores e dois alunos de cada universidade. Todas as entrevistas foram maravilhosas, mas a da “mãezinha Margareth” foi especialmente marcante, demonstrando que a equipe havia se tornado uma família. A entrevista do aluno Mauri também marcou bastante, pois ele falou sobre a comunidade indígena e como a Operação Rondon tem impactado a sua vida. No final da entrevista, ele abraçou a professora Valderice e deu a ela um nome kaingang, “Krig”, que significa estrela. No final do dia, nosso ponto focal trouxe o cantor Zé Moraes, da cidade, que compartilhou um pouco de sua história e cantou algumas músicas.

No dia 15/07, ficamos na sede do município. Pela manhã, participamos do evento no Luz e Arte, com oficinas para as crianças, como colorindo o meio ambiente, prevenção contra dengue e jogo da memória. Paralelamente ocorreu uma oficina com os professores e conselheira tutelar, abordando temas como promoção e prevenção de ISTs e uso correto de preservativos, cuidados femininos e marcos de desenvolvimento infantil. À tarde, realizamos atividade com as gestantes no CRAS da cidade, com as mesmas oficinas destinadas ao público adulto da manhã, mas com foco em gestantes. Além disso, ocorreram oficinas sobre renda familiar, patrimônio cultural e fotos e vídeos. Embora a participação do público tenha sido reduzida, as atividades realizadas foram proveitosas.

No dia 16/07, realizamos as demais oficinas com as crianças no Luz e Arte durante a manhã. À tarde, fomos conhecer a Usina Hidrelétrica Governador Ney Aminthas de Barros Braga, conhecida como Usina do Segredo, onde os alunos tiveram a oportunidade de conhecer a história e todo o processo de produção (Figura 5).

Figura 5 – Visita a Usina Hidrelétrica Governador Ney Aminthas de Barros Braga



Fonte: Registradas pelo autor.

No dia 17/07, realizamos oficinas no período da manhã com funcionários da prefeitura, abordando diversos temas, como: Oratória: Como falar em público, As redes sociais como ferramenta de gestão empreendedora, Turismo como base de renda, Gestão de pequenos negócios, Marcos do desenvolvimento infantil, Fotos e vídeos usando o celular, Cultura e Patrimônio, entre outros. Essas foram as únicas oficinas com um grande público, contando com mais de 70 pessoas (Figura 6a). Já no período da tarde, fomos para a comunidade do Barreiro, onde também tivemos um grande público, com participação de pessoas de diversas idades. Os rondonistas conduziram oficinas tanto para as crianças quanto para os adultos (Figura 6b). Foi interessante perceber o interesse dos adultos em todos os temas, que variaram desde IST's até compostagem e reciclagem de resíduos.

No dia 18/07, para encerrar o último dia de programação, trabalhamos com o CRAS no período da manhã, onde ocorreram oficinas para todos os públicos, seguidas por uma festinha junina, com grande participação. No período da tarde, dividimos os rondonistas em três grupos: o primeiro, liderado pelo professor Mário, realizou uma oficina sobre liderança com os professores municipais; o segundo grupo trabalhou com idosos no CRAS; e o terceiro grupo realizou uma ação de limpeza da cidade para prevenção da dengue. O terceiro grupo teve como orientadora a professora Valderice, em que fizemos coletas de larvas da dengue e tivemos contato com outra realidade do município, marcada por carência financeira e pela presença de muito lixo espalhado (Figura 6c). À noite, tivemos um jantar especial para comemoramos os aniversariantes do mês, organizado pela família do restaurante que providenciava nossas refeições, com música para os rondonistas (Figura 6d). Após o jantar, fizemos a revelação do “amigo anjo”, uma brincadeira semelhante ao amigo secreto, proposta pelo professor Mário. Cada participante retirou o nome de um rondonista e teve que cuidar dele ao longo da Operação Rondon, o que envolvia deixar cartinhas, mensagens e ajudar o amigo sem ser descoberto.

Figura 6 - Atividades realizadas nos dias 17 e 18.



Fonte: Registradas pelo autor.

Finalmente, no dia 19/07, após a despedida da cidade, realizamos um passeio em Guarapuava e participamos da cerimônia de encerramento. Nosso grupo apresentou uma quadrilha inspirada na Operação Rondon, semelhante a que fizemos na festa da escola, mas adaptada para incluir elementos da operação Rondon e das cidades participantes. Após a apresentação, houve um jantar de encerramento, no qual nos despedimos dos colegas rondonistas. A Figura 7 apresenta momentos finais da Operação Rondon Paraná.

Figura 7 - Registros do encerramento.



Fonte: Registradas pelo autor.

Ao concluir a Operação Rondon Paraná na Reserva do Iguaçu, posso afirmar que a experiência foi marcante e transformadora, tanto para os rondonistas quanto para a comunidade local. A experiência em uma realidade tão diversa proporcionou aos estudantes um aprendizado prático que ultrapassa os limites acadêmicos, permitindo-lhes compreender as necessidades reais e urgentes de um município que, embora pequeno em número de habitantes, possui grande riqueza natural e cultural. As oficinas realizadas, que abordaram temas como a reciclagem e a geração de renda, demonstraram a importância de aliar conhecimento técnico à sensibilidade social, contribuindo para o crescimento do Paraná em diversas áreas.

Assim, ao final desses dias desafiadores, podemos dizer ainda que os desafios enfrentados, como as condições climáticas adversárias e a falta de familiaridade com a região, foram superados com criatividade e colaboração, reforçando a união entre os rondonistas e a população local. A interação constante, simbolizada pelos gestos simples como o "ô de casa", refletiu o espírito de solidariedade e empatia que permeou toda a operação. Ao final, ficou evidente que a Operação Rondon não contribuiu apenas para o desenvolvimento da Reserva do Iguaçu, mas também moldou profundamente o caráter e a visão de mundo dos participantes, reafirmando o poder transformador da extensão universitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação na Operação Rondon Paraná, na Reserva do Iguaçu, proporcionou uma experiência rica e transformadora, tanto para os rondonistas quanto para a comunidade local. A superação dos desafios, como a adaptação às condições climáticas e a mobilização do público, foi possível graças à cooperação entre as equipes envolvidas e o apoio da comunidade. A união entre os rondonistas foi essencial para o sucesso das atividades, demonstrando a importância do trabalho em equipe em projetos extensionistas, fazendo com que um pequeno grupo se torne família.

Além disso, a interação com diferentes comunidades, incluindo a quilombola, permitiu uma troca enriquecedora de conhecimentos e experiências. Essa convivência reforçou o valor da diversidade cultural e o respeito mútuo, evidenciando como a receptividade da população local foi crucial para o engajamento dos rondonistas, que tanto ensinaram quanto aprenderam ao longo da jornada. Destacou ainda, o desenvolvimento dos acadêmicos, especialmente em relação à liderança e a oratória.

Assim, a Operação Rondon Paraná evidenciou a relevância da extensão universitária como ferramenta de transformação social, contribuindo para a formação de profissionais mais conscientes e comprometidos. Essa vivência prática, aliada ao conhecimento acadêmico, deixa um legado significativo nas comunidades atendidas e na vida dos rondonistas, marcando suas trajetórias pessoais e profissionais.

Prof^a Ms. Valderice Herth Junkes

Coordenadora do Conjunto “A” da
Operação Rondon na UNESPAR

Agente Universitário João Miquilini

Coordenador do Conjunto “A” da
Operação Rondon na UNESPAR



RELATO

ALINE PEREIRA DE SOUZA

Administração
Campus de Paranaguá
Conjunto A: Reserva do Iguaçu

O Projeto Operação Rondon é uma iniciativa que visa levar conhecimento e assistência a comunidades carentes em diversas regiões do Brasil. Em 2024, tive a oportunidade de participar dessa operação na cidade de Reserva do Iguaçu, uma experiência que se estendeu por 15 dias e que se revelou extremamente enriquecedora e transformadora. Reserva do Iguaçu é uma pequena cidade localizada no estado do Paraná, conhecida por sua rica biodiversidade e por sua população acolhedora. Embora enfrente desafios socioeconômicos, a cidade é um exemplo de resiliência e comunidade. A oportunidade de imersão nesse ambiente me proporcionou uma compreensão mais profunda da realidade local e das necessidades da população.

OFICINAS APLICADAS

Durante nossa estadia, apliquei uma série de oficinas com temáticas variadas, todas voltadas para a promoção do conhecimento e do desenvolvimento sustentável.

Educação Ambiental: Foquei na importância da preservação ambiental, abordando temas como reciclagem, conservação de recursos naturais e a importância da biodiversidade local. Foi gratificante ver o engajamento da comunidade, especialmente das crianças, que demonstraram grande interesse em aprender e aplicar práticas sustentáveis em seu dia a dia.

Sustentabilidade: Explorei práticas sustentáveis que podem ser adotadas tanto no âmbito individual quanto no comunitário. Discutimos temas como

agricultura sustentável, economia de recursos e energias renováveis, buscando sempre adaptar as soluções à realidade local.

Violência Contra a Mulher: Esta oficina teve como objetivo conscientizar sobre os direitos das mulheres e os mecanismos de proteção disponíveis. Abordei a importância do apoio comunitário e das redes de proteção, além de fornecer informações sobre como identificar e denunciar casos de violência. Nessa oficina, realizada no CRAS da região para gestantes, notei uma grande resistência em se abrirem por parte das participantes, pois a região de Reserva tem um alto índice de violência contra mulheres e adolescentes. Mesmo tratando o assunto de forma delicada, ainda assim houve resistência, o que me levou a refletir sobre os motivos e então, mostrei os canais de denúncias a elas e encerrei a palestra falando sobre amamentação, pois sou da área de saúde.

Ainda nessa temática, com o passar dos dias e conversando com professores e profissionais da cidade, surgiram casos que, infelizmente, são assustadores e de cortar o coração, em umas das oficinas uma professora me contou o caso de uma criança que era explorada sexualmente pela própria mãe, hoje a criança se encontra na casa lar que existe na cidade.

Como mãe e como ser humano, fiquei perplexa, o mundo não é cruel, as pessoas que vivem nele são.

E, com o passar dos dias, surgiram mais relatos de abuso contra mulheres, como o caso de uma família que a escola Pedro Siqueira, onde estávamos alojados, ajudava, a mãe contraiu uma IST (infecção sexualmente transmissível) do marido, que é alcoólatra e a agredia. Ela, mãe de três crianças, ficou internada em estado grave por causa da doença, e as crianças, muito humildes, passavam fome. A escola as ajudava, fornecendo alimentos e permitindo que tomassem banho lá. Este é apenas mais um caso entre tantos outros que, infelizmente, não descobrimos.

Saúde do Adolescente: Foquei em temas cruciais para a saúde e bem-estar dos jovens, como saúde mental, prevenção de doenças e a importância de hábitos saudáveis. A interação com os adolescentes foi especialmente marcante, pois pudemos esclarecer dúvidas e promover uma visão mais ampla sobre cuidados com a saúde. Essa oficina foi muito interessante, porque, apesar da idade entre 10 e 14 anos, observei o quanto eles já tinham noções sobre esse tema, principalmente sobre sexualidade, algo que, em minha visão, é muito precoce. No entanto, a atividade foi tranquila e divertida.

Além de oficinas incríveis, conheci alguns pontos da cidade que têm uma biodiversidade esplêndida.

Um ponto bem marcante foi algo que talvez eu nunca tivesse cogitado fazer: a visita à usina hidrelétrica da Copel. Conheci alguns setores e tive uma compreensão de como opera uma usina, além de conhecer o estoque da usina. Como graduanda em Administração conversei com o diretor do setor, e foi uma experiência incrível.

Não foi apenas um projeto, e sim uma jornada de crescimento pessoal e de conexão com pessoas e culturas que ampliaram minha visão de mundo. A paixão e o comprometimento que dediquei a essa iniciativa demonstram o quanto ela foi significativa e transformadora para mim.

Despeço-me do Projeto Operação Rondon com o coração cheio de gratidão e orgulho, levando comigo as lições, as amizades e as memórias que transformarão para sempre a minha jornada.

REGISTROS



FOTOS: Visita a hidrelétrica.



FOTOS: Escola Municipal Santa Luzia



FOTOS: Visita a Cachoeira do Passo



RELATO

ANA CAROLINA RODRIGUES SOUZA

Letras Português
Campus de Apucarana
Conjunto A: Reserva do Iguaçu

Entre os dias 10 e 17 de julho, realizamos algumas oficinas na Reserva do Iguaçu. No dia 10/07/2024, iniciamos pela manhã. Fomos até uma creche na comunidade Santa Luzia, um lugar distante da cidade, onde havia calma e paz por ser uma área rural, mas com pessoas extremamente carentes, que necessitavam de auxílio em praticamente todas as áreas de suas vidas. Algumas dessas carências notamos ao caminharmos pela comunidade e ao conversarmos com alguns moradores. Praticamente todos com quem tivemos contato não possuíam a maioria dos dentes, devido às dificuldades em manter a higiene bucal. Também nos deparamos com uma mãe que vivia com seus filhos em uma casa bastante debilitada por fora e rodeada de lixo. Situações como essas nos deixavam muito abalados, mas, mesmo sabendo que as preocupações e necessidades deles não seriam resolvidas por nós com simples oficinas, os convidamos a participar das atividades na creche, caso quisessem.

No mesmo dia, à tarde, fomos à comunidade São Sebastião, na Escola Municipal José de Araújo Loures, onde pude ministrar minha primeira oficina. Escolhi passar a oficina de teatro por conta da faixa etária das crianças que iriam participar. Era uma turma mista, com 16 crianças do 3º, 4º e 5º anos. Iniciei a oficina me apresentando às crianças e as conhecendo também. Perguntei a elas se sabiam o que era teatro. Alguns disseram que não sabiam, outros responderam que era “dança” ou “canto”, entre outras coisas que, de fato, fazem parte do teatro. Após as respostas, expliquei que o teatro era tudo o que eles disseram e mais um pouco, e que, através da oficina que eu daria, eles iriam conhecer um pouco mais do teatro por meio de alguns exercícios teatrais.

Comecei com uma série de alongamentos corporais para relaxar o corpo antes dos exercícios; passei para um aquecimento, já trabalhando um pouco da interpretação corporal com eles. Em seguida, guiei todos os exercícios teatrais que havia preparado e fiquei bastante satisfeita com o resultado, com a reação das crianças ao realizar as atividades, e em ver que elas realmente estavam dispostas a participar. Acredito que as crianças tenham gostado bastante da oficina. Além de terem dado boas risadas ao longo do tempo que estávamos ali, elas se mantiveram todo o tempo participativas e atentas. Espero que essa oficina tenha deixado uma marca, por menor que seja, na vida dessas crianças tão sorridentes; que elas continuem sonhando com a vida que terão e que mantenham essa energia fantástica que passaram para mim nesse dia.

Após realizar minha oficina, fui acompanhar as dos meus colegas. Eles estavam brincando com algumas crianças, então eu fui brincar também, mais especificamente com um menino de aproximadamente 3 anos. Logo percebi que ele estava com as mãos tão secas ao ponto de quase formar rachaduras, e reparei que a boca também estava seca, provavelmente toda a pele do corpo dele deveria estar com aparência semelhante. Estava frio, ele estava coberto por blusa e calça, mas, mesmo assim ele provavelmente estava sentindo um pouco de dor. Sabemos que, provavelmente, o responsável pela criança não tinha recursos para comprar um creme hidratante e muito menos acesso a algum médico especialista. Afinal, é uma comunidade carente, como a que fomos de manhã, que não tinha todas as suas necessidades supridas. Nessas horas, ficávamos desamparados por não poder ajudar, torcendo para que a criança ficasse bem.

No entanto, vou levar comigo em pensamento todas as crianças com quem conversei, brinquei ou apliquei a oficina, e principalmente aquelas nos disseram com muito afeto: “Voltem sempre”. Para mim, a experiência foi única e satisfatória; jamais me esquecerei.

No dia 12/07/2024, fomos ao Quilombo, onde pudemos desfrutar de um belo lugar, com pessoas incríveis e histórias mais incríveis ainda. Apesar do dia estar frio e chuvoso e da estrada de lama, ainda assim vieram algumas pessoas para as oficinas, entre elas adultos, idosos, algumas crianças, e até mesmo um bebezinho acompanhado de sua mãe. Foram aplicadas oficinas de confecção de bonecas de pano, pintura, oficinas sobre as ISTs, turismo e artesanato. Todas as oficinas foram excelentes. Como eu e alguns colegas não tínhamos nenhuma oficina própria no dia, tivemos o privilégio de poder participar, ouvir ou ajudar um pouquinho em cada uma delas, além de poder conversar um pouco mais com os moradores que estavam presentes.

Tivemos o prazer de realizar nossa alimentação lá mesmo e apreciar um pouco da culinária local. O almoço estava delicioso: havia feijão, arroz, carne de lata, frango caipira, mandioca, saladas diversas, sucos verdes e canjica. À tarde, tivemos bolos, bolinhos de polvilho fritos, café, pão de panela, tudo isso feito no mesmo dia por três mulheres extremamente simpáticas e excelentes cozinheiras. Elas prepararam praticamente todas as refeições com produtos naturais produzidos ali mesmo no Quilombo.

Após a última refeição, os moradores presentes fizeram questão de nos mostrar duas canções deles, de quando estão viajando e querem passar o tempo, e também um grito de guerra que demonstra a resistência do povo que lá habita. O senhor que nos recebeu no início do dia, juntamente com sua esposa e filho, estavam todos muito dispostos a nos acolher e nos contaram sobre a história deles e do Quilombo. Isso somou muito às oficinas, gerando uma boa troca de conhecimentos. Certamente foi um dia marcante, com muitos aprendizados e apreciação de novas culturas.

No dia 16/07/2024, fomos ao Luz e Arte, onde pude aplicar minha segunda oficina, mas essa foi de leitura de livros infantis. Devido à faixa etária dos livros que selecionei, contei com a participação de apenas cinco crianças, todas com seis anos de idade, pois as demais já eram maiores e participariam das outras oficinas. Comecei a oficina perguntando se elas gostavam de livros e, para minha surpresa, todas responderam que não. Então, tentando me salvar da situação, disse que os livros que eu havia levado não eram quaisquer livros, eram livros especiais que eu mesma os tinha pegado emprestado de uma floresta encantada só para ler para eles. Quando finalmente mostrei os livros, eles já estavam com outra expressão: estavam interessados. Levei quatro livros e pedi que as crianças escolhessem o primeiro a ser lido. Assim começou a interação. Aliás, depois disso, elas interagiram durante todas as leituras e estavam claramente gostando. Ao final de cada livro, eu perguntava se eles gostaram da história, e era sempre a mesma resposta: “Sim”. O mais adorado foi o livro “A Casa Sonolenta”. Ao final, eles queriam ver os livros novamente e conversar mais sobre eles, sempre com aquele jeito alegre de criança que quer contar tudo o que está pensando.

Foi demais. Todas as crianças eram adoráveis e muitíssimo educadas. O que mais me deixou contente foi saber que a primeira resposta delas era de que não gostavam de livros, mas pude ver que não era bem assim, ou, se era, deixou de ser, pois a resposta final foi de que todos adoraram os livros. Foi importante dar esse pequeno empurrãozinho na vida literária dessas crianças. Sei que ainda são pequenas, mas espero que isso tenha algum efeito positivo no futuro.

No dia 17/07/2024, foi o último dia de oficinas. Fomos ao Barreiro e, felizmente, contamos com a presença de muitas pessoas no local. Foram realizadas diversas oficinas, como a de pinturas, na qual pude pintar um pouco também, e confesso que me diverti bastante; a de prevenção contra ISTs, entre outras. A comunidade participou ativamente, e acredito que ficaram contentes de terem participado. Nesse dia, eu não tinha nenhuma oficina própria, mas assisti às de alguns colegas junto com a comunidade presente, e foi ótimo. O dia estava ensolarado, o céu azul; não havia jeito melhor de encerrar nossas atividades na Reserva do Iguaçu.

REGISTROS



FOTO: Registros fotográficos no Quilombo



FOTO: Registros fotográficos no Barreiro



FOTO: Registro fotográfico na Comunidade Santa Luzia.



RELATO

EMANUELLE CHINAIDER

Administração
Campus de Paranaguá
Conjunto A: Reserva do Iguaçu

CERIMÔNIA DE ABERTURA - 05/07

A cerimônia ocorreu na Universidade Estadual do Centro Oeste - Unicentro, onde tivemos a oportunidade de conhecer todas as universidades que estariam conosco nessa experiência incrível. Cada universidade pôde apresentar sua bandeira aos rondonistas, desfilando-a pelo corredor e erguendo-a na frente de todos antes de colocá-la no mastro. Os alunos também mostraram sua criatividade e amor pelas suas respectivas universidades, entoando seus gritos de guerra. Conhecemos algumas pessoas que estavam na organização da Operação Rondon. Após muitos discursos, músicas e homenagens, teve início a cerimônia do chapéu, na qual cada um de nós, rondonistas, fez um juramento com o chapéu em mãos, comprometendo-se a atuar com ética, compromisso, dedicação e respeito. Com o coração acelerado e as emoções à flor da pele, terminamos o juramento e colocamos o chapéu, dando início à tão sonhada Operação Rondon.

Após a cerimônia, fomos para Reserva do Iguaçu, onde almoçamos e fomos muito bem recebidos pelo pessoal do restaurante. Logo depois, conhecemos o alojamento, alguns funcionários da escola onde ficaríamos, a Escola Pedro Siqueira, e logo de cara, algumas crianças também.

CONHECENDO UM POUCO DA CIDADE DE RESERVA DO IGUAÇU - 06/07

Hoje iniciou a Operação. Pela manhã, eu e outros rondonistas fomos conhecer um pouco do local, visitamos alguns comércios e conversamos com a população.

Estávamos uniformizados, o que gerou curiosidade nas pessoas. Elas nos perguntavam o que era a Operação Rondon, o que faríamos ali, e sempre havia algum de nós disposto a responder e esclarecer suas dúvidas. Tivemos interações divertidas com eles, conversamos sobre diversos assuntos, procurando sempre acolhê-los e demonstrar que estávamos ali caso precisassem. No fim, fomos também muito bem acolhidos.

Na parte da tarde, a primeira-dama, Maria Teresinha, nos levou para conhecer dois pontos turísticos da cidade. Primeiro, fomos ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, onde fizemos uma trilha curta para chegar até a cachoeira. O lugar era maravilhoso e transmitia uma paz enorme. Depois, fomos até a Vila Copel, um local lindo, com árvores exuberantes, lagos, e até uma “casinha torta” e um labirinto. Tudo era perfeito: as cerejeiras, os caminhos entre as árvores, a grama verde e o céu azul. Tenho certeza de que foi um passeio incrível para todos nós.

FESTA JULINA DA ESCOLA PEDRO SIQUEIRA - 07/07

Logo pela manhã, começamos a ensaiar para a quadrilha que apresentaríamos durante a festa junina. Foi muito divertido, desde as falas, como por exemplo “não vai ter público[...] é mentira!” até a dança, que, por mais que tivéssemos tido pouco tempo para ensaiar, ficou muito boa e divertida. Depois do almoço, começamos a nos arrumar para a festa. Fomos uniformizados, claro, mas cada um acrescentou um toque pessoal, como uma camisa xadrez, um lenço, maquiagem, etc. Ao chegar lá, já havia muita gente.

Nos dividimos para dar conta de todas as tarefas: alguns conversavam com o pessoal, apresentando a Operação, outros ficaram na pintura de rosto, enquanto outros ajudaram na limpeza, e eu fiquei cuidando do pula-pula. Havia muitas crianças, e foi incrível poder conversar um pouco com cada uma delas. Depois de um tempo, começaram algumas confusões devido ao espaço pequeno para a fila do pula-pula. Organizar uma fila em um espaço tão limitado não foi fácil, não por causa das crianças, mas dos pais, que brigavam e gritavam, querendo passar na frente dos outros. No fim, conseguimos amenizar os conflitos.

Logo chegou a hora da quadrilha. Confesso que estava muito nervosa, com medo de que algo desse errado, mas no fim, foi incrível. Mesmo que nem tudo tenha saído como planejado, foi lindo. O dia foi cansativo, mas foi ótimo poder ter essa interação com a comunidade.

PRIMEIRO DIA DE OFICINAS NA ESCOLA PEDRO SIQUEIRA - 08/07

O dia começou cedo hoje, com o início das oficinas. Nossas primeiras atividades foram na escola, no alojamento, na Escola Pedro Siqueira.

Inicialmente, eu não tinha nenhuma oficina própria, pois entrei muito em cima da hora no projeto e não tive tempo de planejar nada. Assim, apenas auxiliaria em algumas oficinas, mas precisávamos de alguém para se responsabilizar pela oficina “Escola Limpa”. Então, eu e um amigo, Tiago, ficamos responsáveis por essa oficina. A primeira turma foi difícil, pois não tivemos tempo para nos preparar ou pesquisar sobre o tema, mas conseguimos. Depois que encontramos uma linha de raciocínio interessante, passamos a mensagem para as crianças com tranquilidade. Também fizemos uma dinâmica: espalhamos lixo no pátio e levamos as crianças até lá. Explicamos e mostramos que um ambiente sujo não é legal, e que, se cada um fizer sua parte, o local fica limpo, sem gerar mais trabalho para ninguém. Pedimos ajuda das crianças para limpar, e no fim, fizemos uma reflexão e concluímos a oficina. Logo depois, fui auxiliar na oficina do João Dainelli, “Cinema e Educação”, onde vesti uma fantasia inflável de dinossauro e interagi com as crianças. Elas gostaram bastante, dançaram comigo, conversaram, e até apelidamos o dinossauro de RondonRex.

OFICINAS NA ESCOLA MONTEIRO LOBATO - 09/07

Hoje fomos a outra escola, a Monteiro Lobato. O dia estava chuvoso, o que nos levou a modificar nossa oficina “Escola Limpa”. Em alguns casos, não poderíamos tirar as crianças para fora, pois nem todas as escolas têm um local coberto. Tiago sugeriu que usássemos a dinâmica de uma outra oficina dele, “Saneamento Básico e Cuidados com a Água”, que basicamente consistia em mostrar e explicar para as crianças algumas amostras de água de diferentes locais, inclusive da própria Reserva do Iguaçu, e fazer com que elas tentassem descobrir de onde as amostras tinham sido tiradas. As crianças gostaram muito de ver as amostras e interagir conosco para descobrir como era o ambiente da amostra. Elas eram extremamente inteligentes e comunicativas; todas as perguntas que fazíamos geravam várias respostas. Foi incrível trabalhar com elas.

Nossa maior dificuldade até então era adaptar as oficinas de acordo com a faixa etária de cada turma, mas no fim conseguimos construir uma abordagem mais ou menos infantil, utilizando desenhos, linguagem e perguntas para nos adaptarmos a cada grupo.

OFICINAS NA ESCOLA SANTA LUZIA E ESCOLA SÃO SEBASTIÃO - 10/07

O dia estava ensolarado, embora ainda frio. Pela manhã, fomos para a Escola Santa Luzia, onde auxiliei a Aline na sua oficina de sustentabilidade. Ajudamos na confecção de algumas casinhas de pássaros feitas com caixas de leite, barbante e palitos de sorvete. Nunca fui muito boa em artesanato, mas confesso que foi divertido montar as casinhas. Infelizmente, devido a uma confusão nos horários, não conseguimos decorar as casinhas com as crianças. Apesar de termos levado tinta, glitter, cola, E.V.A. e outros materiais para colagem

e decoração, nosso tempo foi mais curto que o esperado, e só tivemos tempo para uma breve explicação sobre o tema.

Na parte da tarde, tive oficinas com o Tiago, Guilherme e Noeli. A escola pediu que falássemos um pouco sobre a dengue, então nos juntamos e combinamos o tema com a questão do lixo e da água. As crianças eram muito espertas, sabiam onde o mosquito se desenvolve, os sintomas da dengue e a importância do descarte correto do lixo. Depois que finalizamos as oficinas, fomos brincar com eles: jogamos vôlei, futebol, brincamos de massinha, e tivemos a oportunidade de conversar de perto com algumas delas.

TARDE DO CINEMA E NOITE DE PIZZA - 11/07

Hoje iríamos para a comunidade de Fátima, mas, por conta da chuva, não conseguimos ir, pois a estrada era de barro e, com esse tempo, era perigoso. Aproveitei a manhã para organizar algumas coisas para as próximas oficinas e também fazer cartas para minha protegida. Acho que esqueci de mencionar, mas o professor Mário criou uma dinâmica para cuidarmos uns dos outros. Consistia em sortearmos nomes, e o nome que você pegasse seria o de seu protegido. Sua função seria se aproximar dele, presenteá-lo com cartas, doces e presentes todos os dias, sem ser descoberto. Na reunião final, revelaríamos quem eram os protegidos de quem. Depois do almoço, decidimos fazer uma tarde de cinema para passar o tempo. Escolhemos uma sala, levamos cobertas e colchões, e assistimos ao filme “UP: Altas Aventuras”. À noite, esperamos a pizza chegar e fizemos uma curta reunião enquanto comíamos. Conversamos sobre o filme, sobre o nosso dia, sobre os protegidos e o que esperávamos para o dia no quilombo.

OFICINAS NO QUILOMBO: CONHECENDO SUAS HISTÓRIAS - 12/07

Saímos cedo do alojamento para visitar o quilombo, onde passamos o dia todo. Quando chegamos, ainda não havia ninguém por lá, então aproveitamos para conhecer os arredores. Observamos muitos animais, como vacas, bois, galinhas, porcos e, especialmente, cachorros. Passamos um tempo apreciando o local e interagindo com os bichos. Depois, retornamos ao local onde aconteceriam as oficinas. Embora eu não tivesse nenhuma oficina programada para esse dia, pude auxiliar em algumas. A primeira foi a oficina da Noeli, sobre a confecção de bonecas Abayomi’, e foi uma experiência incrível. As bonecas são fáceis de fazer, lindas, e carregam uma história poderosa. A comunidade do quilombo adorou aprender, e cada boneca feita era mais bonita e emocionante que a anterior. Além de assistir às oficinas dos meus colegas, tive a oportunidade de conversar e trocar ideias com a comunidade sobre temas como educação, universidades, história, luta e, principalmente, representatividade.

DIA DE MUITA CHUVA COM VISITA DO GAITEIRO ZÉ DE MORAES - 13/07

O dia amanheceu chuvoso. Pela manhã, fomos novamente à Vila Copel, onde ajudamos a comunidade a realizar o cadastro para regularização fundiária. Essa atividade foi de grande importância, pois a população se mostrou animada

com a regularização de seus terrenos e já estava bem instruída, com os documentos necessários em mãos. Durante a tarde, recebemos a visita da primeira-dama, Terezinha, e do gaiteiro Zé Moraes. Conversamos sobre a cidade e a população, enquanto tomávamos chimarrão e fazíamos um lanche.

ENTREVISTAS PARA A UNICENTRO - 14/07

O pessoal da Unicentro veio até o alojamento para fazer entrevistas. Escolhemos duas pessoas de cada universidade para falar sobre como os dias tinham sido para nós, compartilhando emoções, alegrias e dificuldades. A primeira-dama Terezinha e o pessoal do restaurante Max Country também foram entrevistados. Tiramos fotos, rimos e relatamos nossas experiências. Infelizmente, devido à chuva, não saímos do alojamento. Aproveitei o tempo para me organizar para as oficinas do dia seguinte no CRAS. Embora eu fosse apenas auxiliar, queria pesquisar mais sobre alguns assuntos. Encerramos o dia com uma reunião, discutindo nossas expectativas e emoções até o momento.

OFICINAS NO LUZ E ARTE E NO CRAS- 15/07

Hoje, pela manhã, fomos ao Luz e Arte, onde ministrei oficinas sobre “escola limpa” e “saneamento básico e cuidados com a água”, temas que se complementam. As crianças foram extremamente participativas, interagindo conosco, respondendo perguntas e demonstrando grande inteligência. Após o almoço, fomos ao CRAS, onde realizamos oficinas com gestantes. Todas foram muito receptivas e participativas, mostrando interesse nos temas abordados. Auxiliei em duas oficinas: “violência contra a mulher”, com a Aline, e “autocuidado feminino”, com a Noeli. Foi gratificante ajudar em assuntos tão importantes, que podem ajudar essas mulheres a saírem de situações de vulnerabilidade. Em todo momento, procuramos demonstrar que estávamos abertas a ouvir suas histórias, dores e alegrias. A conversa sobre autocuidado foi extremamente significativa para elas, um tema que pode se tornar quase inexistente com o tempo e com as demandas diárias. Conversar sobre violência foi difícil, mas necessário; discutimos leis, medidas cabíveis e compartilhamos experiências pessoais. Durante a reunião, percebi como o tempo está passando rápido; já se foi mais da metade do Rondon.

MANHÃ NO LUZ E ARTE - 16/07

Hoje voltamos ao Luz e Arte. Como o local era próximo ao alojamento e já conhecíamos o caminho, decidimos ir a pé. Ao chegar, pediram que fizéssemos uma oficina sobre a dengue. Como já havíamos realizado essa oficina anteriormente, eu e Guilherme assumimos a responsabilidade. Com algum tempo livre antes de começar, pesquisei algumas dinâmicas sobre o tema. Tive a

ideia de imprimir pequenos mosquitos da dengue e espalhá-los em possíveis locais de desenvolvimento do inseto. Após a explicação, levamos as crianças para fora, para que elas tentassem encontrar os mosquitos. A gincana foi um sucesso; as crianças adoraram e demonstraram que prestaram atenção na explicação, procurando nos locais certos, como pontos com lixo e água parada. À tarde, Terezinha nos convidou para conhecer a usina, mas eu não pude ir, pois fiquei no alojamento terminando alguns trabalhos da faculdade.

TARDE EM BARREIRO - 17/07

Pela manhã, tivemos algumas oficinas na Câmara Municipal. Como eu não tinha nenhuma programação para aquela manhã, aproveitei para, junto com outros rondonistas, planejar a palestra sobre sustentabilidade que realizaríamos à tarde em Barreiro. Ao chegar lá, já haviam algumas pessoas esperando pelo início das oficinas. A primeira foi a do Mauri, sobre prevenção contra ISTs. A seguir, tivemos a oficina de sustentabilidade, ministrada pela Aline, que foi muito interativa, quase como uma roda de conversa. Após muita troca de ideias e explicações, fizemos um painel com pinturas e colagens sustentáveis, onde cada participante pôde escrever ou desenhar algo que marcasse sua presença. Depois dessa oficina, jogamos bola e brincamos com algumas crianças. Aproveitei o tempo final para fazer alguns desenhos e cartas para minha protegida.

DIA NO CRAS - 18/07

Hoje fomos ao CRAS, onde auxiliei na oficina de protetor solar. Explicamos a importância do uso diário, mesmo em dias nublados, e os danos que o sol pode causar à pele. Depois, assisti à oficina de compostagem do Tiago e da Noeli, onde eles explicaram o funcionamento, a utilidade e a montagem de uma composteira. À tarde, auxiliei em uma oficina de fotografia, onde foram abordadas técnicas para fotografar com celular e editar as imagens, além de dicas sobre os melhores ângulos. A última oficina em que auxiliei foi sobre sustentabilidade, onde discutimos de forma mais técnica e realista os impactos climáticos e sociais da falta de políticas e ações sustentáveis. Apresentamos algumas soluções a curto e longo prazo, encerrando com a exibição de um trecho de um documentário.

CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO - 19/07

No último dia na Reserva do Iguaçu, a saudade já se faz presente, consumindo nossos pensamentos. O dia foi cheio; além de arrumar as malas, ensaiamos para mais uma quadrilha, pois fomos sorteados para fazer uma apresentação na cerimônia de encerramento na Unicentro. Adaptamos a quadrilha que já havíamos ensaiado, inserindo elementos sobre a operação e as

idades participantes. Depois de alguns ensaios, nos despedimos, e cada universidade seguiu para seu hotel em Guarapuava. Ao chegar, fomos almoçar e, em seguida, aproveitamos para conhecer um pouco da cidade, já que a cerimônia começaria apenas às 19h. Visitamos o Parque das Araucárias, que era lindo, e também o Museu de História Natural, onde fizemos um breve tour. Depois, voltamos ao hotel para nos preparar para o encerramento. Na cerimônia, ficamos separados por grupos, e cada grupo teve a oportunidade de fazer seu grito de guerra, representando as cidades que participaram. Assim como na abertura, houve muita música, homenagens e discursos emocionantes. Ao final, fomos para a festa junina, que marcou o encerramento da Operação Rondon 2024. Dançamos, nos divertimos e choramos, encerrando ali uma jornada inesquecível.

REGISTROS



FOTO: Abertura Rondon 2024.



FOTO: Oficina “Escola Limpa” com RondonRex.



FOTO: Jardim Vila da Copel.



RELATO

JOÃO PAULO DAINELLI

Cinema e Audiovisual
Campus de Curitiba II - FAP
Conjunto A: Reserva do Iguaçu

INTRODUÇÃO

O espaço do cinema dentro das salas de aula sempre me provocou grandes reflexões, seja ele como instrumento pedagógico ou como prática artística. Desde meu ensino básico tive contato frequente com a sétima arte, que, para mim, funciona como um espaço – usando o termo de Bell Hooks – de transgressão, ou seja, um lugar de entusiasmo no ensino tradicional.

A questão do cinema nas salas de aulas traz consigo várias problemáticas, desde a estrutura escolar até a formação por parte dos professores do ensino básico. Essas questões já foram abordadas por diversos pesquisadores, a problemática é discutida por Solange Stecz:

Embora a questão do cinema na escola esteja colocada desde seus primórdios, não encontramos, no desenvolvimento deste trabalho, referências sobre a função e o lugar do cineasta na escola, na produção de conteúdos audiovisuais, que, vem se ampliando através de parcerias do ensino básico e médio com universidades e organizações sociais dentro da escola. A grande maioria dos textos aborda a relação do professor com o objeto filme enquanto arte, em como usá-lo na escola ou como instrumentalizar o professor para a produção audiovisual (STECZ, 2015, p. 54).

Como graduando do curso de Cinema e Audiovisual da UNESPAR decidi, a partir de diversas leituras e reflexões, fazer desse tema meu trabalho de conclusão de curso. Então surgiu a oportunidade de aplicar tudo que vinha pesquisando na da Operação Rondon 2024.

Entendia muito bem da importância da presença das artes no ensino fundamental, porém, até então, só tinha experiência ministrando oficinas para ensino médio.

DIA 09 DE JULHO

No primeiro dia, foram realizadas seis oficinas com diferentes turmas. A primeira foi com a turma Jardim, faixa etária entre 3 e 4 anos. Como a idade era inferior ao planejado, se limitou à exibição de curta-metragens, pois ainda não havia a cognição necessária para o entendimento e realização do plano de aula desejado.

A segunda oficina foi com a turma do Pré, que realizou um minuto Lumière, um exercício prático de cinema focado na escolha de planos. Cada criança tinha um tempo pré-estabelecido com a câmera e podia filmar o que quisesse, do ponto de vista que desejasse, com base no que foi visto em sala de aula. O interessante foi observar como a maioria das crianças tinha muito orgulho de suas salas de aula e dos trabalhos já realizados, sempre escolhendo mostrar o que haviam feito.

A terceira oficina foi com o quinto ano, ministrada em apenas 30 minutos devido a um problema logístico. Com o tempo limitado, foi difícil realizar todas as atividades planejadas, mas, felizmente, a turma estava amplamente engajada e, em poucos minutos, desenvolveu um roteiro cinematográfico e conseguiu realizar tudo em um plano-sequência.

A quarta oficina, à tarde, foi realizada com outra turma do quinto ano e teve duas horas de trabalho conjunto, um tempo superior às demais. Essa turma não estava tão engajada no início, mas, após 30 minutos, já estavam animados para realizar o filme. O roteiro, criado coletivamente, tratava de um caso de bullying que saía de controle e resultava em um massacre escolar. O mais interessante foi o processo criativo, com diversas propostas que eu não via nem mesmo no ambiente acadêmico.

A quinta oficina foi com outra turma do Pré, que também realizou um minuto Lumière. Novamente, o orgulho pelos trabalhos realizados era evidente. Antes da oficina, os alunos haviam participado de outra atividade que envolvia pintura, e mostravam seus trabalhos com entusiasmo na câmera, sempre valorizando o ambiente de aprendizado da escola.

O primeiro dia acabou sendo um choque de realidade. A princípio, eu não ministraria oficinas nesse dia. Ao chegar na primeira turma, foi extremamente difícil, pois nada do que eu havia planejado conseguia prender a atenção das crianças, devido à idade delas.

No final do dia, percebi que a falta de atenção se devia a outros fatores, pois essa dificuldade também ocorreu em oficinas de terceiros. Em conversa, percebemos que a carência afetiva era muito presente nas crianças, que estavam constantemente buscando afeto por parte dos ministrantes. Esse fato me deixou mal, pois, no momento da oficina, isso nem passou pela minha cabeça. Também foi observado na reunião final do dia que a carência das crianças não era apenas afetiva, mas também monetária. Faltavam diversos itens básicos, desde materiais escolares até vestuário, e era evidente a falta de higiene bucal na escola.

A reunião ao final do dia me fez perceber que a falta de atenção vinha de outra esfera da vida desses indivíduos, mas fiquei extremamente feliz em ver o entusiasmo genuíno em realizar o que estava sendo proposto, mesmo que nem sempre e nem por parte de todos.

DIA 10 DE JULHO

No segundo dia, foi realizada apenas uma oficina, a pedido do colégio, sobre educação sexual. Além do apoio de material audiovisual, os alunos participaram da dinâmica “Semáforo do toque”.

DIA 11 DE JULHO

No terceiro dia, foram ministradas três oficinas: A primeira foi com alunos do terceiro, quarto e quinto anos. Devido a dinâmicas internas da escola, o tempo das oficinas foi reduzido em 30 minutos, o que nos levou a realizar apenas a parte prática, sem muita explicação teórica. O mesmo ocorreu com as outras duas oficinas do dia, que aconteceram com alunos do Pré, Jardim e primeiro ano, e posteriormente com alunos do terceiro, quarto e quinto anos do período vespertino.

DIA 16 DE JULHO

No quarto dia, foi ministrada uma oficina em um local de administração do CRAS, onde os alunos ficam durante as férias escolares devido à impossibilidade de cuidados durante o horário comercial por parte dos pais e responsáveis. Na ocasião, havia uma turma pequena, de sete alunos, com faixa etária entre 7 e 11 anos. A atividade proposta envolvia o uso de material audiovisual de apoio, além de mostrar a parte técnica do cinema e um pouco sobre como são feitos efeitos práticos em filmes, especialmente de terror, gênero popular entre essa faixa etária, de acordo com conversas anteriores em outras oficinas. Com uma hora de duração, não houve muito tempo para atividades práticas, mas foi liberado um intervalo de 10 minutos para que os alunos filmassem o que quisessem. Em comum acordo, decidiram fazer um filme de terror com zumbis. Devido ao curto tempo, não foi possível realizar tudo como gostariam, mas o resultado final foi um pequeno plano-sequência de um ataque zumbi em uma sala de aula.

CONCLUSÃO

O intuito da Operação Rondon ficou ainda mais claro ao final do projeto. Embora eu já soubesse sobre o objetivo e funcionamento da operação, antes de começar, estava mais focado em preparar e ministrar uma oficina bem embasada. Ao final, percebi que a questão socioeconômica era muito presente na cidade. Embora eu tenha crescido vendo situações parecidas, com o tempo me distanciei dessa realidade. Durante a operação, tive uma pausa em meu processo de dessensibilização involuntária e percebi que, mesmo não estando mais cercado por essas situações, elas ainda afetam a vida de muitas pessoas. A operação me fez lembrar do meu propósito de vida, e saí dessa experiência com uma transformação pessoal que até então não havia ocorrido.

REGISTROS



FOTO: Cachoeira do Passo, Reserva do Iguazú.



FOTO: Atividades no CRAS.



FOTO: Festa Junina.



RELATO

LARISSA PEREIRA DA SILVA

Engenharia de Produção
Campus de Paranaguá
Conjunto A: Reserva do Iguaçu

DIÁRIO DE UMA RONDONISTA

Se você está começando ou terminando sua experiência na universidade, pule estas páginas. Se é uma daquelas pessoas querendo conhecer mais sobre o que está ao nosso redor, novamente, pule estas páginas. Se não gostaria de encontrar pessoas que deixaram uma marca na sua vida, mais uma vez, não leia este diário, pois aqui estão descritas a rotina e os pensamentos de uma rondonista, mais especificamente, uma estudante de engenharia de produção da UNESPAR.

O nome Rondon vem do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, homenagem a um militar desbravador das florestas brasileiras e protetor dos povos originários. A Operação teve seu início em 1967, durante a ditadura militar. O objetivo é levar os universitários para semear a esperança em locais onde há uma grande desigualdade social, para que possam ter outros pontos de vista e levar o conhecimento - por meio de oficinas abertas ao público em geral - buscando mostrar para os rondonistas que eles podem ser os catalisadores da mudança.

Todas as informações que eu não tinha quando me inscrevi para a Operação... Presumo que um breve contexto pode ajudar novas pessoas a entenderem o que é esse projeto.

DIA 23 DE JUNHO

Quando me inscrevi para a Operação Rondon de 2024, não fazia ideia do que se tratava, de como seria ou de como eu faria parte desse projeto extensionista.

Às vezes, fico pensando por que preencher aquele formulário. Em muitas dessas vezes, declaro que não sei o motivo; talvez tenha sido pelas horas e pelos pontos. Nas poucas vezes em que admito a resposta que realmente tenho, confesso que fui para ver algo diferente, talvez na tentativa de me sentir mais como eu mesma — e consegui.

DIA 5 DE JULHO

Antes de irmos para os municípios, participamos de uma abertura oficial, na qual 11 universidades — tanto as 7 estaduais quanto as convidadas — estiveram presentes. Eu nunca vi estudantes do ensino superior tão animados. Cada uma das instituições tinha um grito de guerra para mostrar que estavam prontas para ir até as comunidades e desempenhar seu papel em nome do ensino e do desenvolvimento.

A operação em que participei durou 15 dias. Fomos para o centro do Paraná, na cidade de Reserva do Iguaçu, com aproximadamente 8 mil habitantes. Ficamos todos alojados em uma escola municipal. No grupo, contando com os docentes e discentes, éramos 24 pessoas no total, a maioria desconhecidos, mas, depois desse tempo, me vi chamando-os de família. Pode parecer precipitado, mas, depois de dividir dois banheiros com 24 pessoas, acaba sendo natural.

A primeira memória que tive da Reserva do Iguaçu foi um ensaio de crianças dançando quadrilha, todas muito alegres e querendo fazer o melhor possível, porque, no domingo, seria a festa — que ajudamos a decorar e para a qual ficamos à disposição para qualquer coisa que a organização precisasse ao longo do evento, como cuidar do pula-pula, pintar os rostos das crianças e até apresentar uma quadrilha no espírito da Festa Julina. A maioria da cidade estaria lá. Desde o momento em que chegamos, tivemos uma boa recepção. Eles ficaram curiosos quando nos viram. Bem, quem não ficaria? Um grupo grande, sempre andando junto, todos de uniforme nas cores do Paraná e de chapéu, enfim depois que o estranhamento passou, tudo foi bem tranquilo.

DIA 6 DE JULHO

Todos os dias começavam cedo. Nós dormíamos nas próprias salas de aula e tínhamos uma escola inteira à nossa disposição na maior parte do tempo. Os primeiros dias foram mais difíceis, por conta de toda a movimentação necessária para deixar "nossos quartos" sem nenhum traço de que tínhamos passado a noite ali, já que, no dia seguinte, as crianças teriam aula normalmente, e a última coisa que queríamos era atrapalhar a rotina delas. Reserva é uma cidade fria, pequena e muito fria, contudo, não posso dizer que sofremos tanto quanto outros grupos, em outras comunidades.

Ainda no dia 6, tivemos nossa primeira reunião, onde entendi a definição de lugar. O lugar pode ser tanto um ponto no mapa quanto alguém ou algo com o qual se criou um laço. Antes do Rondon, nenhuma das pessoas que conheci era um lugar. Hoje, elas são, e Reserva do Iguaçu também.

Já à tarde, a prefeitura nos levou para conhecer alguns pontos turísticos da cidade: a cachoeira, uma das igrejas da região e o horto florestal mantido pela Copel, hidrelétrica da região. O dia foi muito bom. Estávamos nos conhecendo ainda, mas aprendemos os nomes uns dos outros bem rápido. Sinto falta desses dias, do começo, de ter toda a operação pela frente.

DIA 8 DE JULHO

Minhas oficinas foram, em sua maioria, com os alunos do ensino básico. Eu auxiliei nas brincadeiras tradicionais quase todo o início da operação. Fiquei com crianças de diferentes idades e de escolas variadas, e cada turma era distinta. Muitas vezes, não podíamos seguir o mesmo roteiro, pois as atividades que funcionavam perfeitamente para o maternal não eram tão interessantes para o prézinho — mesmo que fossem apenas um ano mais velhos.

Uma das coisas que mais me marcou em todo o Rondon foi estar com essas crianças. As mais novas eram tão carinhosas com todos, sempre querendo mais atenção. Contavam o que tinham feito, o que haviam comido no dia anterior, de qual brincadeira mais gostavam, o que queriam ser quando crescessem e como aquele estava sendo o melhor dia para elas. Brincar com elas foi, sem dúvida, um dos momentos que levarei comigo.

Muitas vezes, era um desafio, pois não é nada fácil lidar com pequenos serzinhos querendo correr por aí. Mas todas elas aceitaram nossas dinâmicas e, mais do que isso, nos ensinaram novas brincadeiras. Era algo natural para elas: apenas se divertir. Essas brincadeiras me fizeram ver como elas podem ser criativas. Apesar das brigas — que eram inúmeras, principalmente no pular-corda —, tudo ficava bem na vez seguinte.

Claro, nem tudo correu bem o tempo todo. Tornou-se comum ver meninos se comportando de maneira extremamente agressiva e violenta, enquanto as meninas eram tratadas como mais fracas simplesmente por serem meninas. Me cortou o coração ouvir tantos palavrões saindo da boca de crianças do segundo ano e ter a certeza de que aprenderam isso em casa, com os pais. Uma das coisas que mais percebemos na comunidade foi a desvalorização da mulher e a violência doméstica. Entender que um grupo específico de meninos já agia assim fez tudo piorar.

DIA 10 DE JULHO

Nós fomos a diferentes escolas e, mesmo com os alunos de férias, era comum irem à escola. As instituições de ensino eram a base da socialização na cidade.

Nesse dia, participei de três oficinas diferentes: uma sobre ISTs e outras duas sobre sustentabilidade, claro que adaptadas para o público que tínhamos. Foi nesse dia também que recebi meu amigo-anjo pela primeira vez, em uma dinâmica que fizemos para que o grupo ficasse mais unido. As pessoas mandavam cartas umas para as outras sem identificar quem era o anjo e o protegido. Foi uma das melhores coisas do Rondon. Todos esperavam suas cartas, e muitos mandaram para a maioria do grupo. Sem dúvida, meu dia melhorou depois de receber uma delas, e não só isso, ver como os meus bilhetes faziam o dia de outra pessoa melhor também era incrível.

DIA 12 DE JULHO

Apesar do tempo ruim, a ida ao Quilombo foi, sem dúvida, uma visita que ficou no meu coração. Eu ajudei em apenas uma oficina, mas consegui participar das oficinas dos meus colegas. Fiz uma boneca abayomi — não foi nada fácil e ficou meio estranha, mas as meninas me ajudaram, e no final ela ficou inteira — que dei para minha irmã mais nova. Também fiz um vaso para plantas de caixa de leite, que ficou fofo, parecia uma casinha de pássaros, mas era para plantas.

O Quilombo tem uma estrutura de fábrica para a produção de doces. Entrar, ver todas as máquinas e ouvir minha professora — que é apaixonada pelo que faz — conversar com a organização deles e discutir sobre os próximos passos da produção, sobre como ela precisa ser definida e mantida, coisas que vejo nas aulas, foi indescritível. E eu não poderia deixar de falar da comida. Que comida maravilhosa! Tem noites em que sonho com ela. Voltaria a Reserva agora só por aquele bolo de milho com coco (que minha mãe não leia isso), foi o melhor bolo que comi na vida. Nós também cantamos um dos protestos deles, e fiquei toda arrepiada. Me senti extremamente acolhida.

DIA 16 DE JULHO

Visitamos a hidrelétrica, vimos as turbinas, o alagado e uma cultura de peixes. Tudo é muito grande lá dentro: as paredes, os tubos, as escadas. Vimos poucos funcionários por conta da privatização de parte da empresa, mas os que estavam lá conheciam muito bem o processo e o funcionamento de cada equipamento. Andamos por quase toda a estrutura interna; a única parte em que não entramos foi o último piso, das hélices. Contudo, a visita acabou sendo muito proveitosa para todo mundo. Eu até mexi em um caderno — sem pedir permissão, o que foi uma tremenda má educação, mas sou uma pessoa curiosa — onde pude ver alguns desenhos técnicos das máquinas, da barragem e de tudo o que estava à nossa volta. Desenhos perfeitos e muito específicos, dos quais eu nem sonharia em fazer, pois sou péssima em expressão gráfica, mesmo que minha professora não desista de mim. No fim do dia, a maioria do grupo foi até o cemitério. Voltaram bem animados — entusiasmo que eu não compartilho,

pois tenho medo de incomodar quem está quieto, em todos os sentidos. Eu acabei indo até o centro com minha melhor amiga e a professora Val comprar lembrancinhas para nossos protegidos. Comprei uma vaquinha de cerâmica porque minha protegida dizia que queria ser uma vaca, então super combinou com ela.

DIA 18 DE JULHO

Nossa última reunião, as últimas oficinas e as cartas que trocamos na Reserva. O último dia de trabalho. Os dias no Rondon pareciam se misturar, eram muito intensos, cansativos e, ao mesmo tempo, recompensadores. Eles passavam devagar, de uma forma que sinto falta. Fora da operação, tudo é tão frenético; dentro do projeto, temos tempo para sentir as coisas de jeitos diferentes. Durante as reuniões, falamos sobre crescimento, sobre transformação, saber onde estamos e para onde vamos. Me perguntaram se eu sabia para onde estava indo, qual caminho eu queria. Eu não soube responder, mas acredito que a pessoa que me perguntou não queria uma resposta, e sim que eu pensasse nisso, para começar a procurar.

Por isso, acredito que a Rondon foi assim, uma experiência para começar a pensar, para perceber quem está ao meu redor, como a minha formação pode integrar a vida dos outros, um empurrão para que eu comece a pensar em como quero ser como profissional.

DIA 19 DE JULHO

No dia 19, acabaram as conversas de madrugada, acabaram as despedidas, o Rondon acabou e me vi sem meus amigos, que chamei de família nos 15 dias anteriores. Passei com eles momentos que nunca vou esquecer. A parte mais especial dessa operação foi ter conhecido pessoas tão incríveis, que me ensinaram coisas sobre as quais eu nem imaginava a diferença. Mas todos voltamos para nossas vidas, a desenvolver nossos trabalhos. Tenho certeza de que, em cada fôlego, levamos um pedacinho uns dos outros — eu sei que isso é brega, mas estou me sentindo brega nesse pós-Rondon. Podem ter certeza de que levei.

Eu voltei para casa no dia 20 de julho, depois de mais ou menos 8 horas de viagem. Paramos na faculdade, mandei mensagem para minha irmã, e minha família veio logo depois. Fiquei tão feliz de vê-los, estava com tanta saudade, até das brigas. Mentira, dessa parte não. Passei na casa da minha avó e fiquei um pouco no colo dela. Foram 15 dias, e já estou chorando de novo. Eu amei o projeto e fazer parte dele. Se você tiver a chance, participe. Vai amar também, de um jeito diferente, mas vai amar. Se eu pudesse voltar no tempo, me inscreveria de novo e viveria essa experiência mais uma vez.

REGISTROS



FOTO: Visita na Cachoeira do Passo.



FOTO: Festa Junina.



FOTO: Vila Copel.



RELATO

MARIELLY DEISE RODRIGUES TIAGO

Ciências da Computação
Campus de Apucarana
Conjunto A: Reserva do Iguaçu

DIA 08 DE JULHO

Hoje, demos início às apresentações das oficinas na Escola Pedro, onde estamos hospedados. O frio aqui é intenso — acho que nunca passei tanto frio na minha vida —, mas o dia foi repleto de atividades, e eu tive a chance de auxiliar os recém-conhecidos amigos. A primeira oficina em que ajudei foi "Colorindo o Meio Ambiente". Desenhamos com as crianças do jardim usando tinta guache e ressaltamos a importância da natureza e de sua preservação. As crianças foram incríveis: participativas, receptivas e cheias de vida. Nunca fui chamada de "professora" tantas vezes, talvez porque esse não é meu título, mas, para as crianças, era exatamente o que nós éramos.

Elas sorriam e compartilhavam fatos aleatórios de suas vidas, como o dia em que a avó deu um celular de presente. Algumas eram muito quietas, enquanto outras falavam sem parar. Cada uma, com suas particularidades, aqueceu meu coração.

A segunda oficina em que auxiliei foi "Gincana Escola Limpa". Nela, o rondonista falava sobre reciclagem e, em seguida, as crianças tinham que recolher lixos espalhados propositalmente pelo pátio da escola e descartá-los corretamente. Dessa vez, trabalhei com as crianças do quinto ano. Elas eram maiores e mais barulhentas, mas igualmente participativas. Embora eu tenha uma preferência pelos pequenos, foi divertido participar da gincana e vê-los aprender sobre um tema tão relevante.

A terceira e última oficina do dia foi "Brincadeiras Tradicionais", onde brincamos com as crianças na quadra da escola. Confesso que essa foi a mais estressante; algumas crianças eram difíceis de lidar, não escutavam o que dizíamos, machucavam os colegas, entre outras coisas. No entanto, algo em particular chamou minha atenção. Trabalhamos com várias turmas e brincamos com crianças de todas as idades, mas algumas delas tinham dentes apodrecidos ou ausentes. Não sei se são casos isolados ou se é um problema comum na cidade, mas levei esse tópico para a reunião em grupo que fazemos todas as noites. Às vezes, não damos a devida atenção à saúde bucal e esquecemos sua importância. A mastigação também faz parte do processo de digestão dos alimentos, por isso devemos cuidar muito bem dos dentes, não só por estética, mas também por saúde.

DIA 10 DE JULHO

Hoje, pela manhã, visitamos a Escola Santa Luzia, que atende à comunidade de mesmo nome. Nela, eu não tive muito contato com as crianças, mas realizei um breve passeio pela comunidade, observando as ruas e as fachadas das casas. Ali, vi uma situação de pobreza surpreendente que me fez refletir. Notei uma carência na saúde bucal, um tópico que já havíamos discutido em uma das reuniões diárias, porém desta vez entre adultos. Muitas pessoas tinham os dentes frontais apodrecidos ou inexistentes. Durante a reunião, foi mencionado que as famílias das comunidades podem não ter condições financeiras para manter a saúde bucal, com a renda muitas vezes não sendo suficiente para necessidades básicas como roupas e alimentação, pontos de carência também observados por outros colegas.

Apesar das tristes condições em que vivem, as pessoas dessa comunidade nos receberam com simpatia e hospitalidade, sempre com um sorriso no rosto. Uma das casas que vi me chamou a atenção: ali morava uma família de aparência carente. Seu lar era pequeno, feito de madeira e sustentado por vigas, o que fazia com que a casa não estivesse totalmente colada ao chão. Em volta do lugar, havia muito lixo, provavelmente jogado pelos próprios proprietários. No momento, meu primeiro pensamento foi que a família jogava propositalmente o lixo ao redor da própria casa, mas quem faria isso?

Recordei uma visita que fiz aos meus avós quando era mais nova. Em um determinado dia, tomei uma bebida que vinha em um recipiente plástico e não sabia onde jogar. Perguntei à minha avó, e ela me disse para jogar no "mato". Acontece que lá não havia coleta de lixo, e por isso as famílias jogavam o lixo no "mato", ou formavam montes e queimavam. Acredito que talvez essa família viva uma realidade semelhante, onde não há coleta de lixo ativa na comunidade, e por isso jogam o material em volta da própria casa, dando a impressão de desleixo.

No entanto, nenhum morador reclamou da falta de coleta de lixo, o que leva à possibilidade de estarem acostumados com a realidade em que vivem e simplesmente não saberem o que é um direito ou, pior, o que é uma necessidade. Tendemos a pensar que a nossa realidade é a realidade de todos, assim como, quando era criança, eu pensava que todas as casas tinham coleta de lixo. Talvez essas pessoas pensem que é normal não ter coleta de lixo em casa. Escrevendo assim, parece um absurdo, mas na vida vemos tantos absurdos que, em algum ponto, tudo passa a não ser mais um absurdo.

Após o almoço, realizei uma oficina de brincadeiras tradicionais com as crianças da Escola José Araújo Loures. O que me chamou a atenção foi uma criança, um menino, que apresentava fissuras no rosto e nas mãos, possivelmente causadas pelo frio e pela falta de hidratação dessas regiões. O menino se mostrava quieto e pouco receptivo às brincadeiras propostas na oficina, sem falar muito ou mostrar picos de energia, como é comum para crianças de sua idade. Isso me preocupa. Ver crianças claramente carentes clamando por atenção é triste, mas ver uma criança carente que nem mesmo se dispõe a externar suas necessidades é de cortar o coração e abre espaço para a imaginação sobre como essa criança é tratada em casa.

DIA 12 DE JULHO

Hoje, visitamos um quilombo, e lá tive a oportunidade de provar comidas típicas da cultura quilombola, conversar com os moradores e aprender um pouco mais sobre sua história e lutas. A dificuldade que enfrentam para preservar sua história e garantir seus direitos me causou uma profunda revolta. Isso me fez refletir sobre como essa realidade é comum para muitos povos oprimidos, sejam negros ou indígenas.

Apesar de todo o sofrimento que carregam, essas pessoas transbordam alegria e hospitalidade. Mostraram-se sábias e profundamente apaixonadas por sua cultura e seu povo. Durante nossas conversas, percebi que estavam bastante interessados nos conhecimentos que levamos, especialmente sobre turismo. Eles acreditam em seu potencial, embora ainda tenham pouca confiança no que podem alcançar no presente. Levo comigo suas histórias de superação e seus sorrisos, gravados tanto no coração quanto na mente. Sem dúvida, foi um dia extremamente produtivo, mesmo com a chuva constante, o frio e a lama que dificultavam nossa locomoção. No meio de tudo isso, eu me diverti muito, ri com eles e, por causa deles, refleti sobre como, muitas vezes, nos esquecemos das batalhas dos outros enquanto lutamos pelas nossas próprias.

DIA 15 DE JULHO

Hoje, de manhã, apresentei pela primeira vez minha oficina "Saúde da Criança: Marcos do Desenvolvimento" no Luz e Arte, próximo ao dormitório. A princípio, o local estava vazio, e eu já imaginava que ficaria sem apresentar. Porém, logo surgiu a oportunidade de falar sobre o tema com as funcionárias do Luz e Arte, e eu não hesitei em aproveitar. Estava ansiosa e empolgada para discutir esse assunto tão importante, mesmo com um público reduzido de apenas seis mulheres. Era a primeira vez que apresentava algo que eu mesma havia organizado, então a ansiedade era inevitável.

Para minha alegria, tudo ocorreu como esperado. As mulheres mostraram interesse no que eu tinha a dizer, e eu fiz o possível para transmitir a animação que sentia ao estar ali, falando sobre a importância de observarmos atentamente as crianças. Minha experiência na UTI Pediátrica, onde trabalhei como técnica de enfermagem, mostrou-me como muitos pais não sabiam, ou até mesmo não se interessavam, em monitorar a saúde de seus pequenos. Mas hoje, aquelas mulheres me ouviam com atenção, e eu só podia esperar que a informação que compartilhei enriquecesse seus conhecimentos e que elas pudessem, por sua vez, disseminá-la para outras pessoas.

Como uma surpresa, à tarde fui incumbida de ensinar às gestantes atendidas pelo CRAS sobre os cuidados com bebês, também próximo à escola onde estamos. As mulheres, simples e sorridentes, pareciam interessadas e fizeram várias perguntas. Algumas tinham uma idade próxima à minha, ou até mais novas, mas todas demonstraram um forte desejo de aprender como acompanhar o crescimento de seus bebês. O dia, definitivamente, foi produtivo e gratificante.

DIA 16 DE JULHO

Hoje fomos novamente ao Luz e Arte. Dessa vez, eu não dei nenhuma oficina, mas auxiliei nas oficinas de dois colegas: a Ana Carolina, com a oficina de mediação de leitura, e a Aline, que substituiu o Mauri, que não pôde dar sua oficina de educação sexual. Na oficina de mediação de leitura, trabalhamos com as crianças pequenas, na média de seis anos de idade. Algumas delas já haviam participado de oficinas conosco na escola Pedro, onde estamos alojados. Foi divertido observar as crianças atentas a uma história e se divertindo com um livro. Elas, que antes, ao serem questionadas sobre seu gosto por leitura, se mostraram negativas, estavam animadas com alguém lendo para elas. Isso me fez pensar em como as crianças e até mesmo os adultos afirmam não gostar de algo simplesmente por nunca terem tido acesso ou, no caso das crianças, incentivo.

Sei que o incentivo à leitura não é apenas um problema das comunidades carentes; em cidades mais desenvolvidas, a falta dele também é um problema ativo, o que faz com que as crianças cresçam se tornando adultos que não veem nos livros uma forma de entretenimento ou até mesmo conforto.

A oficina de educação sexual com os adolescentes foi muito gratificante. Eles se mostraram atentos e trataram o tema com seriedade, embora com alguns risos em momentos específicos. Pareciam interessados e já possuíam algum conhecimento sobre o assunto, o que não foi surpresa para mim. Vejo a informação sexual como algo de extrema importância, e disseminar a importância do autocuidado íntimo, tanto para meninos quanto para meninas, é uma questão extremamente relevante. Existe, na sociedade atual, um tabu em relação a sexo e sexualidade. Sei que são temas de extrema delicadeza e que devem ser tratados com cuidado e no momento correto, mas não podemos esquecer que é um tema relacionado à saúde e deve, sim, ser abordado de maneira séria para que os adolescentes cresçam com uma mínima noção do próprio corpo e de como ele funciona, sem se culparem pelo que sentem e se prevenindo de situações indesejadas. Só assim saberão se estão bem fisicamente ou não.

DIA 17 DE JULHO

Hoje, como previsto na programação, apresentei novamente minha oficina, desta vez na Câmara Municipal. Assim que cheguei ao local, fiquei um pouco nervosa, pois era a primeira vez que apresentaria para mais de dez pessoas. Na verdade, parecia haver muito mais do que isso ali. Além disso, a estrutura do local era bem mais profissional do que a dos centros sociais onde eu havia apresentado anteriormente. Mas, tudo correu muito bem, apesar do nervosismo. Todos escutaram atentamente sobre os marcos do crescimento e pareciam entender a relevância e importância do tema. Foi um dia muito produtivo e repleto de aprendizado.

DIA 18 DE JULHO

Amanhã será nosso último dia nesta cidade. Partiremos logo pela manhã, então já considero hoje como o fim da nossa jornada aqui. É estranho como, em tão pouco tempo, este lugar passou a parecer minha casa, e os rondonistas, amigos íntimos. Acho que dividir o quarto com alguém cria um laço profundo e inusitado. Durante o Rondon, várias vezes pensei, quando estávamos em alguma escola ou comunidade distante, "quando voltarei para casa?", mas curiosamente, eu me referia ao dormitório. Queria voltar para meu colchão no chão e me esconder do frio que reinava lá fora.

Nunca vou esquecer esta cidade. É curioso como um lugar que eu sequer conhecia antes agora evoca tantas emoções em mim. Tenho certeza de que sentirei saudade. Aqui, conheci muitas pessoas incríveis e fiz amizades que espero levar para a vida toda. Vi realidades tristes que, embora não me surpreendessem, me fizeram refletir sobre meu papel em tudo isso. O que devo fazer para melhorar a situação de vida, não só dos moradores daqui, mas de outros lugares também? Percebi que, mesmo tendo pouco, eu tenho muito.

Para aquelas pessoas que não tinham condições nem mesmo de escovar os dentes, eu era afortunada. Às vezes, é preciso enxergar as necessidades dos outros para perceber que existe mais no mundo do que apenas nós mesmos – existe o outro.

À noite, no restaurante onde jantávamos todos os dias, tivemos uma despedida com direito a cantoria e churrasco. Foi incrível perceber como todos ali pareciam uma família – talvez com alguns problemas, mas que família não tem? Despedidas são tristes, mas hoje meu coração estava aquecido. Durante muitos dias, questionei se vir ao Rondon foi a decisão certa para mim, deixar meus pais e minha cidade para estar aqui, com pessoas que antes eu sequer conhecia. Hoje, pela primeira vez, penso que sim, valeu a pena. Talvez eu não tenha mudado as pessoas desta cidade, mas, sem dúvida, elas me mudaram.

REGISTROS



FOTO: Cachoeira do Passo de Reserva do Iguaçu.



FOTO: Oficina “Escola Limpa”.



FOTO: Oficina.



RELATO

MAURI KREKOG DOS SANTOS

Enfermagem
Campus de Paranavaí
Conjunto A: Reserva do Iguaçu

Meu nome é Mauri Krekog dos Santos, sou acadêmico indígena de Enfermagem do Câmpus Paranavaí-PR. No dia 04 de julho de 2024, me desloquei de Paranavaí até Guarapuava para participar da Operação Rondon 2024. Durante essa minha ida até lá, eu estava com medo e nervoso, porque não tinha noção do que encontraria. Ficava receoso de ser excluído, até porque sou tímido com pessoas que não conheço. Fui com o objetivo de aprimorar minhas habilidades, tentar perder a timidez de falar em público e melhorar o meu português, já que falo duas línguas, kaingang e português. O português não é minha língua oficial, por isso tenho muitas dificuldades em falar em público, mas estou sempre buscando melhorar.

Chegando em Guarapuava, fomos para o local do jantar. Eu não sabia com quem falar, então me misturei com os acadêmicos da UNESPAR de Apucarana. Sentei à mesa com eles para esperar o jantar, e foi aí que começamos a conversar um pouco, interagimos e eu fiquei mais tranquilo. Depois do jantar, fomos para o hotel dormir. No hotel, dividimos os quartos com outras pessoas, e eu dividi o quarto com uma pessoa chamada João. Ele me acolheu bem, conversamos um pouco e, depois, dormimos.

No dia seguinte, pela manhã, após o café, fomos para a Unicentro, onde estavam todos os participantes do Rondon. Ouvimos muitas falas dos organizadores, foi um momento para entendermos o que é a Operação Rondon. Depois disso, almoçamos e jantamos. No dia seguinte, saímos para os municípios onde realizaríamos nossas oficinas. O grupo com quem eu estava foi para Reserva do Iguaçu. Chegamos lá, guardamos nossas coisas em uma escola

municipal e nos alojamos na própria escola. Sábado e domingo foram os dias em que conheci os participantes rondonistas do grupo em que estava. Me senti acolhido por todos eles. Fizemos turismo pelos cantos da cidade, ouvindo histórias sobre a cidade. Tereza, secretária do prefeito da cidade, nos acompanhava nos passeios e relatava as histórias.

No dia seguinte, iniciamos as oficinas. Nesse dia, foi tudo muito corrido para todos nós, uma verdadeira loucura. Eu não apresentei minha oficina, mas auxiliei os outros rondonistas, o que foi muito legal. O público eram as crianças da escola, e eu estava com um pouco de medo, pois não tinha muito contato com crianças e não sabia como me comunicar. Aos poucos, fui perdendo o medo e me soltando para ter uma boa comunicação com as crianças. A oficina em que eu estava auxiliando tinha como tema o meio ambiente, um assunto muito importante para abordar com as crianças, para que saibam da importância de cuidar do meio ambiente. Quando o dia acabou, à noite, nos reunimos para relatar como foi o dia de cada um. Foi uma noite de risos, e fiquei feliz de ouvir os relatos dos outros rondonistas. Todos curtiram o dia que tiveram. Depois disso, fomos dormir.

O dia seguinte começou novamente com o café da manhã. Eu ainda não havia apresentado minha oficina, então auxiliei novamente os outros rondonistas. Nesse dia, eu já estava mais calmo e super comunicativo com as crianças. Algumas horas depois, uma rondonista me chamou para auxiliá-la em sua oficina, que era sobre história, já que ela era acadêmica do curso de História. Antes de ela iniciar a oficina, tivemos problemas técnicos, e, com isso, tive uma ideia brilhante, embora fora do cronograma: comecei a me apresentar para as crianças. Falei que eu era indígena e contei um pouco da minha história e da minha vivência na faculdade. Depois, ensinei algumas palavras em kaingang, como nomes de animais e outros objetos. Eles gostaram muito de aprender meu idioma. Alguns minutos depois, a rondonista conseguiu resolver os problemas técnicos e deu início à sua oficina, que também estava bem legal. Ela falou sobre deuses gregos, um pouco sobre os negros e indígenas de antigamente. Após falar sobre os indígenas de antigamente, ela me deu um espaço para falar sobre os indígenas do Paraná na atualidade. Foi muito importante para as crianças e para as professoras ouvirem sobre isso. Eu estava ali para diminuir o estereótipo, pois muitos não indígenas pensam que nós, indígenas, vivemos em ocas, andamos pelados, não utilizamos smartphones, entre outras coisas. Para finalizar, ensinei um cântico em kaingang para as crianças. À noite, nos reunimos novamente para relatar como foi nosso dia, e depois fomos dormir.

Mais um dia se inicia. Ainda não apresentei minha oficina, pois ainda não encontrei meu público-alvo. Mesmo assim, o dia foi muito produtivo. Nesse dia, o rondonista João abordou uma oficina muito importante para as crianças chamada "Semáforo do Toque". Como sou da área da saúde, auxiliei-o. Depois que ele terminou, eu apresentei a técnica de lavagem das mãos para as crianças, explicando a importância de se cuidar e de sempre lavar as mãos, pois existem

micro-organismos que fazem mal à nossa saúde. Depois, voltamos para o alojamento, descansamos e, à noite, nos reunimos novamente para relatar como foi o nosso dia. Após a reunião, fomos dormir.

Outro dia começa. Acordei muito alegre, pois havia chegado o meu momento de apresentar minha oficina. Para isso, nos deslocamos para uma comunidade quilombola. Quando chegamos, o clima estava fechado, e estava chovendo. Fiquei com medo de não ter público e de não conseguir apresentar a oficina. Então, esperamos um pouco. Enquanto o público não chegava, eu e os outros rondonistas demos uma volta pela área para conhecer o lugar. Voltamos alguns minutos depois para o local onde apresentaríamos nossas oficinas. Quando voltamos, as pessoas da comunidade começaram a chegar, e os outros rondonistas iniciaram suas oficinas. Eu tive que esperar um pouco, pois tive problemas técnicos com meu notebook. Fiquei aguardando até o outro rondonista finalizar sua oficina, para que eu pudesse pedir emprestado o notebook dele e iniciar a minha oficina. Felizmente, tudo correu bem.

Minha oficina era sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), um tema muito importante para abordar com pessoas acima de 13 anos. O público presente na minha oficina era formado por adultos, com apenas um adolescente. Comecei explicando o que são as Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), o que as causa, e se os micro-organismos responsáveis são bactérias ou vírus. Depois de explicar o conceito das ISTs, realizei uma dinâmica sobre o tema, um jogo de cartas semelhante ao jogo de cacheta. Entreguei um cartão para cada pessoa, e cada cartão correspondia a uma IST, como tricomoníase, condiloma acuminado, hepatites B e C, clamídia, sífilis, gonorreia e Aids. O restante dos cartões deixei sobre a mesa, contendo informações adicionais sobre as infecções, como causador (bactéria ou vírus), sinais e sintomas, prevenção, entre outros.

O objetivo da dinâmica era que os participantes tentassem acertar as informações que faltavam em seus cartões, promovendo uma reflexão sobre o conhecimento que tinham a respeito das ISTs. A dinâmica foi muito produtiva, os participantes se ajudaram, e foi muito legal vê-los tão engajados. Depois de todos coletarem as informações, corrigi os dados com eles. Alguns acertaram a metade, outros não. Durante as correções, expliquei detalhadamente o que causa cada IST, quais são as bactérias e vírus envolvidos, além dos sinais e sintomas de uma pessoa infectada.

Após essa primeira atividade, realizei outra dinâmica, chamada "Mitos e Verdades" sobre as ISTs. Foi uma dinâmica de perguntas e respostas do tipo "verdadeiro ou falso". Também foi muito produtiva, pois os participantes fizeram muitas perguntas, e eu consegui esclarecer muitas dúvidas. Após finalizar essa dinâmica, mostrei imagens dos sinais apresentados por pessoas infectadas com essas infecções. As imagens eram impactantes e serviram para fazer os participantes refletirem sobre a importância da saúde sexual e da prevenção contra as ISTs. Falei, então, sobre as formas corretas de prevenção, como o uso do preservativo masculino e feminino, evitar múltiplos parceiros, realizar exames

regulares, não compartilhar objetos pessoais, como brincos e roupas íntimas, e tomar vacinas. Também fiz uma simulação do uso correto dos preservativos masculino e feminino em protótipos, para que os participantes pudessem ver a técnica adequada de utilização.

Finalizei explicando como uma pessoa pode se tratar caso contraia uma infecção, citando os tratamentos disponíveis, como pomadas, cremes, comprimidos e outros medicamentos, sempre seguindo a prescrição de um médico ou enfermeiro. O objetivo dessa oficina foi conscientizar as pessoas sobre a importância da saúde sexual, informando sobre o que causa as ISTs e como se prevenir, além de incentivar o diálogo entre pais e filhos sobre educação em saúde, já que, fora de casa, os adolescentes podem receber influências negativas ou informações erradas.

Nesse mesmo dia, na comunidade quilombola, também abordei o tema dos métodos contraceptivos, discutindo a prevenção contra a gravidez indesejada. Apresentei essa oficina com o objetivo de atualizar as mulheres que utilizam contraceptivos como pílulas e injetáveis. Durante a oficina, mostrei que existem outros métodos contraceptivos e os apresentei por meio de imagens. Os tipos que mostrei foram adesivos, anéis e DIU (Dispositivo Intrauterino). Expliquei detalhadamente o conceito de cada método e, durante a oficina, as mulheres ficaram curiosas, fazendo várias perguntas sobre a eficácia desses contraceptivos. Expliquei novamente como cada método funciona e como são utilizados: o adesivo é colocado em partes do corpo como abdômen, parte externa do braço ou parte superior das costas, enquanto o anel é inserido dentro da vagina. Ambos têm funções semelhantes, pois são métodos contraceptivos hormonais que impedem a ovulação.

Depois de explicar tudo isso, finalizei a oficina entregando certificados de participação para as mulheres presentes.

Alguns minutos após a oficina, um casal me chamou para conversar. Eles me agradeceram por estar lá passando essas informações e disseram que gostaram muito do tema. Mencionaram que, na época da juventude deles, ninguém os procurava para dar educação em saúde. Nesse momento, refleti que eu estava no lugar certo, no curso certo, para fazer a diferença na vida das pessoas. Ao final da tarde, voltamos para o alojamento e, à noite, tivemos outra reunião antes de dormir.

No dia seguinte, apresentei minha oficina novamente, desta vez para professoras de uma escola. O processo foi o mesmo: expliquei o conceito das ISTs, os sintomas, realizei a dinâmica do jogo de cartas sobre as ISTs, a dinâmica de "Verdade ou Mito" sobre as ISTs, mostrei imagens dos sinais de uma pessoa infectada, expliquei como se prevenir, simulei a técnica de uso dos preservativos masculino e feminino nos protótipos e abordei o tratamento das ISTs. Também apresentei os diferentes tipos de métodos contraceptivos para prevenção de gravidez indesejada. E assim foi nas outras oficinas que apresentei nos dias

seguintes. Durante esses 15 dias na Reserva do Iguaçu, evoluí muito, não só como acadêmico de Enfermagem, mas também como pessoa. Refleti sobre várias coisas. O Projeto Rondon foi um verdadeiro "choque de realidade", mostrando que devo sair mais da minha zona de conforto, que não devo ter medo de coisas novas e que é importante conhecer diferentes realidades e culturas, respeitando a autonomia das pessoas e, assim, abrindo a mente para novas experiências.

Eu e os outros rondonistas compartilhamos muitas experiências, e sou muito grato a todos. Muito obrigada a todos os rondonistas, aos professores e, principalmente, ao Projeto Rondon.

REGISTROS



FOTO: Festa Junina.



FOTO: Oficinas ministradas na escola.



FOTO: Oficinas ministradas na escola.



RELATO

TAINÁ TAVARES DE CARVALHO

Mestranda no PAlI
Campus de Paranaguá
Conjunto A: Reserva do Iguaçu

DIÁRIO RONDON

Querido diário, está para começar a Operação Rondon 2024 na cidade de Reserva do Iguaçu, e eu estou muito animada. Temos nos organizado em reuniões periódicas on-line, tanto nós do conjunto A (UNESPAR), quanto com pessoal do conjunto B (UEPG). Fiquei responsável por dois temas para as oficinas: separação do lixo e álcool e direção. Outras meninas ficaram com temas semelhante, então acabamos conversando para fazermos juntas. O Tiago, membro do conjunto B, se prontificou a realizar algumas oficinas e disponibilizou para quem quisesse participar com ele. Pois bem, me uni a ele na oficina de compostagem.

Finalmente, chegou o grande dia! Nos reunimos em Guarapuava, juntamente com as outras Universidades Estaduais do Paraná, em um jantar na quinta-feira, dia 04 de julho. Foi espetacular, com direito a orquestra, comida boa e sobremesa deliciosa. Foi uma bela confraternização. De lá, fomos para o hotel e, no dia seguinte, nos direcionamos para a UNIOESTE, onde aconteceria a abertura oficial. Foi emocionante ver todos aqueles jovens dispostos a abrir mão de suas férias, empregos e aulas para estar ali, por uma causa nobre: servir a quem mais precisa.

Seguimos então direto para a cidade de Reserva do Iguaçu. Almoçamos no restaurante onde faríamos todas as próximas refeições e deixamos as malas em uma salinha na Escola Pedro Siqueira, que seria nossa residência pelos próximos 15 dias. Depois, fomos ao Parque dos Tropeiros, onde alguns professores estavam arrumando a decoração para a festa junina do dia seguinte.

Nós nos unimos a eles e ajudamos na arrumação. Depois, voltamos para a escola, arrumamos os quartos e fomos jantar.

No sábado, dia 06, após o desjejum, tivemos nossa primeira reunião. Voltamos para almoçar e, depois, fomos passear. Visitamos o Santuário de Nossa Senhora Aparecida da região, onde há uma lindíssima cachoeira. Passamos pela Vila da Copel, que possui um maravilhoso jardim com uma grande variedade de plantas.

De volta à escola, ensaiamos a quadrilha que vamos apresentar amanhã. Jantamos e descansamos. Na reunião noturna, o professor Mário nos apresentou a Dona Aranha e o Woody, do Toy Story.

Já no domingo, dia 7, logo após o café da manhã, ensaiamos para a quadrilha. Almoçamos e fomos para a festa. Lá, as meninas montaram o cantinho da pintura de rosto, e eu fiquei sem ocupação. Então, auxiliei na pintura de rosto. Treinei na mão e deu certo, pintei uma bandeirinha no rosto de uma menina e outra na mão de outra menina.

Logo chegou a nossa vez de dançar, e então fomos apresentar a quadrilha. Após a apresentação, ainda dancei com alguns colegas. O ônibus chegou, e fomos embora debaixo de muita chuva. Chegando à escola, senti falta do meu celular. Comecei a procurar e nada de encontrá-lo. Mobilizei alguns colegas e, ao rastrear o aparelho, concluímos que ele ficou no ônibus. Tomei banho, jantamos, houve reunião e fui deitar.

Após o desjejum, na segunda-feira, houve sorteio do anjo secreto. Primeiro tirei a Larissa e depois a Kauana. Escrevi o primeiro bilhete para ela. Demos início às oficinas na Escola Pedro Siqueira. Inicialmente, fiquei na de “Brincadeiras Tradicionais”, junto com a Claudiane e a Larissa. As duas primeiras foram tranquilas, mas as seguintes foram exaustivas. Durante o almoço, comentei sobre trocar com alguém, e a Thabata se interessou. Pela tarde, fiquei com a oficina “Colorindo o Meio Ambiente” com a Ana. Ao fim do dia, estava tão cansada que nem fui jantar.

Na terça-feira, dia 9, fomos à escola Monteiro Lobato, na Vila da Copel. Eu e a Thabata montamos a oficina do “Semáforo do Toque”.

No dia 10, quarta-feira, fomos à comunidade Santa Luzia, na Escola Municipal Santa Luzia. Chegamos cedo, e as oficinas seriam somente à tarde. Aproveitamos para circular pelo bairro e convidar as pessoas. Após o almoço, apresentamos a oficina “Separação do Lixo” para os professores e depois para os alunos, com algumas adaptações. Após dias de chuva, hoje fez um belo dia de Sol.

Na quinta-feira, dia 11, devido ao clima, nossas oficinas foram canceladas. Pela manhã, participei de uma oficina com o professor Sandro e a professora Valderice. Na volta, passamos em lojinhas para comprar presentinhos para nossos protegidos. Depois, encontramos a feirinha do quilombo. Assistimos ao filme Up – Altas Aventuras à tarde, e à noite tivemos pizza.

Piscamos e já é sexta-feira! Hoje fomos até o quilombo. Particpei das oficinas de boneca, artesanato, colorindo o meio ambiente e patrimônio histórico.

Almoçamos e lanchamos lá. O café da tarde estava maravilhoso, com bolos e rosquinhas.

No sábado, acordei exausta. A Larissa trouxe meu café da manhã no quarto. Fomos à Vila da Copel, na escola Monteiro Lobato, para auxiliar no cadastramento da população. Conversei com minha mãe e meu cachorro Jordan, estava muito mal.

À tarde, a Teresinha trouxe pipoca e quentão. e o Zé Moraes, músico conhecido aqui na região, veio tocar sanfona e conversar conosco. À noite, teve strogonoff de frango com batata palha, e assistimos ao filme Minha irmã e eu.

No domingo chuvoso, não tivemos oficinas. A Unicentro veio pela manhã realizar algumas entrevistas e fotos. Dormi até tarde e recebi a triste notícia de que o Jordan faleceu. Ele estava conosco desde 2010. Passei o dia descansando.

Na segunda-feira fomos ao Luz e Arte pela manhã e ao CRAS à tarde. Íamos apresentar a oficina sobre o lixo, mas ela foi cortada. Passei a manhã resolvendo as coisas do mestrado, para a disciplina de APL (Arranjos Produtivos Locais), e à tarde trabalhei na disciplina VRS (Vocações Regionais Sustentáveis). Às 19h, tive uma ótimo consulta com a psicóloga.

Na terça-feira, dia 16, fomos ao Luz e arte pela manhã e, à tarde, visitamos a Usina Hidrelétrica Governador Ney Braga.

Quarta-feira, dia 17, pela manhã, apresentamos oficinas na Câmara, e alguns colegas deram entrevistas na rádio. À tarde, fomos até o Barreiro, e lá fiquei como suporte para as oficinas. Senti dor na coluna e fui descansar no ônibus.

Quinta-feira, dia 18, amanheci mal, com dor de cabeça e cansaço. Fiquei no alojamento até melhorar e, depois, fui para o CRAS onde apresentaria as oficinas de Compostagem, Álcool + Direção = Uma combinação perigosa e Separação do Lixo à tarde. Inventei de fazer uma lembrancinha pra cada participante, com um mini cartãozinho e um post-it diferente. Pedi ajuda para a Teresinha, e ela imprimiu na prefeitura pra mim. Recortei e coloquei em um envelope para cada um.

Finalmente, chegou o último dia! Nessa sexta-feira, dia 19, arrumamos as salas e nos despedimos. Tiramos fotos com o pessoal do restaurante e no letreiro da cidade. Partimos para Guarapuava, onde visitamos o Parque Municipal das Araucárias e o Museu de Ciências Naturais. À noite, tivemos a festa de encerramento, e me diverti muito com o pessoal da UEPG.

Hoje é o grande dia! Seguimos para Paranaguá, parando em Ponta Grossa para almoçar. Chegamos à noite, e minha mãe, minha avó e minha cachorrinha estavam me esperando. Nos despedimos e fui para casa.

REGISTROS



FOTO: Restaurante em Reserva do Iguazú.



FOTO: Registro de atividades na escola.



FOTO: Festa Junina



EQUIPE

CONJUNTO “B”

COORDENADORES

Camila Matos

Marcia Cristiane Morais Bortoleto

ALUNOS

Anna Luiza de Camargo Silva

Arthur Ribeiro Guirro

Fabício Pereira Diniz

João Pedro Naves Benedito

João Pedro de Souza Olivo Tardivo

Luiz Victor de Moraes

Luka Alves Claro

Matheus Henrique Stoco de Moraes

Paloma de Castro Leite

Theo Okagawa Rodrigues



RELATO

CAMILA MATOS

MARCIA CRISTIANE MORAIS BORTOLETO

Coordenadores do Conjunto “B”
Inácio Martins

APRESENTAÇÃO

Este relato trata-se da experiência extensionista na Operação Rondon Paraná, que ocorreu entre os dias 5 e 19 de julho de 2024. O foco deste relato é sobre a equipe que atuou no município de Inácio Martins, composta pelo grupo A da UNICENTRO e pelo grupo B da UNESPAR.

A experiência relatada neste estudo reflete os desafios e sucessos encontrados durante a operação, evidenciando a importância da atuação prática no desenvolvimento de habilidades e no fortalecimento da cidadania. O relato também destaca a contribuição da Operação Rondon para o crescimento das comunidades envolvidas e para o desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes participantes.

METODOLOGIA

Este relato possui abordagem qualitativa, de caráter descritivo, do tipo relato de experiência, a partir das práticas vivenciadas na Operação Rondon Paraná que aconteceram do dia 5 ao 19 de julho de 2024. A Universidade é responsável por enviar dois grupos para a operação, o grupo A, responsável pelas áreas de: Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação e Saúde, e o grupo B, com as áreas de Comunicação, Meio Ambiente, Tecnologia e Produção e Trabalho.

No entanto, cada grupo vai para uma cidade, que se junta ao grupo oposto de outra universidade. Este relato se refere às experiências relacionadas ao grupo B que esteve no município de Inácio Martins com o grupo A da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO).

As atividades da operação para os professores iniciaram com a primeira reunião com o coordenador institucional da respectiva Universidade. Após isso, foi realizado a visita aos municípios receptores do projeto, onde foram visitadas as acomodações, restaurantes e realizada uma reunião com as secretarias do município. Esta visita precursora teve por objetivo conhecer a realidade e necessidades do município, para preparar melhor a equipe para as especificidades da região. Foi verificado o local de alojamento para os rondonistas, que tinha os requisitos básicos como chuveiros, máquina de lavar, cozinha, etc. Conhecemos também os restaurantes e solicitamos o orçamento para que a equipe realizasse a refeição durante todos os dias da operação. A reunião foi realizada para identificar com as secretarias as necessidades da cidade. Após esta visita, aconteceu a reunião com os membros da coordenação geral da operação, onde professores responsáveis por cada município relataram suas experiências. Logo após a primeira visita, foi realizada também a seletiva dos alunos que integrariam a equipe, por meio de entrevistas. O foco foi selecionar os alunos que se enquadravam nas áreas em que a prefeitura solicitou oficinas.

Após 30 dias, ocorreu novamente a visita à cidade para fins de verificação quanto às solicitações feitas à prefeitura. Paralelamente a essas atividades, os alunos produziam suas oficinas com o auxílio do professor coordenador do grupo da cidade, por meio de reuniões e troca de materiais. Duas reuniões foram realizadas com o grupo B, para verificação de atividades, e uma reunião geral foi realizada com toda a equipe da cidade (Grupo A e B) para apresentações e definições gerais. Enquanto os alunos desenvolvem suas oficinas, os professores eram responsáveis por fechar os lugares em que seriam realizadas as oficinas, solicitarem a compra dos materiais necessários, realizarem a divulgação da operação na cidade e elaborarem o cronograma de toda a operação. Sendo assim, a fase preparatória consistiu em reunir materiais necessários à realização das atividades e comunicação com a liderança do município de ação, responsável pela logística das ações na comunidade.

Após todas essas etapas cumpridas, as equipes embarcam rumo à cidade sede de abertura e encerramento, neste ano, Guarapuava. A abertura é realizada com a cerimônia do chapéu; as equipes se unem e vão rumo às cidades. A partir de então, todos os dias são oferecidas oficinas na cidade, durante o período de 13 dias. Nos encontros foram desenvolvidas oficinas de grupo, palestras e capacitações. O público-alvo foi composto por professores, profissionais da área de saúde, assistentes sociais, merendeiras, motoristas, lideranças da cidade, crianças e a comunidade no geral. Todas as atividades foram executadas mediante estudos e aperfeiçoamentos, além do suporte oferecido pelos

professores que se encontravam à disposição diante de possíveis intercorrências. No décimo quarto dia, as malas são refeitas e as equipes deixam a cidade rumo ao encerramento em Guarapuava. No décimo quinto dia, todos retornam para suas respectivas cidades.

RESULTADOS

A cidade de Inácio Martins está situada no terceiro planalto, na Serra da Esperança, a uma altitude de 1.198 metros acima do nível do mar, sendo o município mais alto do Paraná. No início de sua colonização, era um distrito de Guarapuava e recebeu o nome de Guarapuavinha. Em 25 de julho de 1960, a Lei Estadual nº 4245 criou o município de Inácio Martins, cuja instalação foi oficializada em 25 de novembro de 1961. A cidade é conhecida por suas belezas naturais e pelas muitas cachoeiras presentes em seu território.

Durante a visita precursora, foram coletadas informações cruciais sobre o município e suas necessidades. Em relação ao alojamento e alimentação, foram visitados escolas e restaurantes. Optou-se pela escola que já possuía chuveiros e estava localizada no centro da cidade, perto dos centros comerciais, o que facilitaria o deslocamento da equipe, e por restaurante bem localizado nas proximidades da escola. As principais demandas identificadas incluíram ações de fomento à agricultura familiar, formação e desenvolvimento de cooperativas, capacitação em informática e tecnologia para professores e equipe da prefeitura, além de diversas oficinas como reciclagem, prevenção à violência e empoderamento feminino. Também foram levantadas necessidades para a realização de uma colônia de férias, a criação de um roteiro turístico e a implementação de ações para a posse responsável de animais, em parceria com a Associação Municipal de Proteção aos Animais. As propostas incluíram ainda a formação em novas tecnologias e comunicação assertiva para agentes públicos, além de atividades voltadas para a educação integral e o uso de tecnologias educacionais.

A partir da visita precursora, os alunos puderam criar oficinas para atender às demandas identificadas. Essas oficinas foram: Oratória e Comunicação Assertiva; Usando o Canva e o PowerPoint para Criar Materiais Didáticos; Tecnologias Educacionais; Emissão da Nota Fiscal Eletrônica do Produtor Rural; Práticas para Ingressar no Mercado Privado: Demandas, Planejamento de Plantio e Ciclo de Cultura; Uso de Jogos em Ambiente Escolar; Segurança no Meio Digital: Cuidados e Prevenções; Introdução à Informática Básica; Introdução à Lógica de Programação; Câncer de Colo de Útero: Prevenção e Detecção; Orientações de Cuidados Essenciais para a População Diabética para ACS; Violência Contra a Mulher; Rastreamento da Hipertensão; Orientações para Hipertensos para ACS; Oficina de Educação em Saúde para ISTs; Boas Práticas de Fabricação (BPF) dos Alimentos; Grau de Processamento dos Alimentos; Aproveitamento Integral dos Alimentos; Higiene Pessoal; Aprendendo Sobre Meu Corpo e Como

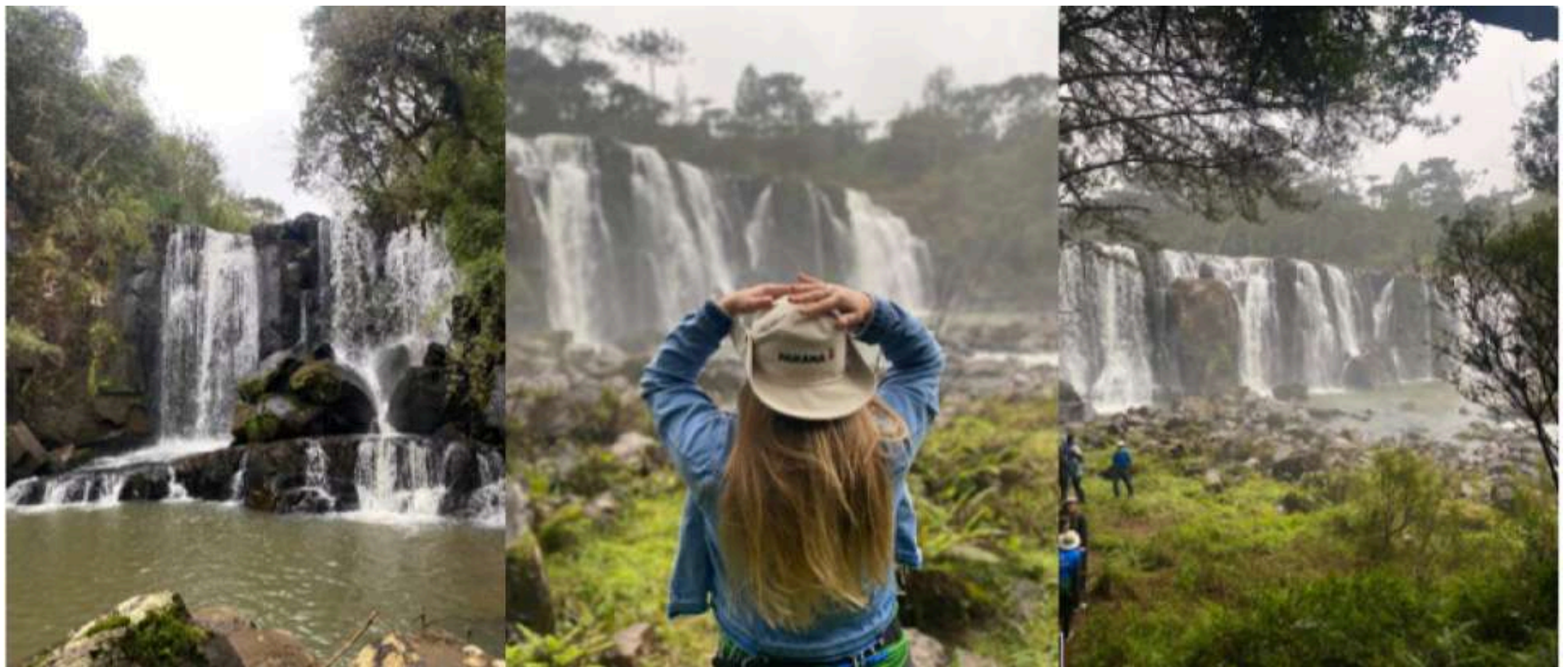
Dizer "Não"; Práticas Pedagógicas; Humanização no Atendimento à Saúde; Preconceito Social e Transtornos; Separação do Lixo; e ChatGPT na Educação.

Durante as reuniões, foi possível orientar os alunos sobre a cidade, os recursos disponíveis e coletar as necessidades de materiais para as oficinas. O maior desafio nessa etapa foi montar o cronograma das oficinas, pois havia incertezas quanto à presença do público, ao desconhecimento da zona rural e às condições climáticas. Montar um cronograma para uma situação que não poderia ser prevista com 100% de certeza é sempre desafiador. Além disso, foi crucial alocar as oficinas de forma equilibrada, permitindo que todos os alunos estivessem envolvidos simultaneamente ou ajudassem os colegas. No que se refere ao Grupo B, que lidava com a área tecnológica, a necessidade de computadores e internet tornava a realização das oficinas mais complexa, ao contrário do Grupo A, que podia realizar atividades com uma simples roda de conversa. Assim, era necessário planejar para que, quando o Grupo B não pudesse realizar sua oficina programada, os membros pudessem atuar como apoio para o Grupo A. Esse arranjo funcionou muito bem, os grupos até criaram oficinas em conjunto.

Ao chegar na cidade, fomos calorosamente recebidos pela comunidade. No entanto, levou alguns dias para que todos tomassem conhecimento da operação, mesmo com a divulgação prévia por meio de um Instagram criado pela equipe. Importante destacar que, ao chegarmos, não existia mais a distinção entre Grupo A e Grupo B; tornamo-nos a equipe Inácio Martins, unida pelo objetivo de levar conhecimento e serviços à cidade. Um dos desafios era garantir que os alunos estivessem bem acomodados, com colchões confortáveis, cobertores e roupas adequadas para o clima local. Também foi necessário assegurar água potável, segurança e acesso à internet. Com o apoio dos líderes da prefeitura, conseguimos garantir todas essas necessidades, e eles estiveram conosco durante toda a operação.

Nos dois primeiros dias de operação, sábado e domingo, reservamos o tempo para conhecer a cidade e seus principais pontos, além de realizar a divulgação da operação. Participamos de um programa na rádio local e distribuimos panfletos de casa em casa, já que muitos não tinham conhecimento sobre a operação. Nessas situações, o professor desempenha um papel de exemplo, sendo fundamental participar ativamente para estimular o desenvolvimento da equipe. Durante o fim de semana, também tivemos a oportunidade de visitar algumas cachoeiras da cidade (Figura 1), que encantaram a todos da equipe.

Figura 1 - Registros de algumas cachoeiras da cidade de Inácio Martins



Fonte: Registradas pelo autor.

Na segunda-feira, iniciamos nossa colônia de férias, que teve duração de apenas dois dias. Apesar da intensidade das atividades, o evento foi um sucesso, com a participação de muitas crianças. No primeiro dia, começamos com a recepção e boas-vindas, seguidas de uma sessão sobre ansiedade que incluiu técnicas de respiração, corrida e pular corda. As oficinas do dia focaram na produção de brinquedos com materiais recicláveis e em uma roda de conversa sobre bullying, acompanhada de dinâmicas. A programação também incluiu gincanas como estourar bexiga com o pé e rouba cone, além de atividades esportivas como futebol e vôlei e uma oficina sobre separação do lixo. O segundo dia começou com a recepção e boas-vindas, seguido por gincanas como Vivo e Morto e Cordão Humano, e uma oficina de introdução à lógica de programação. Outras atividades incluíram uma discussão sobre o grau de processamento dos alimentos e oficinas de higiene pessoal. O dia também contou com gincanas de corrida de Saci e Terra Mar, encerrando com uma nova rodada de atividades esportivas. Na Figura 2, é possível visualizar alguns registros da colônia.

Figura 2 - Registros da colônia de férias



Fonte: Registradas pelo autor.

O que mais surpreendeu nestes dias foi a confiança dos pais em deixar seus filhos conosco o dia todo. Foi um grande desafio cuidar de tantas crianças e organizá-las para que seguissem os devidos cuidados. O ponto mais desafiador foi cozinhar para todos e garantir que comessem, pois muitos não queriam. Nestes momentos, precisávamos fazer a ponte entre o que os alunos precisavam e o que conseguíamos garantir com a prefeitura, que prontamente disponibilizava tudo o que precisávamos. No fim, foram dias cansativos, mas repletos de aprendizado. Receber o carinho e o amor das crianças não teve preço, dava para ver a felicidade da equipe em realizar o trabalho. Ver os alunos realizados por conseguirem realizar o que haviam proposto fez todo o esforço valer a pena.

Outro momento marcante desta operação foi a visita à comunidade indígena. Conhecer sua cultura, a história de vida e todas as atividades realizadas na comunidade foi enriquecedor. A visita à casa de reza foi tão impactante que era possível ver nos olhos da equipe a emoção de estar vivenciando aquele momento. Aprendemos sobre a religião deles, tiramos dúvidas, assistimos às apresentações, pintamos rostos enquanto aprendíamos sobre as pinturas e também colaboramos com a compra de alguns artesanatos. A receptividade da comunidade foi incrível, parecia que éramos parte deles também. Acompanhar outra realidade e ver o orgulho que eles têm de sua história e formas de viver ficará para sempre na memória de todos. A Figura 3 apresenta alguns registros desse dia memorável.

Figura 3 - Registros da visita a comunidade indígena



Fonte: Registradas pelo autor.

Durante a operação, diversas atividades e desafios marcaram a programação. No dia 10/07, a equipe realizou uma oficina com os idosos, abordando o uso de tecnologias e a prevenção contra golpes, além de promover ginástica laboral. No dia 12/07, devido à intensa chuva, a programação foi cancelada e a equipe decidiu visitar uma estufa de morangos, a convite do nosso incrível motorista, para adquirir novos conhecimentos e reorganizar as oficinas. Esse imprevisto nos obrigou a lidar com o desafio de adaptar-se às condições inesperadas para evitar a frustração dos alunos. No dia 13/07, visitamos uma comunidade rural em um sábado chuvoso e frio; apesar das condições adversas, tivemos a surpresa de contar com a presença de três adultos e três crianças. No dia 14/07, enfrentamos mais um dia de baixíssima participação devido ao frio intenso e à dificuldade de transporte nas áreas rurais; a equipe aproveitou para conhecer melhor a região e descansar no alojamento. No dia 15/07, embora a participação tenha sido reduzida, as atividades realizadas foram proveitosas.

Em 16/07, realizamos oficinas com as merendeiras, enquanto outras equipes estavam envolvidas em atividades paralelas. Destacamos a criação de uma oficina durante a operação; como havia uma diversidade de pessoas e faixas etárias, surgiu a ideia de criar uma oficina de primeiros socorros, que a equipe da saúde prontamente se dispôs a realizar em todos os locais. A comunidade frequentemente solicitava e participava dessas oficinas. Primeiros socorros foi a mais realizada e com mais sucesso. No dia 17/07, conduzimos uma oficina noturna com o Rotary, que também realizou com nossa equipe a oficina de sabão e apresentou suas atividades. No dia 18/07, oferecemos oficinas para professores, motoristas e profissionais da saúde, e celebramos com a revelação do "anjo" e uma animada cerimônia de despedida, com gritos de guerra e músicas de incentivo. A cerimônia do anjo foi algo muito positivo para a equipe. No terceiro dia, cada membro pegou um nome sorteado, semelhante ao amigo secreto, e esse nome era a pessoa para a qual deveríamos ser o "anjo", ou seja, cuidar e tratar com carinho, escrevendo bilhetes diários sem que a pessoa soubesse. Nesse dia, revelamos quem era o anjo de cada um e entregamos uma lembrança. Esse momento foi marcante, pois a equipe já se considerava uma família unida, e o sentimento de despedida estava presente. Foi uma noite de muitas emoções, com choros e saudades. Ensaíamos nosso grito de guerra para apresentar na despedida.

Finalmente, no dia 19/07, após a despedida da cidade, fizemos um passeio em Guarapuava e realizamos a cerimônia de encerramento, concluindo nossa jornada com um sentimento de realização e mais despedidas emocionadas. A Figura 4 apresenta momentos da equipe reunida.

Figura 2 - Registros da colônia de férias



Fonte: Registros de momentos com a equipe.

Esses registros fazem lembrar que estivemos todos os dias da operação batendo palmas em cada lugar e gritando 'ô de casa', afirmando a União sinistra que a Unicentrospar criou. Criamos laços maternos com os alunos e laços de irmandade com os outros professores, e pudemos ver o crescimento de cada um deles. O que mais marca é vermos como os alunos cresceram e se desenvolveram ao longo dos dias, tornando-se mais confiantes e cada vez mais apaixonados pelas profissões que escolheram. Eles aprenderam uns com os outros durante as trocas diárias e a participação em diferentes oficinas fora de suas áreas.

Em termos de integração social, a operação ofereceu aos estudantes uma chance de ir além do ambiente acadêmico e vivenciar realidades que a sala de aula não consegue captar. O desenvolvimento de um estado está ligado a aspectos como cultura, saúde, educação e direitos humanos, e as atividades realizadas pelos rondonistas contribuíram para o crescimento do Paraná nesses temas. Embora seja difícil medirmos a contribuição exata deixada na cidade, a experiência proporcionou aos estudantes uma visão prática valiosa, muitas vezes mais significativa do que a teoria acadêmica.

Além disso, a operação proporcionou lições valiosas sobre vida e cidadania, alinhadas com a extensão universitária, que visa democratizar o conhecimento e promover a troca de saberes. Observou-se que os acadêmicos adquiriram conhecimentos da comunidade e foram incentivados a desenvolver responsabilidade social e cidadania. Atividades voluntárias estimularam a solidariedade e o desejo de contribuir para o desenvolvimento do estado, alinhando-se ao entendimento de que a solidariedade é uma conduta social aprendida. O contato com diferentes culturas dentro do mesmo estado promoveu um rico intercâmbio cultural, destacando como a Operação Rondon enriquece o estudante em níveis acadêmico, profissional e pessoal. Assim, a operação se configura como um importante instrumento para formar profissionais que contribuirão para a sociedade brasileira, comprovando que

transforma vidas tanto de quem recebe quanto de quem participa e com certeza transformou todas dessa equipe de Inácio Martins.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato demonstrou que a Operação Rondon Paraná 2024 foi uma experiência enriquecedora para todos os participantes, proporcionando um aprendizado prático e profundo tanto para os estudantes quanto para a comunidade de Inácio Martins. A integração entre as atividades acadêmicas e as necessidades locais foi bem-sucedida, evidenciando a importância do planejamento e da adaptação no desenvolvimento de projetos comunitários. As oficinas e atividades realizadas foram bem recebidas e cumpriram seu objetivo de capacitar os participantes.

Os desafios enfrentados, como condições climáticas adversas e questões logísticas, foram superados com a colaboração e criatividade dos grupos envolvidos. A interação com a comunidade local e a imersão cultural fortaleceram o vínculo entre os participantes e a população, proporcionando um aprendizado significativo sobre diversidade e responsabilidade social. A operação revelou a importância da extensão universitária como ferramenta para o desenvolvimento local e a formação cidadã dos alunos.

Prof^a Dra. Camila Matos

Coordenadora do Conjunto “B” da
Operação Rondon na UNESPAR

Agente Universitária Marcia Cristiane Morais Bortoleto

Coordenadora do Conjunto “B” da
Operação Rondon na UNESPAR



RELATO

ANNA LUIZA DE CAMARGO SILVA

Engenharia de Produção
Campus de Paranaguá
Conjunto B: Inácio Martins

APRESENTAÇÃO

A universidade pública desempenha um papel crucial para a jornada estudantil, oferecendo não apenas educação de qualidade, mas também oportunidades para que os discentes vivam experiências diferentes e significativas por meio de projetos de extensão. Esses projetos possibilitam ações extensionistas que permitem que os conhecimentos adquiridos na sala de aula sejam transmitidos para a sociedade, promovendo uma ponte entre a universidade e a comunidade externa. Por meio dessas iniciativas, os estudantes se envolvem em atividades que impactam diretamente a sociedade, desenvolvendo competências pessoais e profissionais que vão além do ambiente acadêmico, ao mesmo tempo em que contribuem para a transformação social e para o fortalecimento do papel da universidade como agente de mudança.

A Extensão tem, dentre todas as suas diretrizes e princípios, uma questão que a torna particular: o diálogo entre os saberes, a capacidade de articular conhecimentos produzidos no interior da universidade com conhecimentos e experiências vivenciadas no cotidiano da comunidade onde se insere (Cardoso, 2022, p. 13)

Em 2024 a UNESPAR Campus de Paranaguá participou da segunda edição da Operação Rondon Paraná, que durou quinze dias, com início em 5 de julho e término em 20 de julho. A edição de 2024 teve como foco a integração entre universidades e comunidades da região Centro-Sul do estado, abrangendo 11

municípios, entre eles Boa Ventura de São Roque, Cândói, Cantagalo, Foz do Jordão, Goioxim, Inácio Martins, Pitanga, Prudentópolis, Reserva do Iguaçu, Santa Maria do Oeste e Turvo. A equipe envolvida na operação foi composta por mais de 200 acadêmicos e 50 professores de diversos cursos, representando a Universidade estadual do Paraná, além de outras instituições de ensino superior públicas e privadas. Sob a coordenação da Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (SETI), as atividades desenvolvidas nas comunidades abrangeram diversas áreas como cultura, direitos humanos, educação, inclusão social, meio ambiente, saúde e tecnologia, com o objetivo principal de suprir as necessidades da sociedade que muitas vezes se encontra vulneráveis no que diz respeito ao acesso ao conhecimento.

O objetivo deste relato é compartilhar a experiência pessoal durante a Operação Rondon Paraná 2024, detalhando as atividades realizadas e os aprendizados adquiridos ao longo dessa jornada. Através deste relato, serão documentadas as vivências e os desafios enfrentados, bem como uma reflexão sobre o impacto das ações de extensão na comunidade e o desenvolvimento de competências pessoais e profissionais.

A EXPERIÊNCIA

Como Rondonista da primeira edição, eu tinha o desejo de participar novamente da seleção para a edição de 2024. O processo seletivo para a Operação Rondon Paraná 2024 consistiu em uma entrevista, na qual foram discutidos temas relevantes que pensamos abordar com a sociedade, para poder suprir suas demandas. Desde o início, houve um compromisso significativo com a comunidade, ao desenvolvermos escritórios que pudessem atender a todos.

Após a aprovação, a equipe foi composta por estudantes de diferentes cursos e instituições, sendo designadas para atuar no município de Inácio Martins, em parceria com a Unicentro. Os preparativos para os workshops surgiram semanas antes, e, paralelamente, obtivemos na divulgação por meio do marketing no Instagram, com o objetivo de informar a comunidade sobre nossas atividades e incentivar a participação.

Naturalmente, criamos expectativas antes de embarcar em uma nova experiência. No entanto, quando se trata da Operação Rondon, não podemos limitar essas expectativas. É fundamental viver e se entregar ao momento presente. Muitas vezes, esperamos um grande público nos escritórios, mas, em algumas situações, o número de participantes é menor do que o esperado. Isso nos leva a reformular os escritórios planejados para atender a um público diferente e adotar novas estratégias que nos permitam transmitir a mensagem central da Operação, acolher e compartilhar conhecimento. Silva e Sanches (2022) relatam que a extensão universitária permite tal aproximação com o real e o concreto, como um trabalho social que se constitui a partir da realidade e sobre a realidade, possibilitando a transformação social.

Pessoalmente, eu acreditava que a aprendizagem em uma comunidade com realidades diversas seria uma experiência transformadora, impactando profundamente minha formação profissional e despertando em mim um senso de responsabilidade social ainda maior. Minha expectativa era que, ao final da Operação, eu me sentisse mais preparado para enfrentar os desafios da minha futura carreira, com uma compreensão mais ampla do impacto social das minhas ações e um compromisso com o serviço à comunidade. Acredito que, por meio da educação, é possível mudar, mesmo que minimamente, a visão das pessoas sobre o mundo.

No dia 5 de julho, uma equipe chegou a Inácio Martins, onde realizamos a instalação no alojamento que serviria de base durante toda a Operação. A ambientação no espaço foi rápida, o que permitiu que nos reuníssemos para nossa primeira reunião presencial. Esse encontro foi essencial para fortalecer os laços entre os membros da equipe, promovendo uma integração mais profunda. Cada membro teve a oportunidade de se apresentar, compartilhar expectativas e conhecer as habilidades e experiências uns dos outros.

Além disso, discutimos em detalhes as oficinas que seriam realizadas, revisando o planejamento e ajustando as abordagens para garantir que todas as atividades atendessem às necessidades da comunidade. Essa troca de ideias e a colaboração mútua foram fundamentais para alinharmos nossos objetivos e assegurar que cada oficina não fosse apenas educativa, mas também adaptada às realidades locais. O encontro nos preparou para os desafios que estavam por vir, reforçando o compromisso com o impacto positivo que desejávamos causar em Inácio Martins.

Durante dois dias de operação, foi realizada uma colônia de férias destinada às crianças da comunidade. Nesse período, diversas atividades foram implementadas, incluindo atividades recreativas e físicas, contação de histórias, cuidados com a higiene das mãos e, especialmente, uma oficina de reciclagem que eu ministrava juntamente com outras rondonistas. Na oficina, contamos uma história que buscou sensibilizar as crianças para a importância da preservação ambiental e reciclagem. Por meio dessas atividades, buscamos promover a conscientização sobre questões ambientais e outros temas importantes de forma didática e envolvente.

Outra experiência significativa proporcionada pela Operação Rondon foi a oportunidade de conhecer novas culturas. No sétimo dia da operação, tivemos a chance de visitar uma comunidade indígena com mais de 50 anos de existência e composta por aproximadamente 52 famílias. Durante a visita, os membros da comunidade compartilharam suas tradições, culturas e modos de vida, oferecendo uma visão aprofundada de sua vivência e práticas culturais.

Durante a execução do projeto, sentimos que a comunidade de Inácio nos acolheu, o que fundamentou o sucesso das oficinas. As diversas atividades realizadas durante a operação foram amplamente recebidas de forma positiva pelos membros da comunidade, refletindo o êxito da nossa missão.

Em termos técnicos, as atividades permitiram o aprimoramento das habilidades de planejamento e execução de projetos comunitários, contribuindo tanto para o desenvolvimento profissional quanto pessoal. A experiência prática de conduzir oficinas e atividades educativas proporcionou aprendizados valiosos sobre a adaptação de metodologias de ensino para diferentes faixas etárias e contextos culturais. Além disso, a organização e o apoio oferecido pelos professores foram essenciais para o sucesso das oficinas, destacando a importância dessas atividades para os rondonistas e para a comunidade.

Pessoalmente, a experiência proporcionou um enriquecimento significativo ao entrar em contato direto com a realidade e as necessidades da comunidade. A interação com as crianças e com a comunidade indígena contribuiu para uma compreensão mais profunda e um ainda maior pelas diversas culturas e modos de vida. Aprendi a importância de abordar questões ambientais e sociais de forma sensível e adaptada ao contexto local, reconhecendo o impacto positivo que iniciativas bem direcionadas podem ter na vida das pessoas.

Os impactos na comunidade foram notáveis. Através das atividades realizadas, observou-se um aumento na conscientização sobre a preservação ambiental e uma valorização das práticas culturais locais. A oficina de reciclagem, em particular, ajudou a promover a importância da gestão adequada de resíduos, o que pode levar a mudanças comportamentais positivas a longo prazo. Além disso, a colaboração com a comunidade indígena fortaleceu os vínculos entre os participantes do projeto e os residentes locais, promovendo uma maior integração e compreensão mútua.

Agradeço profundamente à equipe de professores que desempenharam um papel de apoio crucial para todos os rondonistas durante a Operação Rondon no município de Inácio Martins. Sua dedicação e empenho foram essenciais para o sucesso das atividades. Agradeço também à UNESPAR, por oferecer o suporte e os recursos necessários para a execução do projeto e por nos proporcionar essas experiências valiosas para nossa jornada. Um agradecimento especial à comunidade de Inácio Martins, que nos acolheu de braços abertos e cuja receptividade e colaboração foram fundamentais para o êxito das iniciativas. Por fim, à equipe dos rondonistas que esteve presente em Inácio, pois, sem o apoio e o envolvimento de todos, a realização deste projeto e o impacto positivo gerado não teriam sido possíveis.

REGISTROS



FOTO: Aldeia Indígena.



FOTO: Visita a Aldeia Indígena Rio D'Areia Guarani MBYÁ.



FOTO: Parque das Araucárias, Guarapuava.



RELATO

ARTHUR RIBEIRO GUIRRO

Ciência da Computação
Campus de Apucarana
Conjunto B: Inácio Martins

APRESENTAÇÃO

A Universidade é uma fase muito importante tanto na vida profissional quanto no desenvolvimento pessoal. As universidades públicas permitem que aqueles que dela participam vivam esse período de forma completa, indo além de conteúdos metódicos e regrados, ampliando os horizontes para além dos seus portões.

Durante o período universitário, ouvimos sobre ensino, pesquisa e extensão, sendo esses os pilares que sustentam a universidade. No início, não compreendemos plenamente a importância desses pilares na construção da instituição, mas, com o passar dos anos e as vivências adquiridas, percebemos que eles também são fundamentais para nossa própria construção pessoal. Durante meu tempo na universidade, tive a honra de participar de inúmeros eventos oferecidos pela instituição, sendo um deles (e arrisco dizer, o maior e mais importante para mim) a Operação Rondon.

SOBRE A OPERAÇÃO RONDON

Participei da Rondon nos anos de 2023 e 2024 e, ao longo dessas experiências, confirmei as falas que sempre ouvi nas aberturas dos eventos: a universidade é muito mais do que os seus muros, muito além de entender conteúdos e “passar de ano” nas disciplinas. É sobre criar laços, fazer novas amizades e adquirir conhecimentos, tanto com os alunos quanto com a

comunidade. Deixamos de ser apenas facilitadores em oficinas e nos tornamos parte de uma troca de experiências com todos que ali convivem e participam.

O Rondon me proporcionou a oportunidade de conhecer pessoas incríveis, ter contato com outras universidades, cidades e culturas. Cada dia no projeto era uma caixinha de surpresas, e no final do dia, eu levava um pouco mais daquelas pessoas e daquele local para o alojamento, criando memórias que jamais serão apagadas.

AS OFICINAS

As oficinas são parte essencial da Operação, pois atendem às demandas da comunidade e transformam nosso conhecimento de sala de aula em ajuda prática para todos. Na Operação Rondon 2024, diversas universidades públicas e particulares do Paraná participaram, levando inúmeras áreas do conhecimento para as 11 cidades da região Centro-Sul. Nós, da UNESPAR, juntamente com a UNICENTRO, fomos para a cidade de Inácio Martins atender às demandas da comunidade.

Entre as oficinas realizadas, eu e meus colegas do curso de Ciência da Computação auxiliamos a população na área tecnológica. Oferecemos oficinas de Inteligência Artificial, Jogos na Educação e Informática Básica para Educadores, onde ajudamos os professores a utilizarem novos equipamentos tecnológicos enviados ao município. Explicamos as funcionalidades desses equipamentos e como poderiam ser melhor aproveitados em sala de aula. Mostramos ferramentas de inteligência artificial que auxiliam tanto na didática escolar quanto no dia a dia profissional e pessoal, orientando-os sobre o uso adequado dessas tecnologias. Além disso, apresentamos jogos que ajudam na educação, tornando as aulas mais dinâmicas e divertidas para professores e alunos.

Realizamos também a oficina de Segurança Digital e Informática Básica, onde, por meio de uma conversa com o público da terceira idade, esclarecemos dúvidas sobre as tecnologias do cotidiano, explicamos de forma prática como utilizá-las e alertamos sobre os principais golpes digitais e como evitá-los.

CONCLUSÃO

Foi possível observar a importância e a amplitude da Operação Rondon tanto no meio universitário quanto no desenvolvimento pessoal e profissional de cada participante. Levamos o conhecimento adquirido em sala de aula e, em troca, fomos contemplados com novos aprendizados, culturas, hábitos e amizades que permanecem além da Operação, gerando, de forma despretensiosa, essa rica troca de experiências e vivências.

REGISTROS



FOTO: Certificação.



FOTO: Oficina de "Tecnologia e Ferramentas para Educação".



FOTO: Registro durante a OPR 2024.



RELATO

*FABRÍCIO PEREIRA DINIZ
JOÃO PEDRO NAVES BENEDITO*

Ciência da Computação
Campus de Apucarana
Conjunto B: Inácio Martins

APRESENTAÇÃO

Este relato apresenta os resultados da Oficina de Emissões de Nota Fiscal Eletrônica para Produtores Rurais, realizada durante a Operação Rondon Paraná 2024, na região de Inácio Martins. Através de uma abordagem prática e individualizada, a oficina capacitou agricultores familiares a utilizarem a plataforma Nota Fiscal Fácil, em conformidade com as novas exigências legais que entrarão em vigor em 2025. Os resultados destacam o sucesso da metodologia aplicada, que combinou atendimento personalizado com atividades práticas, permitindo que os participantes superassem barreiras tecnológicas e adquirissem maior autonomia no uso de ferramentas digitais. A realização desta oficina reforça a importância da extensão universitária para a inclusão digital e o desenvolvimento socioeconômico das regiões atendidas.

Na edição de 2024 da Operação Rondon Paraná, promovida pela Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (Seti), o modelo pioneiro introduzido em 2023 foi mantido, com a participação das sete universidades estaduais, além do Centro Universitário Campo Real, o Centro Universitário Uniguairacá e a Universidade Federal da Fronteira Sul. Juntas, essas instituições realizaram suas atividades extensionistas em municípios com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado do Paraná.

Através de visitas percursoras nos municípios selecionados os docentes puderam identificar em parceria com as prefeituras, as principais demandas locais, o que orientou o planejamento as ações a serem realizadas pelos rondonistas.

Visando melhorar a qualidade de vida dos moradores, muitos dos quais são agricultores, as ações desenvolvidas na região de Inácio Martins incluíram a Oficina de Emissão de Nota Fiscal Eletrônica para Produtores Rurais. Essa oficina tinha como objetivo introduzir e instruir os moradores sobre a importância do tema. De acordo com o ajuste SINIEF nº 10, de 7 de maio de 2024, o uso da nota fiscal eletrônica será obrigatório a partir de 2 de janeiro de 2025. A partir de uma abordagem prática, os envolvidos puderam realizar o cadastro no GOV.BR, plataforma do Governo Federal, e utilizar a ferramenta Nota Fiscal Fácil (NFF), disponível nas lojas de aplicativos, para esclarecer dúvidas durante a oficina.

Adotou-se uma metodologia prática onde os agricultores puderam realizar todas as tarefas de forma independente em seus próprios dispositivos móveis, com auxílio dos apresentadores da oficina. Este relato de experiência destaca as dificuldades enfrentadas pelos agricultores na implementação da ferramenta no seu contexto social.

PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Durante as reuniões que antecederam a ida a Inácio Martins, foi decidido pelos discentes de Ciência da Computação da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) que a melhor abordagem seria prática. Isso permitiria que o público-alvo, composto majoritariamente por idosos, se sentisse mais encorajado a utilizar o aplicativo com maior confiança. Para evitar possíveis obstáculos, alguns integrantes da equipe, que já haviam participado da edição de 2023, sugeriram o uso de uma apresentação por meio de projetor, para demonstrar exemplos, caso o público tivesse dificuldades com os dispositivos ou não tivesse acesso à internet.

A metodologia escolhida foi moldada para se adequar ao perfil social da oficina, visando uma apresentação humanitária, onde os participantes se sentissem à vontade para aprender uma tecnologia que posteriormente seria parte essencial de suas atividades diárias.

RESULTADOS

Durante as atividades da Operação Rondon Paraná 2024, a Oficina de Emissão de Nota Fiscal Eletrônica para Produtores Rurais alcançou um público diverso, composto majoritariamente por pequenos agricultores com pouca familiaridade com tecnologias digitais. A abordagem prática permitiu aos participantes operar diretamente a ferramenta Nota Fiscal Fácil (NFF) em seus próprios dispositivos móveis, o que se mostrou altamente eficaz.

Apesar das limitações tecnológicas e da resistência inicial de alguns participantes mais idosos, a metodologia utilizada contribuiu significativamente para a compreensão e adesão ao uso da nota fiscal eletrônica. A possibilidade de

realizar as tarefas de maneira independente, com suporte dos apresentadores, empoderou os agricultores, muitos dos quais relataram se sentir mais confiantes ao utilizar a tecnologia após a oficina.

Os participantes demonstraram maior entendimento sobre a importância da emissão de notas fiscais eletrônicas, especialmente em relação às exigências legais que entrarão em vigor em 2025. A oficina também fomentou discussões produtivas sobre a inclusão digital e o impacto da tecnologia na vida rural, destacando a relevância de iniciativas como esta para o desenvolvimento socioeconômico das regiões atendidas. Entretanto, também foram identificadas dificuldades, como a falta de internet em várias áreas.

A adaptação dos conteúdos e a abordagem humanitária foram fatores cruciais para o sucesso da oficina. Embora tenham surgido desafios, como a necessidade de suporte adicional para aqueles com dificuldades em manusear dispositivos móveis, os resultados foram positivos, refletindo o sucesso da metodologia adotada e o impacto tangível nas vidas dos participantes.

O atendimento individual realizado durante a oficina, destacando o suporte específico oferecido a cada agricultor conforme suas necessidades. Esse atendimento personalizado garantiu que todos pudessem progredir no uso da aplicação, independentemente de suas habilidades prévias. O suporte direto criou um ambiente de confiança, onde os agricultores se sentiram à vontade para fazer perguntas e solicitar ajuda sem constrangimento, o que facilitou o aprendizado e fortaleceu a relação entre os rondonistas e a comunidade local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta oficina reafirma a importância das atividades extensionistas no fortalecimento do vínculo entre as universidades e as comunidades de baixa renda do estado. Demonstrou-se que, por meio de uma abordagem prática e individualizada, é possível não apenas introduzir novas tecnologias, mas também capacitar os agricultores a utilizá-las de forma autônoma. A metodologia adotada, que priorizou o atendimento individualizado e respeitou as particularidades do público-alvo, evidenciou a necessidade de adaptar as ações educacionais às realidades locais, permitindo que todos se beneficiassem das inovações tecnológicas de maneira equitativa.

Os resultados mostram que, quando bem planejadas e executadas, iniciativas como essa têm o potencial de causar um impacto duradouro nas comunidades atendidas, contribuindo não apenas para a inclusão digital, mas também para o fortalecimento da economia local e o cumprimento das novas exigências legais. A continuidade de projetos dessa natureza é essencial para promover o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida nas regiões menos favorecidas.

REGISTROS



FOTO: Registros no alojamento.



FOTO: Divulgação na rádio da cidade.



FOTO: Registros durante a OPR 2024.



RELATO

JOÃO PEDRO DE SOUZA OLIVO TARDIVO

Ciência da Computação
Campus de Apucarana
Conjunto B: Inácio Martins

APRESENTAÇÃO

Participar da Operação Rondon Paraná em 2024 foi uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida acadêmica. Como aluno do curso de Ciência da Computação da UNESPAR, campus Apucarana, nunca imaginei que minha jornada universitária me levaria a um município como Inácio Martins, localizado na região Centro-Sul do Paraná. Essa cidade, de pouco mais de 10 mil habitantes, tornou-se o epicentro de uma aventura educacional e social que mudaria minha percepção sobre o papel da tecnologia e do conhecimento na transformação de realidades.

A Operação Rondon Paraná se divide em diferentes conjuntos de atividades, e eu fui designado para o Conjunto B, que se concentra em áreas como trabalho, tecnologia e produção. Contudo, essa tarefa não foi realizada apenas com o meu grupo da UNESPAR. Desde o início da operação, fomos integrados a uma equipe maior, que incluía alunos da UNICENTRO do Conjunto A. Essa união de forças potencializou o impacto de nossas ações. Juntos, formamos um grupo multidisciplinar composto por estudantes de Medicina, Engenharia, Administração, Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia, Pedagogia e Direito, além dos colegas de minha própria área de Ciência da Computação.

Essa convivência proporcionou uma troca de conhecimentos extremamente rica e gratificante. Acostumado a lidar com códigos, algoritmos e soluções tecnológicas, aprendi sobre saúde preventiva, técnicas de fisioterapia, melhorar a comunicação com os moradores locais. Por outro lado, pude compartilhar meus conhecimentos em tecnologia com os colegas de outras áreas, mostrando como soluções simples e acessíveis podem transformar processos e otimizar o trabalho diário das pessoas no campo e na cidade.

PANFLETAGEM

A comunidade de Inácio Martins, humilde e acolhedora, era composta por um pequeno centro urbano rodeado por diversas comunidades espalhadas em diferentes direções, todas conectadas por estradas de chão. A vida ali fluía em um ritmo próprio, marcado pela simplicidade e pelo contato íntimo com a terra.

Nossa chegada à cidade foi um momento de expectativa, tanto para nós quanto para os moradores. Sabíamos que, para o sucesso da nossa missão, era fundamental que a comunidade soubesse quem éramos, o que estávamos ali para fazer e como poderiam se beneficiar com a nossa presença. Assim, nos primeiros dias, organizamos uma grande panfletagem. Divididos em pequenos grupos, saímos em diferentes direções, percorrendo as ruas do centro e as estradas que levavam às comunidades mais distantes.

Essa tarefa, que à primeira vista parecia simples, revelou-se uma das partes mais gratificantes de toda a operação. À medida que batíamos de porta em porta, conhecíamos de perto as pessoas que iríamos impactar nas próximas duas semanas. Em cada casa, éramos recebidos com curiosidade e, muitas vezes, com um sorriso tímido que logo se transformava em uma conversa acolhedora. Explicamos sobre as atividades que iríamos desenvolver, desde capacitações em gestão e tecnologia até oficinas sobre saúde, comunicação e educação. Mais do que apenas informar, estávamos ali para conquistar a confiança da comunidade e mostrar que nossa presença era uma oportunidade para todos.

Esses primeiros dias foram fundamentais não apenas para que a comunidade nos conhecesse, mas para que nós, rondonistas, compreendêssemos melhor a realidade de Inácio Martins. Cada conversa, cada olhar trocado, cada mão apertada foi um passo importante para estreitar os laços entre nós e as pessoas que iríamos impactar. Entender suas necessidades, seus sonhos e suas preocupações nos deu uma base sólida para planejar e executar as atividades de maneira que realmente fizesse sentido para eles.

A panfletagem, que poderia ter sido uma tarefa rotineira, tornou-se um momento de aprendizado e de crescimento para todos nós. No contato direto com as pessoas, começamos a perceber o verdadeiro valor do que estávamos fazendo. Mais do que levar conhecimento ou tecnologia, estávamos ali para compartilhar experiências, aprender com a comunidade e, juntos, construir algo que tivesse um impacto duradouro.

CONVERSA COM AS LIDERANÇAS DOS AGRICULTORES NA PREFEITURA

Estávamos ali com uma missão clara: capacitar, apoiar e oferecer soluções práticas para melhorar a vida da população local, especialmente dos agricultores, que representam uma parte vital da economia e da cultura da região. Nossa primeira parada foi a prefeitura, onde iniciamos o trabalho com uma reunião estratégica com as lideranças dos agricultores do município.

Assim que chegamos à prefeitura, fomos recebidos por líderes comunitários, representantes dos pequenos agricultores e pecuaristas locais, além de funcionários da prefeitura. Havia um sentimento de expectativa no ar, tanto da nossa parte quanto da deles. Afinal, estávamos prestes a alinhar nossos conhecimentos teóricos e as propostas de soluções tecnológicas que havíamos preparado com as reais necessidades daquela comunidade.

Iniciamos a reunião apresentando o material que havíamos desenvolvido com tanto cuidado e dedicação. Nosso foco estava em oferecer capacitação para o uso de tecnologias que poderiam transformar a forma como os agricultores geriam seus negócios. Entre as propostas, estava a orientação sobre a emissão de nota fiscal digital, um procedimento que, embora essencial, ainda é um desafio para muitos pequenos produtores no Brasil. Explicamos a importância de dominar essa ferramenta, especialmente em um momento em que a legislação está caminhando para tornar esse processo obrigatório.

Durante nossa apresentação, os líderes dos agricultores nos ouviram atentamente, e não demorou para que a verdadeira troca de conhecimentos começasse. Eles compartilharam suas realidades diárias, as dificuldades de adaptação às novas tecnologias e exigências do mercado. Através da empatia, conseguimos captar nuances e detalhes que só poderiam ser compreendidos por quem vive e trabalha diretamente com a terra.

Percebemos então a necessidade de ajustar nosso material às especificidades do grupo. Fizemos um teste de viabilidade das soluções propostas, realizando simulações e esclarecendo dúvidas. Isso nos permitiu fazer adequações importantes, garantindo que as soluções fossem aplicáveis no dia a dia deles.

Um dos momentos mais gratificantes foi quando discutimos a entrada dos agricultores no mercado privado. As lideranças destacaram a importância do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), que oferece aos agricultores familiares uma oportunidade estável de fornecimento de seus produtos para escolas, garantindo uma renda fixa e segura, além disso, pode ser um trampolim para se firmarem no mercado privado. Ao entender essa demanda, compreendemos que nosso papel ia além da capacitação técnica; estávamos contribuindo para a construção de um futuro mais promissor para essas famílias.

A reunião terminou com um forte senso de colaboração. Saímos dali não apenas com um plano de ação mais bem ajustado, e a certeza de que estávamos no caminho certo. A troca de conhecimentos foi genuína e enriquecedora para ambos os lados. Eles absorveram nossas orientações e sugestões, e nós compreendemos as complexidades e os desafios enfrentados pelos agricultores.

OFICINAS NAS COMUNIDADES

Nos aventuramos por essas estradas de terra, indo de bairro em bairro, comunidade em comunidade, para garantir que cada pequeno agricultor familiar tivesse acesso às informações e ferramentas que fomos compartilhar.

O objetivo era simples: capacitar esses trabalhadores para que pudessem tirar o máximo proveito do PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar), uma verdadeira porta de entrada para o mercado de trabalho formal e um trampolim para alcançar maior estabilidade econômica.

Em cada local que visitamos, repetimos a missão com o mesmo entusiasmo e dedicação. Falamos sobre o PNAE, explicamos como ele funciona e como os agricultores poderiam se beneficiar dele. Mais importante ainda, ensinamos como emitir a nota fiscal eletrônica, uma tarefa que se mostrou mais desafiadora do que esperávamos devido às limitações tecnológicas da região. O sinal de celular era fraco ou inexistente em muitos pontos, e o acesso à internet era um luxo que poucos tinham. Além disso, a familiaridade com o aplicativo do governo do Paraná era quase nula para muitos.

Apesar dessas dificuldades, não desanimamos. Armados com sorrisos sinceros, paciência e a determinação de fazer a diferença, enfrentamos esses desafios de frente. Cada passo do processo foi cuidadosamente explicado, cada obstáculo, contornado com criatividade. Onde o sinal de celular falhava, buscamos alternativas; onde a internet não chegava, exploramos outras possibilidades. Sabíamos que o conhecimento que estávamos compartilhando poderia ter um impacto duradouro, e isso nos motivava a continuar, independentemente dos percalços.

Mais do que apenas ensinar, estávamos ali para criar laços e formar uma rede de apoio dentro da própria comunidade. Estimulamos a ideia de uma corrente multiplicadora, em que cada agricultor que absorvesse as informações passadas pudesse, por sua vez, repassar esse conhecimento para seus vizinhos e amigos. Dessa forma, a mensagem e as ferramentas não ficariam restritas apenas àqueles que participaram diretamente das nossas atividades, mas se espalhariam por toda a região, gerando um impacto positivo e sustentável.

Essa estratégia de multiplicação foi essencial, especialmente considerando as limitações tecnológicas e logísticas da área. E, ao final de cada visita, sentíamos que estávamos contribuindo para algo maior: não apenas capacitando indivíduos, mas fortalecendo toda uma comunidade para enfrentar os desafios futuros, como a obrigatoriedade da nota fiscal eletrônica.

Foi especialmente gratificante ver como essa informação prática se traduziu em uma sensação de segurança e conveniência para os agricultores. A partir das conversas na prefeitura, soubemos que as notas fiscais físicas muitas vezes causavam problemas, como a adulteração por parte de transportadores, o que resultava em perdas para os agricultores. Ao ensinar como emitir notas fiscais eletrônicas, estávamos, na verdade, oferecendo uma solução concreta para esses problemas. Cada sorriso, cada olhar de agradecimento que recebíamos, era uma confirmação de que estávamos no caminho certo.

No final, as jornadas pelas estradas de Inácio Martins nos ensinaram mais do que poderíamos ter imaginado. Fomos ali para ensinar, mas acabamos aprendendo. Aprendemos sobre a resiliência dessas comunidades, sobre a importância de se adaptar às circunstâncias e, principalmente, sobre o poder da cidadania ativa. Essa troca de conhecimentos e experiências, permeada por compaixão e um profundo senso de dever, foi transformadora não apenas para eles, mas também para nós. A cidadania e a cultura se entrelaçam em cada uma dessas jornadas, deixando uma marca indelével em todos os envolvidos.

ENCERRAMENTO

Depois de duas semanas imersas em uma jornada intensa e transformadora, chegou o momento da despedida. Deixar para trás Inácio Martins e suas comunidades foi um dos momentos mais difíceis de toda a operação. O tempo que passamos juntos, compartilhando experiências, aprendendo e ensinando, criou laços que vão muito além do que imaginávamos. A saudade já começava a bater antes mesmo de partirmos.

Durante esse período, vivemos momentos de intensa conexão com a comunidade local. A cada atividade, seja ela voltada para os pequenos agricultores, crianças ou idosos, sentimos que estávamos doando uma parte de nós mesmos, retribuindo à sociedade todo o conhecimento e as oportunidades que tivemos o privilégio de receber em nossa formação universitária. Esse é o verdadeiro espírito da Operação Rondon, onde o tripé universitário – ensino, pesquisa e extensão – se materializa em ações concretas que impactam vidas de forma direta.

Despedir-se de uma comunidade que nos acolheu de braços abertos e com um coração generoso não foi fácil. Sabíamos que estávamos deixando para trás mais do que lembranças; estávamos deixando parte de nossas almas. As conversas, as risadas e as dificuldades superadas juntos, tudo isso contribuiu para criar uma experiência que permanecerá em nossas memórias por muito tempo.

Foi lindo ver como um projeto como esse, promovido pelo governo do estado em parceria com as universidades, pode realmente fazer a diferença. Mais do que uma simples atividade de extensão, foi um ato de cidadania, um momento de doar-se à comunidade e de absorver a rica cultura que nos foi apresentada. A troca de saberes, as experiências vividas, e os laços criados são prova de que iniciativas como essa têm o poder de transformar vidas, tanto das comunidades quanto dos próprios rondonistas.

Ao final, enquanto nos despedimos com um aperto no peito e a promessa de que jamais esqueceremos essa experiência, ficou claro que o impacto do projeto vai além dos resultados imediatos. Criamos conexões, não apenas entre universidade e comunidade, mas entre pessoas, culturas e gerações. E isso, por si só, é o verdadeiro legado da Operação Rondon.

REGISTROS



FOTO: Oficina emissão de notal fiscal para o produtor rural.



FOTO: Oficina emissão de notal fiscal para o produtor rural.



FOTO: Registro durante oficina.



RELATO

*JOÃO PEDRO NAVES BENEDITO
FABRÍCIO PEREIRA DINIZ*

Ciência da Computação
Campus de Apucarana
Conjunto B: Inácio Martins

INTRODUÇÃO

O município de Inácio Martins, localizado na região central do estado do Paraná, foi o cenário de um projeto de extensão que ficará marcada na história da comunidade e na memória dos que participaram. A Operação Rondon Paraná 2024 reuniu estudantes de diversas universidades do Paraná com o objetivo de levar o conhecimento da universidade para a comunidade e, ao mesmo tempo, fortalecer laços entre os estudantes e proporcionar experiências transformadoras para todos os envolvidos. Neste relato, contaremos as principais atividades desenvolvidas e as profundas mudanças que surgiram desta jornada inspiradora.

A EXPERIÊNCIA

A chegada dos rondonistas foi marcada por um clima de expectativa e calor humano, contrastando com o frio típico da região. Foram dedicados alguns dias à ambientação e ao reconhecimento das belezas naturais de Inácio Martins, com uma visita às suas belíssimas cachoeiras. Esse momento de integração com a natureza serviu para fortalecer os laços entre os estudantes e a comunidade local, criando um ambiente propício para as atividades que se seguiriam.

A Operação Rondon não se restringiu às atividades tradicionais. Uma das iniciativas mais impactantes foi a visita à prefeitura, onde os rondonistas se reuniram com as lideranças locais para discutir as demandas mais específicas dos agricultores da região. Essa reunião possibilitou um diálogo franco e construtivo sobre as necessidades da comunidade, especialmente em relação as

necessidades locais e uma aprimoração das oficinas desenvolvidas previamente. A troca de ideias entre os estudantes e as lideranças locais foi essencial para traçar estratégias que poderiam ser implementadas não apenas durante a operação, mas também a longo prazo.

Durante a operação, a educação e a cultura também tiveram um papel de destaque. Uma das atividades mais apreciadas pela comunidade foi a Colônia de Férias, que proporcionou momentos de lazer, aprendizado e diversão para as crianças de Inácio Martins. Com uma programação rica e diversificada, a colônia foi um espaço onde as crianças puderam expressar sua criatividade, aprender sobre cidadania e fortalecer amizades. Além disso, os rondonistas realizaram uma panfletagem pela cidade, promovendo eventos culturais e informando a população sobre os serviços e atividades oferecidos durante a operação.

A tecnologia, muitas vezes vista como um desafio para as gerações mais antigas, foi abordada de forma inovadora durante a Operação Rondon. Uma oficina sobre tecnologia, voltada para os idosos da comunidade, abordou temas como segurança na internet, uso de dispositivos móveis e a importância de se manter atualizado no mundo digital. A oficina foi recebida com entusiasmo, e muitos idosos relataram que se sentiram mais confiantes e preparados para enfrentar os desafios do mundo moderno.

Outro momento marcante da operação foi o encontro com a comunidade indígena que habita a região de Inácio Martins. Esse encontro proporcionou uma troca cultural rica e profunda, onde os estudantes puderam aprender sobre os costumes, a história e a luta dos povos indígenas. A Figura 2 apresenta o grupo dos meninos na comunidade.

A visita foi uma oportunidade única de vivenciar a sabedoria ancestral e de refletir sobre a importância de preservar e valorizar a cultura indígena no Brasil.

Durante as visitas, foi possível compreender de perto a realidade das comunidades, os desafios enfrentados no dia a dia e a força da luta por justiça social. Os estudantes também puderam compartilhar conhecimentos sobre políticas públicas como o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), ingresso no mercado privado, emissão de nota fiscal e uso da plataforma Gov.br. Essas oficinas e trocas de conhecimento foram fundamentais para empoderar e informar os agricultores locais.

A Operação Rondon Paraná 2024 também promoveu oficinas práticas, como a de confecção de sabão, realizada em parceria com o Rotary Club. Essa atividade, além de ser uma oportunidade de aprendizado, mostrou-se uma alternativa sustentável e econômica para a comunidade, que agora pode produzir seu próprio sabão, reduzindo custos e impacto ambiental.

Ao final da operação, o sentimento era de gratidão e realização. Os estudantes partiram de Inácio Martins levando consigo a certeza de que, mais do que ensinar, aprenderam valiosas lições de vida. A comunidade, por sua vez, foi impactada positivamente pelas ações realizadas.

A "Operação Rondon Paraná 2024" foi mais do que um projeto de extensão. Foi uma celebração da solidariedade e uma demonstração do poder transformador da união entre diferentes culturas, universidades, saberes e experiências. Inácio Martins, com suas belezas naturais e sua gente acolhedora, será sempre lembrado como o palco de uma das mais inspiradoras edições dessa operação, que continuará a inspirar gerações de estudantes e a fortalecer comunidades em todo o Brasil.

REGISTROS



FOTO: Atendimento nas vilas rurais.



FOTO: Registros com a equipe nas vilas rurais.



FOTO: Certificação OPR 2024.



RELATO

LUIZ VICTOR DE MORAIS

Administração
Campus de Paranaguá
Conjunto B: Inácio Martins

No primeiro dia em ação, realizamos uma apresentação para a turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA) sobre as oportunidades da Universidade Pública. Para mim sempre é uma honra compartilhar as experiências que vivenciei enquanto estudante da UNESPAR como o intercâmbio acadêmico para a Argentina, participação em eventos em outras cidades como São Paulo e Brasília, além das atividades de liderança no Centro Acadêmico. Compartilhar essas experiências e perceber que elas inspiram pessoas a acessarem o ensino superior já faz valer a pena a minha participação na Operação Rondon.

COLÔNIA DE FÉRIAS

Durante os primeiros dias, tivemos a Colônia de Férias na qual recebemos as crianças da comunidade na escola para realizar diversas atividades educativas e dinâmicas de integração. Esses dias ficaram marcados em minha vida, pois lembrei nostalgicamente da época em que cursei mestrado e trabalhei na educação infantil. Poder estar ao lado das meninas de pedagogia falando sobre a conscientização do bullying, confecção de massinhas e brincadeiras como “morto-vivo”, me fez lembrar que tudo começa pela educação básica e que tudo que ensinamos para as crianças transformará sua maneira de ver o mundo e de serem a mudança que querem ver no mundo.

VISITA À ALDEIA INDÍGENA

Conhecer mais sobre a cultura indígena e seus costumes enriqueceu minha percepção de mundo. A forma como eles lidam com os vícios entre os jovens (seja de drogas ou álcool) é vista como influência de espíritos malignos, que precisam ser tratados espiritualmente por meio de suas crenças, mas também pela educação formal e por meio de ajuda externa que são bem-vindas na aldeia.

O momento mais marcante para mim, foi descobrir que a “revira”, uma receita de massa frita no óleo que meus avós fazem há muito tempo é na verdade uma receita típica da cultura indígena. Quando perguntei para a esposa do cacique sobre pratos típicos e ela me mostrou a revira, fiquei chocado, mas ao mesmo tempo muito feliz em saber que minha família possui conexões culturais com a vida indígena!

VISITA AO ROTARY CLUB DE INÁCIO MARTINS

O Rotary faz parte da minha vida há muito tempo, e poder conectar esses dois mundos para mim foi sensacional. Compartilhar nossas experiências universitárias com os jovens do Interact, de 12 a 18 anos, que ficaram extasiados e inspirados com a vontade de ingressar na UNICENTRO, me fez perceber que não é preciso fazer muito para transformar a vida de uma pessoa. As trocas de experiências foram enriquecedoras.

OFICINA SOBRE USO DE TECNOLOGIAS PARA DOCENTES

Auxiliar os professores da rede municipal no manuseio dos novos tablets adquiridos pela prefeitura, além de ensinar a utilizar ferramentas de inteligência artificial que facilitam o processo de ensino em sala de aula, foi um dos momentos mais gratificantes desta jornada. Saber que o nosso conhecimento pode facilitar o trabalho de educadores por meio da tecnologia mostra que projetos de extensão, como a Operação Rondon, servem para capacitar pessoas para serem agentes de transformação dentro de sua comunidade. Tenho certeza de que o impacto no ensino-aprendizagem dos alunos fará total diferença durante sua formação dentro da escola. Também aprendi muito com os meninos da ciência da computação, conhecimentos que coloco em prática diariamente em minhas atividades na universidade.

OFICINA DE ORATÓRIA

Ministrar a oficina de oratória para os motoristas da prefeitura foi desafiador! Eles não eram o público específico da oficina, mas foi uma oportunidade de remodelar a apresentação e atingir as expectativas necessárias. Fiquei muito feliz em compartilhar meu conhecimento sobre comunicação assertiva e as

características da comunicação verbal e não verbal. Além de ter realizado essa oficina entre os rondonistas, que rendeu muitas dúvidas, histórias e aprendizados!

VIVÊNCIA COM OS RONDONISTAS DO QUARTO

Como a Operação Rondon é feita de pessoas para pessoas, não posso deixar de citar meus queridos companheiros de quarto, Anna Luiza, Matheus, Paloma e Theo. Quero agradecer a vocês por todas as conversas que tivemos, sejam elas desabafos, piadas, conselhos e elogios. Vou guardar cada aprendizado que ative com vocês com muito carinho. Juntos, conseguimos transformar vidas na comunidade de Inácio Martins, mas saibam que vocês também transformaram a minha!

REGISTROS



FOTO: Equipe OPR 2024.



FOTO: Oficina de Oratória.



FOTO: Visita a Cachoeira Santini.



RELATO

LUKA ALVES CLARO

Ciência da Computação
Campus de Apucarana
Conjunto B: Inácio Martins

APRESENTAÇÃO

Participar da Operação Rondon Paraná 2024 foi, para mim, entender da forma mais pura e sucinta o significado do pilar de “Extensão” da Universidade. A Operação Rondon é um projeto gigante e ambicioso do Governo do Estado, com a SETI (Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior) e com as Universidades Públicas do Estado do Paraná, para ajudar as cidades e as comunidades com baixo IDH do Estado do Paraná, que estão vulneráveis na sociedade. Com a união dos estudantes das universidades, nós tivemos a oportunidade de contribuir com esses conhecimentos adquiridos na Universidade, sendo esses conhecimentos de diversas áreas de atuação, indo da área da saúde à área de tecnologia da informação.

A Operação Rondon deixa um legado, uma marca em todas as pessoas envolvidas no projeto de uma forma ou de outra, pois nós estamos saindo da nossa zona de conforto para enfrentar diversas demandas sociais que as populações das cidades e comunidades onde atuamos necessitam. Cabe a nós, Rondonistas, vivenciar e entender o dia a dia dessas populações e como elas lidam com esses problemas, sejam de saúde, alimentação, tecnologia, etc. Independentemente do problema, devemos, com cautela, entender o contexto, analisar e propor uma solução suficientemente boa para mitigar os problemas daquela comunidade específica. Também nos cabe adaptar nossas soluções de maneira didática, simples e eficiente, aumentando as chances de sucesso em nossa Operação para a comunidade local.

CONHECENDO O LOCAL DA OPERAÇÃO E OS RONDONISTAS

Nesse ano de 2024, a Operação Rondon teve como objetivo ajudar as cidades da região centro-sul do Estado do Paraná. No primeiro dia da Operação, fomos bem recebidos na cidade de Guarapuava, onde aconteceu um jantar com todos os estudantes rondonistas das 7 Universidades do Estado que estavam participando da Operação esse ano. Nesse dia, pudemos nos conhecer melhor, e conversar com outros estudantes de outras universidades foi bem legal, pois conseguimos trocar diversas ideias sobre nossas Universidades e sobre nossas expectativas de como seria nossa estadia na cidade onde faríamos a Operação. No dia seguinte, fomos para Inácio Martins, que é a cidade mais alta do Estado do Paraná e tem, em média, 11 mil habitantes. Nossa equipe contava com 23 rondonistas, sendo parte de alunos e professores da UNESPAR, e a outra parte de alunos e professores da UNICENTRO. Ficamos alojados em uma escola estadual da cidade, na qual a diretora e os funcionários nos acolheram muito bem, adaptando alguns locais da escola para que pudéssemos nos acomodar da maneira mais confortável possível durante nossa estadia.

Os três primeiros dias na cidade serviram para que todos da equipe se conhecessem melhor, debatessem as ideias que tínhamos em mente, verificassem o que poderia ser aplicado e separassem os materiais didáticos que trouxemos da Universidade, para que conseguíssemos colocar em prática a maior parte das ideias e oficinas que tínhamos planejado. No dia seguinte à nossa chegada em Inácio Martins, dividimos nossa equipe em pequenos grupos para nos mobilizarmos pela cidade, entregando panfletos para a maior parte das pessoas que encontrávamos nas ruas, nas casas e nos comércios. Contamos também com o apoio dos funcionários da estação de rádio local da cidade, que nos ajudaram a divulgar a Operação Rondon. Com essa divulgação em massa, conseguimos alcançar muitas pessoas. Nossa abordagem tinha que ser clara e objetiva para a população da cidade, explicando quem éramos, o que era a Operação Rondon Paraná e o que iríamos desenvolver pelos locais da cidade. Toda essa divulgação teve um efeito bem positivo, e a população participou bastante das nossas oficinas.

A INTEGRAÇÃO DOS RONDONISTAS NAS OFICINAS

Tínhamos planejado mais de 10 oficinas. Escolhíamos as mais adequadas de acordo com o local e com o público que iria comparecer. Na primeira semana, especificamente na segunda e terça-feira, fizemos uma colônia de férias em uma escola da cidade, já que estávamos no período das férias escolares. Organizamos esses dois dias para cuidar das crianças da cidade, já que não havia nenhuma atração ou atividade recreativa para elas. Apesar das condições climáticas não serem favoráveis – a maior parte dos dias estava nublada, com garoa e temperaturas em torno de 10°C – nos surpreendeu que, mesmo assim, houve um bom público de crianças.

Esses dois dias foram os que mais exigiram que nos adaptássemos ao trabalho. Para as rondonistas da área de Educação e Pedagogia, foi uma boa oportunidade de prática, pois conseguiram desenvolver muitas atividades com as crianças, dosando entre as recreativas e as educacionais. Para nós, rondonistas de outras áreas, foi uma experiência bem desafiadora e divertida, contribuíamos com qualquer suporte necessário e ajudamos os rondonistas que estavam aplicando suas oficinas. Fizemos oficinas todos os dias da semana, inclusive nos fins de semana.

Um dos maiores desafios da Operação Rondon é o trabalho em equipe, pois, independentemente do que será aplicado no dia a dia, todos devem estar em sincronia com as ideias e atentos ao conteúdo que será trabalhado, seja ou não da sua área de conhecimento. Como estudante de Ciência da Computação, pude aprender bastante com o pessoal da área de Saúde e Educação, principalmente assistindo, colaborando e ajudando nas oficinas. Da mesma forma, eles aprendiam bastante conosco enquanto trabalhávamos nas nossas oficinas. Um exemplo foi a oficina de “Segurança no meio digital, cuidados e prevenções”, cujo público-alvo eram os idosos, mas que foi flexível o suficiente para atender desde pré-adolescentes até idosos. Essa oficina me deixou feliz por poder compartilhar meus conhecimentos técnicos da minha área de estudo de maneira simples e objetiva, para que pessoas leigas no assunto compreendessem tranquilamente o que estava sendo apresentado. O mais legal foi saber que esse conhecimento que apresentamos e divulgamos ficará marcado, já que as situações debatidas na oficina eram experiências vividas por algumas pessoas. Pudemos agregar muito para os idosos, ensinando-os como se manter em segurança no meio digital em diversas situações do dia a dia. O feedback positivo que obtivemos após a oficina foi bem gratificante, pois nos deu uma sensação de dever cumprido.

O mais interessante era que grande parte das oficinas que tínhamos planejado se adequava às demandas da população local. E, mesmo quando não havia uma oficina específica para um problema, montávamos uma na hora, improvisávamos, organizávamos o material e apresentávamos da melhor maneira possível para ajudar a população. Mesmo quando a equipe responsável pela oficina era composta por pessoas de áreas diferentes, isso já não era um problema, pois nos conhecíamos bem e o trabalho em equipe fluía, independentemente do tema da oficina.

CONHECENDO MELHOR AS PESSOAS E A CIDADE DE INÁCIO MARTINS

No meio de todas as oficinas e do clima ameno na maior parte dos dias, aproveitamos para conhecer diversos lugares da cidade. Visitamos o centro, explorando as lojas e os costumes locais. Às vezes, algumas pessoas nos reconheciam nas ruas e paravam para conversar, já que estávamos sempre com o uniforme da Operação Rondon, o que facilitava nosso reconhecimento. Cada rondonista teve uma experiência única, ou pelo menos diferente, em algum lugar

ou com alguém da equipe, junto à comunidade de Inácio Martins. Conhecemos muitas pessoas que, confortavelmente, compartilhavam seus assuntos e histórias conosco. Alguns idosos contaram suas memórias da juventude, relatando como era viver na cidade naquela época.

A MAIORIA DAS PESSOAS DA CIDADE NOS AJUDAVA COMO PODIAM

Recebemos doações de cobertores, barracas, lonas e aquecedores, que foram essenciais para nos protegermos do frio intenso. Aproveitamos para visitar alguns dos pontos turísticos conhecidos da região, com a ajuda do nosso motorista local, que nos guiava pelas paisagens.

Inácio Martins é cercada por belezas naturais. Visitamos diversas cachoeiras, percorrendo pequenas trilhas até chegar a esses locais. A caminhada valia a pena, pois a vista era espetacular, com riachos e paisagens rurais no caminho. Uma das experiências mais marcantes para mim foi a visita a uma Comunidade Indígena Guarani. A recepção foi muito calorosa, e a comunidade nos guiou, mostrando seus costumes, locais sagrados, danças ritualísticas, além de oferecer uma breve aula sobre sua religião. Foi uma visita fascinante. Embora eu não tivesse uma visão estereotipada sobre comunidades indígenas nos dias de hoje, foi um choque de realidade ver e entender como eles se organizavam, com uma escola estadual bem equipada e acesso à internet. Além disso, aprendemos sobre o costume das crianças fumarem cachimbo por motivos religiosos, para aliviar dores no corpo. Essa visita foi uma das minhas favoritas em Inácio Martins.

OS ÚLTIMOS DIAS DE OPERAÇÃO DEIXARAM SAUDADES

Na última semana, aproveitamos para visitar um salão de baile frequentado pelos idosos da cidade. Foi muito divertido conhecer aquele local. No início, quando chegamos, alguns ficaram um pouco apreensivos, mas logo começaram a se soltar e, no final, todos estavam dançando ao som do sanfoneiro que tocava ao vivo. Essa visita foi uma ótima oportunidade para nos aproximarmos da população idosa, participando de algo que eles adoram: a dança.

Durante os intervalos das danças, organizamos algumas sessões de alongamento e atividades simples de fisioterapia, para exercitar os músculos de maneira leve e descontraída. Essa foi uma das maneiras mais criativas que encontramos para aplicar a oficina de saúde, e foi um sucesso. Ainda tivemos a oportunidade de conversar com alguns dos homens presentes sobre cuidados de higiene pessoal. A organizadora do baile nos informou que algumas mulheres reclamavam do mau cheiro de alguns homens, então aproveitamos o momento para abordar o tema de forma descontraída e educativa.

No nosso último dia, realizamos uma oficina na prefeitura da cidade para professoras e professores do ensino fundamental. Ensinamos a eles como utilizar os tablets fornecidos pelo Estado, já que muitos ainda tinham pouca

familiaridade com a tecnologia. A oficina foi uma excelente oportunidade de introduzir ferramentas tecnológicas e jogos que poderiam complementar as aulas, como o ChatGPT, o Gamma (que cria slides), e o Kahoot, uma plataforma de jogos interativos. O feedback dos professores foi muito positivo, o que nos deixou extremamente satisfeitos. Conseguimos unir a Computação e a Educação de forma prática e interdisciplinar, beneficiando ambas as áreas. Essa última oficina foi um fechamento com chave de ouro para a Operação Rondon em Inácio Martins.

No dia seguinte, retornamos para Guarapuava para participar da cerimônia de encerramento da Operação. Aproveitamos o dia livre para conhecer um pouco da cidade e conversar sobre as experiências vividas nos 15 dias que passamos juntos em Inácio Martins, compartilhando histórias e memórias marcantes.

CONCLUSÃO

A Operação Rondon Paraná 2024 foi uma das melhores experiências que tive na universidade. Chegar a um lugar novo, com pessoas novas, e fazer tudo funcionar é um grande desafio, mas todo o processo da operação – desde os primeiros dias até o final – nos fez evoluir e criar conexões de maneira orgânica e natural. Em poucos dias, a equipe conseguiu colocar em prática as ideias que tinha em mente.

Passei por um processo de aprendizado e crescimento durante a Operação Rondon. Conheci muitas pessoas novas, criei vínculos de amizade com todas elas, me diverti e aprendi muito, assim como acredito que todos também aprenderam algo comigo. A troca de experiências entre os rondonistas beneficiou a todos, e todos saíram ganhando de alguma forma. Por fim, quero agradecer à minha equipe da Operação Rondon em Inácio Martins por terem compartilhado essa experiência comigo e pela parceria entre UNESPAR e UNICENTRO – ou "UNICENTROSPAR", como costumávamos brincar. Todos nós saímos com a sensação de dever cumprido, e é gratificante levar o conhecimento da universidade pública para a população. A Operação Rondon Paraná 2024 vai deixar saudades, mas quem sabe não nos reencontramos em uma próxima edição.

REGISTROS



FOTO: Apresentação sobre Segurança Digital.



FOTO: Apresentação sobre Segurança Digital.



FOTO: Apresentação sobre Segurança Digital.



RELATO

MATHEUS HENRIQUE STOCO DE MORAES

Engenharia de Produção
Campus de Paranaguá
Conjunto B: Inácio Martins

OFICINA CONHECENDO AS UNIVERSIDADES

No primeiro dia em que chegamos ao município, realizamos uma oficina com a turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O objetivo era apresentar as universidades, incentivando o ingresso e a permanência no Ensino Superior. A oficina começou com uma dinâmica para que os alunos compartilhassem suas expectativas sobre a universidade. Em seguida, cada rondonista apresentou sua trajetória acadêmica, destacando as oportunidades como bolsas, projetos de iniciação científica e moradia estudantil.

A participação dos alunos foi ativa, com muitas perguntas e demonstração de interesse em ingressar no Ensino Superior. A oficina foi um sucesso e reforçou a importância da Operação Rondon em despertar sonhos e objetivos.

COLÔNIA DE FÉRIAS

Nos dias 8 e 9 de julho, a Colônia de Férias proporcionou um período repleto de atividades para crianças e jovens, com oficinas tanto matutinas quanto vespertinas, os pequenos exploraram diferentes temas, como a importância da amizade e a criatividade através da modelagem, bullying, separação de materiais recicláveis, exercícios físicos, dinâmicas de contação de histórias entre outras atividades. A divisão em grupos garantiu que todos pudessem experimentar todas as oficinas e vivenciar momentos de muita diversão e aprendizado.

Os rondonistas que não estavam ministrando oficinas, estavam auxiliando na organização das crianças, das dinâmicas e nos serviços de cozinha e limpeza das salas. O trabalho conjunto tornou a experiência muito mais prazerosa para todos.

OFICINA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

O segundo dia da Colônia de Férias foi marcado pela magia da oficina de contação de histórias. Após se divertirem com atividades físicas, as crianças foram chamadas a ouvir o conto da "Chapeuzinho Vermelho". A apresentação, com fantoches e a participação animada dos rondonistas, cativou a atenção de todos, encantando não só as crianças, como também alguns pais que estavam presentes. Para fixar a história, as crianças criaram seus próprios palitoques, personalizando desenhos dos personagens e revivendo a narrativa.

O sucesso da Colônia de Férias foi resultado do trabalho em equipe dos rondonistas e do grande entusiasmo das crianças, sendo uma experiência transformadora, pois mostrou o quanto atividades lúdicas e criativas podem enriquecer o aprendizado e promover a socialização dos pequenos.

CONHECENDO A COMUNIDADE INDÍGENA

A Operação Rondon me proporcionou uma experiência inesquecível ao visitar a Aldeia Indígena Rio D'Areia Guarani MBYÁ. O cacique e os demais membros da comunidade nos guiaram por diversos espaços da aldeia, como a escola, o posto de saúde e a casa de cultura. Dentre eles, a casa de reza foi o momento especial, onde pude compreender a profundidade da espiritualidade Guarani. Um exemplo são as pinturas faciais, que, além de divertidas, foram uma forma de nos conectarmos com a cultura indígena e de aprendermos sobre o significado de cada desenho. Essa experiência me marcou profundamente e ampliou minha visão de mundo, me conectando com as raízes que poucos têm a oportunidade de conhecer.

OFICINA ROTARY CLUB

O Rotary Club nos proporcionou uma noite rica em aprendizado, além de conhecer as diversas ações sociais realizadas pelo Rotary Club, tivemos a oportunidade de participar de uma oficina de fabricação de sabão caseiro, uma atividade prática e muito interessante. Essa experiência despertou em mim o interesse de me tornar um membro do Rotary Club em minha cidade. Além disso, nós rondonistas, realizamos uma apresentação sobre as universidades e nossos respectivos cursos, incentivando os jovens a buscarem o ensino superior.

BAILE DA TERCEIRA IDADE

A participação no baile da terceira idade nos fez perceber a importância de olhar para as necessidades da população idosa, sendo a alegria e a gratidão

dos participantes as maiores recompensas. A experiência nos mostrou que pequenas ações como uma visita, uma simples conversa, uma diversão ou um sorriso, podem fazer e fazem uma grande diferença na vida dessas pessoas.

OFICINA DE PRIMEIROS SOCORROS E DE COMUNICAÇÃO ASSERTIVA

As oficinas internas foram um investimento em nosso desenvolvimento pessoal e profissional, sendo a oficina de primeiros socorros um divisor de águas. Nela, aprendi técnicas podem salvar vidas e me sinto mais preparado para lidar com situações de emergência no meu dia a dia. Agora possuo o conhecimento suficiente para não entrar em pânico em momentos de crise. Já a oficina de comunicação assertiva também foi fundamental. As ferramentas aprendidas me ajudarão a construir relacionamentos mais saudáveis e a lidar com situações desafiadoras de forma mais assertiva. Essas experiências me inspiraram a buscar constantemente novos conhecimentos para me desenvolver no âmbito social, pessoal e profissional.

OFICINA VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA A MULHER

A oficina sobre violência de gênero que presenciei foi ministrada para um grupo de homens por uma acadêmica de Pedagogia e pesquisadora da área. A nossa participação ativa demonstrou a importância de abordar o tema de forma aberta e honesta. Essa experiência me mostrou que é possível promover mudanças significativas na cultura e nos relacionamentos. Ao nos envolver nessa discussão, trabalhamos com homens jovens e adultos, possibilitando que as novas gerações sejam moldadas para construir uma sociedade mais segura para todas as mulheres.

Estes foram dias de muito esforço e aprendizado, mas, principalmente de autoconhecimento, onde pude exercer a mais pura empatia ao auxiliar a comunidade, escutar cada uma das histórias, conhecer cada uma das culturas e colocar em prática o conhecimento que venho adquirindo no meu curso. Agradeço muito pela oportunidade que a Operação Rondon me proporcionou, a cada pessoa que conheci, a cada amizade que fiz, tanto com moradores quanto colegas universitários. Também gostaria de expressar minha gratidão por ter a possibilidade de estudar em uma universidade pública de altíssima qualidade como é a UNESPAR, que incentiva os alunos a levar os conhecimentos adquiridos para a comunidade. Posso garantir que participar desse grande projeto, que é a Operação Rondon Paraná, foi marcante em minha vida. Espero poder continuar fazendo parte dessa organização, afinal, uma vez rondonista, sempre rondonista.

REGISTROS



FOTO: Cachoeira Santini.



FOTO: Panfletagem de divulgação da OPR.

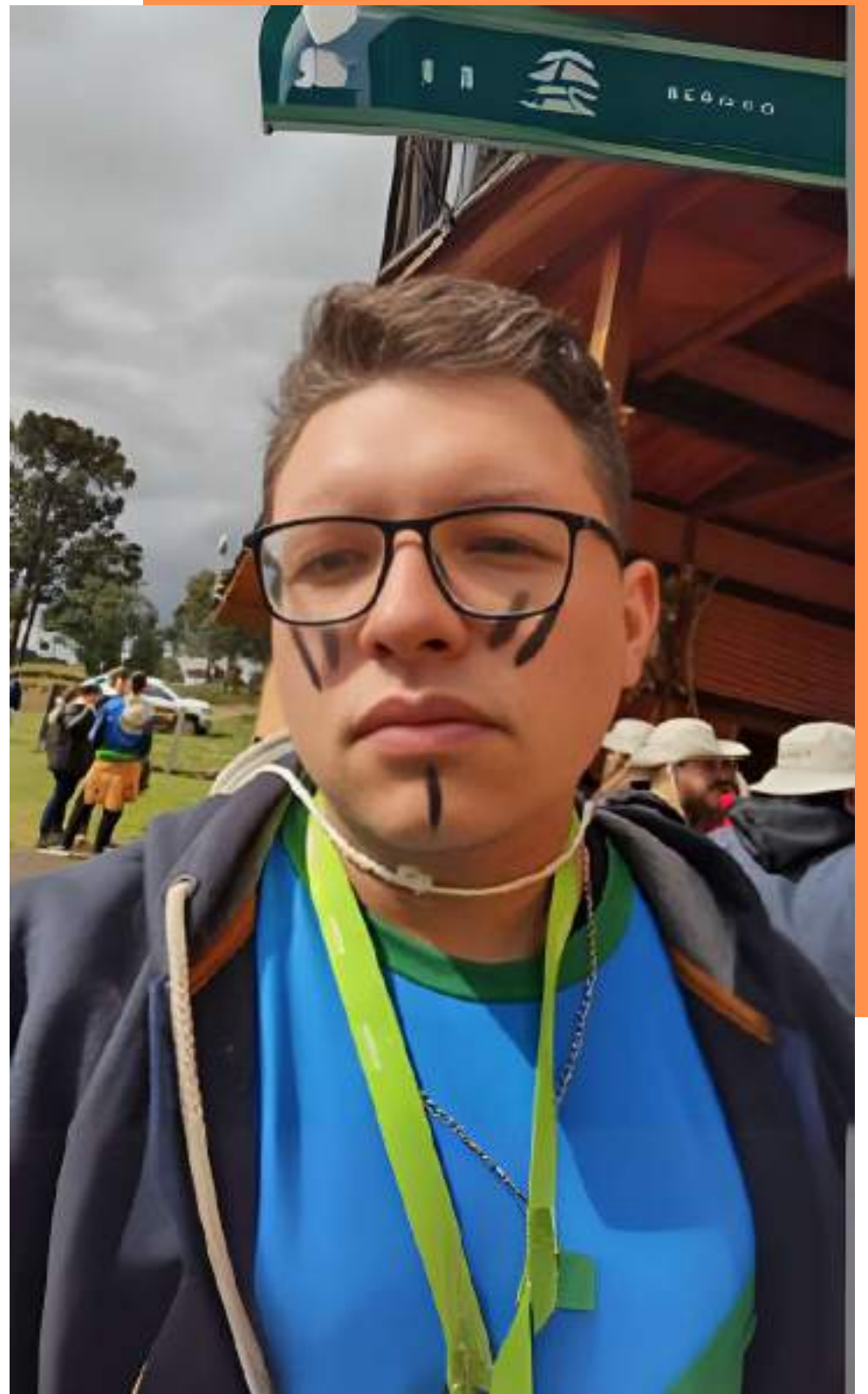


FOTO: Visita a Aldeia Indígena Rio D'Areia Guarani Mbyá .



RELATO

PALOMA DE CASTRO LEITE

Ciência da Computação
Campus de Apucarana
Conjunto B: Inácio Martins

DIA 06 DE JULHO

No nosso primeiro dia de atividades em Inácio Martins, visitamos a Cachoeira e a Represa Santini, uma barragem que gera energia para algumas empresas locais. Em seguida, conhecemos uma fábrica que transforma caixas de leite em telhas e papelão, aproveitando todo o material disponível. Essa iniciativa otimiza a produção, reduz o desperdício e demonstra como um material que normalmente descartamos pode ter várias utilidades, gerando inovação e oportunidades de trabalho para muitas pessoas.

DIA 07 DE JULHO

No segundo dia de atividades, enfrentamos nosso primeiro desafio em Inácio Martins: informar a população sobre a Operação Rondon e explicar o que realizaríamos durante as duas semanas na cidade. Como éramos novidade por ali, precisávamos atrair público para as oficinas. Organizamos uma pequena reunião pela manhã, na qual produzimos panfletos, dividimos os grupos e separamos a cidade em quatro áreas para alcançar o maior número possível de pessoas naquela tarde. Percorremos a cidade de porta em porta, conversando com os moradores, apresentando os projetos, convidando-os para as oficinas e aproveitando para conhecer mais sobre o local e a comunidade, que logo nos conquistou pela receptividade calorosa.

DIA 08 DE JULHO

No terceiro dia de atividades, demos início à colônia de férias no Colégio Turra, onde registramos informações sobre as crianças e seus responsáveis, incluindo uma ficha com contatos, nomes, idades e o número de participantes alcançados. Para facilitar a identificação, cada criança recebeu uma pulseira colorida indicando a faixa etária, com o nome escrito. Nosso objetivo era proporcionar um dia de diversão e aprendizado, para que elas aproveitassem ao máximo e levassem novos conhecimentos para casa. Organizamos uma série de atividades e brincadeiras educativas, como oficinas de reciclagem, contação de histórias, desenho, prevenção ao bullying, massinha, vôlei, futebol, além de brincadeiras como pular corda, pega-pega e ciranda. Para garantir a tranquilidade dos pais, oferecemos almoço e lanche, cuidando também da alimentação das crianças ao longo do dia.

DIA 09 DE JULHO

O segundo dia da colônia de férias foi tão divertido quanto o primeiro. Brincamos, corremos, dançamos, conversamos e organizamos novas atividades, acolhendo ainda mais crianças do que no primeiro dia. Embora a tarefa de lidar com tantas crianças simultaneamente parecesse caótica, foi recompensador ver como todas interagem, riam, brincavam e expressavam sua alegria, pedindo para que voltássemos em outras ocasiões, pois estavam adorando os dias juntos e não queriam que terminassem tão cedo. Em meio a tantas memórias especiais, três crianças em particular deixaram uma marca inesquecível: Enzo, Ana e Lívia. Durante esses dias, elas conquistaram completamente meu coração, e foi incrivelmente gratificante ver a felicidade em seus olhos, ouvir suas risadas e conversar sobre qual desenho faríamos ou qual brincadeira escolheriam em seguida. Meu desejo é que eles, assim como todas as outras crianças que participaram, tenham um futuro tão brilhante, amoroso e gentil quanto são. Tenho certeza de que sempre lembrarei desses dias com um sorriso no rosto, e espero que, para eles, essas memórias também sejam carregadas com carinho e alegria.

DIA 10 DE JULHO

Visitamos a Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Cultura, onde tivemos a oportunidade de interagir com um grupo de idosos que frequenta o local. Os rondonistas da área da saúde conversaram para conhecer melhor cada um deles, ofereceram algumas oficinas sobre a prevenção de doenças, cuidados com higiene corporal e exercícios de alongamento, enquanto os rondonistas da área de tecnologia realizaram uma oficina voltada para segurança digital na terceira idade.

DIA 11 DE JULHO

Nesse dia, visitamos a Aldeia Indígena Rio D'Areia Guarani Mbyá, onde fomos recebidos pelo cacique, responsável por cuidar de todas as atividades da aldeia e daqueles que moram ali. Ele nos mostrou a Casa da Cultura, um espaço dedicado a produção de artesanatos, que são vendidos para gerar uma fonte de renda. Em seguida, conhecemos a escola local, onde as crianças e adolescentes têm acesso a matérias comuns das escolas da cidade, com inclusão do ensino do guarani, idioma nativo da aldeia. Também visitamos a Casa de Reza, onde nos foi apresentado um pouco sobre as crenças, cultura e modo de vida, além de apresentarem algumas de suas danças e cantos. Foi muito interessante aprender de perto sobre uma nova cultura e ver como ela funciona. É uma oportunidade única e que, com certeza, agrega muito ao nosso conhecimento e aprendizado para a vida e como pessoa.

DIA 12 DE JULHO

Nesse dia, não conseguimos realizar uma atividade com a população por conta do tempo frio e da chuva. Então, visitamos uma estufa de morangos e tomates, onde pudemos aprender mais sobre a forma de cultivo e meio de renda do produtor rural. E ainda tivemos a oportunidade de representar a Operação Rondon na cerimônia de posse do novo Conselho Diretor do Rotary.

DIA 13 DE JULHO

Apesar do frio, seguimos com as atividades e visitamos a Escola Rio Claro, onde fizemos algumas atividades para as crianças, incluindo uma oficina de primeiros socorros e a preparação de um bolo de banana para compartilhar com todos. Naquela noite, realizamos uma pequena reunião entre os rondonistas para jogar e conversar um pouco, algo que se tornou parte da rotina. Essas reuniões foram essenciais para melhorar o trabalho em equipe e criar novas amizades.

DIA 14 DE JULHO

Foi o dia de conhecermos mais um pouco sobre os arredores da cidade. Então, visitamos diversos lugares com a ajuda do nosso motorista Paulinho, como algumas chácaras, chalés e produções rurais. Por conta do dia frio e da chuva, tiramos o resto do dia para descansarmos um pouco e planejarmos as atividades e materiais que iríamos usar no dia seguinte.

DIA 15 DE JULHO

Foi um dia muito divertido, onde visitamos o grupo Exemplo de Vida, um local em que as pessoas idosas se reúnem principalmente para dançar, cantar e conversar. Então, realizamos uma pequena gincana de conhecimentos gerais, palestras sobre saúde para a pessoa idosa e dançamos durante aquela tarde, além de fazermos uma pequena quadrilha para interagir e se divertir ainda mais com todos os participantes.

DIA 16 DE JULHO

Tivemos algumas oficinas na prefeitura da cidade. Aproveitamos o momento para tirar diversas fotos com a Professora Camila, a Márcia e o Professor Raphael que nos ajudaram, orientaram e ensinaram muito durante todos esses dias, além de todos os amigos que fizemos durante esses dias de operação. Durante a noite participamos de uma oficina de produção de sabão ecológico no Rotary Club de Inácio Martins.

DIA 17 DE JULHO

Fomos agraciados com um belo dia de sol em Inácio Martins, aproveitamos a manhã para organizar e fazer uma limpeza no espaço onde estávamos. Na parte da tarde, continuamos com mais algumas oficinas. À noite, realizamos a troca de presentes para descobrirmos quem era nosso anjo, uma brincadeira que foi proposta pela professora Camila no início da operação para que pudéssemos interagir e criar laços, a brincadeira foi bem recebida e aproveitada por todos os rondonistas durante todos esses dias. Guardarei com carinho todos os bilhetes e conversas desses dias.

DIA 18 DE JULHO

O último dia de atividades na cidade mal havia terminado, e já surgia um sentimento de saudades pelo carinho que construímos pelas pessoas e pelo lugar. Foram dias especiais, repletos de aprendizado, conversas, músicas, risadas, lágrimas e muitas outras coisas. Criamos amizades que levaremos para sempre na memória. Participar do RONDON foi uma experiência marcante, que sempre ocupará um espaço especial em minhas lembranças e em meu coração. É gratificante poder conhecer e aprender coisas novas, além de compartilhar e proporcionar uma nova perspectiva para a vida das pessoas através do que aprendemos na universidade.

Eu espero que o RONDON tenha deixado uma marca positiva na vida de muitas pessoas durante esses 15 dias, assim como marcou a minha. Sempre vai me alegrar perceber que as lembranças mais aquecidas do coração vêm justamente de Inácio Martins, uma das cidades mais frias do Paraná.

REGISTROS



FOTO: Abertura OPR 2024.



FOTO: Cachoeira Santini.



FOTO: Visita a Aldeia Indígena Rio D'Areia Guarani MBYÁ.



RELATO

THEO OKAGAWA RODRIGUES

Ciência da Computação
Campus de Apucarana
Conjunto B: Inácio Martins

INTRODUÇÃO

Participar da Operação Rondon em Inácio Martins foi uma experiência transformadora, marcada por desafios e aprendizados. Esta operação, conhecida por seu impacto social e comunitário, ofereceu uma oportunidade única de vivenciar a realidade de uma cidade do interior do Paraná e de contribuir de forma significativa para o desenvolvimento local. No relato a seguir, compartilho as vivências, as atividades realizadas e as lições que ficaram dessa imersão na comunidade, destacando a importância da ação conjunta entre estudantes, profissionais e moradores para promover melhorias sociais e estruturais.

Em toda minha jornada acadêmica, nunca imaginei que a universidade pública me levaria a um município como Inácio Martins, localizado no 3º planalto paranaense, com pouco mais de 10 mil habitantes, que se tornou um local onde pude aprender como nós, universitários, podemos contribuir diretamente para o desenvolvimento de comunidades frequentemente esquecidas pelo poder público. Em Inácio Martins, tive a oportunidade de aplicar na prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula e, ao mesmo tempo, aprender com as experiências e a cultura local. A vivência no município me fez perceber que, além das teorias acadêmicas, a interação humana e o trabalho em equipe são fundamentais para transformar a realidade dessas localidades.

A Operação Rondon também me proporcionou diversas novas amizades, vivências e experiências únicas, tanto com meus colegas de equipe quanto com os próprios habitantes da cidade. Essas conexões foram essenciais para o sucesso das atividades desenvolvidas e contribuíram para um ambiente de aprendizado e troca cultural. A convivência próxima com a comunidade local me permitiu entender melhor suas necessidades e desafios, ao mesmo tempo em que fortaleceu laços de cooperação e empatia, algo que levarei para minha vida pessoal e profissional.

COMUNIDADE INDÍGENA

Um de nossos planos na cidade era visitar e conhecer a Aldeia Indígena Rio D'Areia Guarani MBYÁ. Ao chegar no local, após cerca de 1h30min de viagem de onde estávamos alojados, fomos recebidos pelo cacique da aldeia, que gentilmente nos guiou por diversos pontos importantes, como a escola, a casa de cultura e a casa de reza. Este último lugar foi o que mais nos impactou coletivamente, proporcionando uma compreensão profunda da espiritualidade e da cultura Guarani. A visita nos fez refletir sobre a riqueza cultural preservada pela comunidade e a importância de valorizar e respeitar os saberes e tradições dos povos indígenas.

Além de nos apresentar esses locais, o cacique compartilhou conosco histórias e ensinamentos, destacando a relação profunda entre o povo Guarani e a natureza. A simplicidade e o respeito com que a comunidade vive nos tocaram de forma especial, mostrando que suas tradições não apenas sobrevivem ao tempo, mas continuam a ser a base de sua identidade e sabedoria. A experiência na aldeia foi um convite para repensarmos nossas próprias perspectivas de vida, nos conectando de maneira mais consciente com a diversidade cultural e a importância de preservar esses patrimônios imateriais.

OFICINAS

Nosso principal objetivo nesta operação era identificar as carências da cidade, desenvolver e ministrar oficinas que pudessem contribuir para o desenvolvimento da comunidade local. As oficinas foram planejadas de forma colaborativa, buscando atender às necessidades identificadas nas áreas de educação, saúde, meio ambiente e cidadania. A participação dos moradores foi essencial, pois o engajamento deles mostrou o quanto a comunidade estava aberta a novas ideias e propostas que pudessem gerar mudanças positivas. Entre as oficinas que ministramos, destacaram-se algumas voltadas para diferentes públicos da cidade. Para os professores do núcleo estadual, oferecemos uma oficina de "Tecnologia e Ferramentas para Educação", onde exploramos métodos para incorporar recursos tecnológicos no ensino, visando melhorar o aprendizado dos alunos.

Também realizamos uma oficina de "Primeiros Socorros", que capacitou os moradores a lidarem com situações de emergência. Além disso, promovemos uma oficina de culinária, onde as participantes aprenderam novas receitas e práticas saudáveis, e uma "Colônia de Férias" para as crianças, com atividades recreativas e educativas. Para promover o bem-estar físico, realizamos sessões de alongamentos e orientações sobre como cuidar do corpo, sempre com a ajuda de universitários de cursos correspondentes, como Educação Física, Ciência da Computação, Nutrição, Enfermagem e Pedagogia. Essas iniciativas trouxeram uma visão prática e aplicável para a comunidade, envolvendo todos em um processo de aprendizado ativo.

Além das oficinas, também realizamos atividades de integração e conscientização, nas quais o diálogo aberto com os moradores foi um fator determinante para o sucesso da operação. A troca de experiências, somada ao empenho coletivo, criou um ambiente de aprendizado mútuo, em que tanto nós, universitários, quanto a população local saímos transformados. Essa experiência reforçou em todos nós a convicção de que pequenas ações, quando feitas com comprometimento, podem causar grandes impactos nas comunidades, promovendo desenvolvimento social e humano.

SAUDADE...

Participar dessa operação foi uma experiência repleta de aprendizados significativos. Aprendi a agir mesmo sem estar 100% preparado, a me comunicar de maneira mais eficaz e a valorizar o trabalho em grupo. Essas duas semanas em que dormi em uma escola de Inácio Martins, cercado por mais de 20 pessoas, deixaram uma saudade imensa. Os amigos que fiz e as conversas profundas e enriquecedoras que tive foram verdadeiramente transformadoras, impactando minha vida de forma significativa.

Essas vivências não apenas ampliaram meu conhecimento, mas também me proporcionaram um forte senso de pertencimento e conexão, que levarei comigo para sempre. Sou grato a todos que fizeram parte dessa jornada e, especialmente, à universidade pública, que me proporcionou essa oportunidade de crescimento pessoal. Para encerrar, compartilho imagens dessas pessoas maravilhosas que se tornaram minhas amigas ao longo dessa experiência. Essas imagens simbolizam o poder das relações humanas e o impacto que podemos ter na vida uns dos outros.

REGISTROS



FOTO: Registro durante a OPR.



FOTO: Registro durante a OPR.



FOTO: Registro durante a OPR.



Se você chegou até aqui, conseguiu notar que a Operação Rondon Paraná, através dos relatos aqui reunidos, mostra-se como uma iniciativa transformadora tanto para os rondonistas quanto para as comunidades atendidas. As experiências relatadas pelos rondonistas neste livro refletem o poder da extensão universitária na construção de valores de cidadania, solidariedade e responsabilidade social. Enfrentando desafios como o clima adverso, a mobilização da comunidade e o choque cultural, os rondonistas expandiram sua compreensão da realidade e fortaleceram habilidades essenciais para sua formação acadêmica e humana. O contato direto com realidades diversas promoveu o aprendizado técnico, bem como o desenvolvimento de uma empatia genuína, deixando marcas profundas nas vidas de todos os envolvidos.

Ao concluir esta jornada de histórias e trocas, reafirmamos o compromisso com o propósito de construir uma sociedade mais integrada e consciente. Que estas vivências inspirem novas gerações a continuarem a trilhar esse caminho de aprendizado mútuo. Nos vemos na próxima edição da Operação Rondon, prontos para mais uma jornada de impacto e crescimento conjunto e em mais uma edição de relatos, deixando registrado como este projeto é uma verdadeira formação de cidadania a todos que possuem o privilégio de participar.

Operação Rondon Paraná 2024

Equipe UNESPAR

REFERÊNCIAS

CIDADE-BRASIL. **Município de Reserva do Iguaçu, Paraná.** 2021. Disponível em: <<https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-reserva-do-iguacu.html>> Acesso em: 16 agos. 2024.

LABIAK, F. P.; NOVAIS, M. M. de; SILVA, G. de N.. Papo reto sobre violência contra a mulher: relato de experiência de uma prática de extensão universitária. **Revista de Extensão**, v. 17, p. 145-158, 2020. DOI: <https://doi.org/10.14295/de.v8i2.11525>

SETI, Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior. **Operação Rondon Paraná 2024 define lista final dos municípios contemplados.** Disponível em: <<https://www.seti.pr.gov.br/Noticia/Operacao-Rondon-Parana-2024-define-lista-final-dos-municipios-contemplados>> Acesso em 13. ago. de 2024.

PARANÁ. **Operação Rondon Paraná encerra atividades com quase 15 mil pessoas atendidas.** 2023. Agência Estadual de Notícias. Disponível em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Operacao-Rondon-Parana-encerra-atividades-com-quase-15-mil-pessoas-atendidas>. Acesso em: 07 nov. 2023.

USP, Universidade de São Paulo. (2024). **Cultura e extensão.** Disponível em: <<https://www5.usp.br/extensao>>. Acesso em 13. ago. de 2024.

STECZ, Solange Straube. **Cinema e Educação: produção e democratização do audiovisual com crianças e adolescentes em Curitiba.** São Carlos: Tese (doutorado em educação), UFSCAR, 2015.

CARDOSO, R. D. **Extensão Universitária na UNESPAR de União da Vitória: ações, registros e perspectivas.** Curitiba: Editora CRV, 2022. p. 13.

SILVA, S. S. C; Sanches, V. G. **Extensão Universitária na UNESPAR de União da Vitória: ações, registros e perspectivas.** Curitiba: Editora CRV, 2022. p. 18.



Salete Machado Sirino
Reitora

Edmar Bonfim de Oliveira
Vice-reitor

Ivone Ceccato
Chefe de Gabinete

Marlete dos Anjos da Silva Schaffrath
Pró-reitora de Ensino de Graduação

Carlos Alexandre Molena Fernandes
**Pró-reitor de Pesquisa
e Pós-graduação**

Rosimeiri Darc Cardoso
Pró-reitora de Extensão e Cultura

Andréa Sérgio Bertoldi
**Pró-reitora de Políticas
Estudantis e Direitos Humanos**

Sydnei Roberto Kempa
Pró-reitor de Planejamento

Helena de Oliveira Leite
**Pró-reitora de Administração e
Finanças**

Valderlei Garcia Sanches
**Pró-reitor de Gestão de
Pessoas e Desenvolvimento**

EQUIPE OPERAÇÃO RONDON PARANÁ UNESPAR

Sebastião Cavalcanti Neto
Coordenador Institucional

Camila Matos
Professora Orientadora

Valderice Herth Junkes
Professora Orientadora

João Miquilini
Agente Universitário Orientador

Marcia Cristiane Moraes Bortoleto
Agente Universitária Orientadora